

# **UNIVERSIDADE FEDERAL DE PELOTAS**

Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais



Dissertação

**A carreira do presbítero:**  
entre instituições, performances e disposições

**Caio Ricardo Duarte Ribeiro**

CAIO RICARDO DUARTE RIBEIRO

**A CARREIRA DO PRESBÍTERO:  
ENTRE INSTITUIÇÕES, *PERFORMANCES* E DISPOSIÇÕES**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais da Universidade Federal de Pelotas, como requisito parcial à obtenção do título de Mestre em Ciências Sociais.

Orientador: Prof. Dr. Wilson José Ferreira de Oliveira

Pelotas, 2011

**Dados Internacionais de Catalogação na Publicação:**  
**Bibliotecária Daiane Schramm – CRB-10/1881**

R484c     Ribeiro, Caio Ricardo Duarte  
              A Carreira do Presbítero: entre instituições,  
              disposições e performance/ Caio Ricardo Duarte  
              Ribeiro; Orientador: Wilson José Ferreira de Oliveira. –  
              Pelotas, 2011.  
              107f.

              Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais) –  
              Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais.  
              Instituto de Sociologia e Política. Universidade Federal  
              de Pelotas.

              1. Carreiras. 2. Performances. 3. Presbíteros. 4.  
              Disposições. I. Oliveira, Wilson José Ferreira de,  
              orient. II. Título.

CDD 338

**Banca examinadora:**

Prof. Dr. Flávio Sacco dos Anjos – UFPel (Presidente)

Prof. Dr. Francisco Pereira Neto – UFPel

Profa. Dra. Adriane Luisa Rodolpho – UFPel

Prof. Dr. Rogério Gonçalves da Rosa - UFPel

Pelotas, 25 de agosto de 2011

*À minha família*

## **Agradecimentos**

Para a realização deste trabalho, foram muito caros o apoio institucional e o estímulo e incentivo que recebi de familiares, professores, colegas e amigos. Aproveito a oportunidade para lembrar de alguns dos nomes que contribuíram para que eu pudesse superar os muitos obstáculos e prosseguir no aprendizado da carreira do presbítero.

Gostaria de agradecer a minha família pelo apoio nos momentos difíceis que se passaram ao longo do desenvolvimento desta pesquisa. Não poderia deixar de registrar o meu mais profundo agradecimento aos meus avós, a minha dinda e aos meus pais. Também meu sincero reconhecimento a Simone Xavier Moreira por ter me cuidado e por ser uma das principais incentivadoras da minha vida acadêmica.

Um especial agradecimento aos amigos Adão Fernando Monquelat, pelas longas conversas e Edgar Barbosa Neto, pela inestimável contribuição. A ambos deixo meu reconhecimento.

A todos os integrantes da coordenação da Pastoral Vocacional pela amizade que se desenvolveu ao longo do percurso desta pesquisa, em especial as irmãs Eliete Dal Molin e Luciane Piovesan.

Do mesmo modo, gostaria de agradecer ao Seminário São Francisco de Paula, na figura dos padres Enéias Carniel, Antonio Reges Brasil e Carlos Rômulo, os quais me acolheram e atenderam com grande solicitude aos meus pedidos.

Aos candidatos ao seminário pela confiança depositada, bem como pela sinceridade em revelar certos elementos de suas trajetórias.

O meu sincero agradecimento aos professores do programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais, em especial, às professoras doutoras Beatriz Ana Loner e Renata Menashe.

Agradeço também aos professores Dr. Francisco Pereira Neto, Dra. Adriane Rodolpho e Dr. Rogério Rosa, os quais aceitaram compor a banca examinadora de meu trabalho.

Quero somar os meus mais profundos agradecimentos ao professor Dr. Flávio Sacco dos Anjos que aceitou presidir a banca de defesa da presente pesquisa.

Deixo uma nota de gratidão ao Laboratório dos Estudos do Poder e da Política da Universidade Federal de Sergipe, especialmente aos professores Dr. Ernesto Seidl e Dra. Fernanda Petrarca com quem aprendi muito.

E, por fim, agradeço ao meu orientador, o professor Dr. Wilson José Ferreira de Oliveira, pelo incentivo quando da escolha da temática, pela orientação competente e segura em todos os passos deste trabalho e por sua confiança em minha capacidade para desenvolver esta pesquisa.

*Caminhei sempre por estrada duvidosa traçada em  
terreno movediço; se o fiz com passos firmes ou vacilantes,  
outros, que não eu, o dirão.*

“Eurico, o presbítero”, Alexandre Herculano



## Resumo

RIBEIRO, Caio Ricardo Duarte. **A carreira do presbítero: entre instituições, performances e disposições**. 2011. 106f. Dissertação - Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais. Universidade Federal de Pelotas, Pelotas.

O presente estudo objetiva compreender os ritos de instituição na carreira do presbítero. Neste sentido, realiza-se o processo de modificação da representação dos vocacionados, particularmente na fase pré-seminário ao longo da primeira década do século XXI, na Arquidiocese de Pelotas estado do Rio Grande do Sul. Trata-se tanto da imagem, quanto da autoimagem que estes jovens são levados a assumir no itinerário ao seminário. Ademais, outra dimensão significativa é a análise do patrimônio de disposições construído para a vida clerical em diversas redes de interações, seja na família, na escola, no próprio universo religioso. Além disso, a mudança no tipo de catolicismo praticado no Brasil ajudou na redefinição das performances socialmente aceitas, especialmente no investimento numa experiência religiosa mais subjetiva, em que os vocacionados ao sacerdócio aparecem como um dos eixos importantes de confirmação do arcabouço dogmático e teológico eclesial. Por conseguinte, circunscreveu-se as carreiras de presbíteros de três naturezas: os vocacionados com forte engajamento na Igreja, os vocacionados com uma participação sacramental e os oriundos de outras religiões.

Palavras-chave: Carreiras. Performances. Presbíteros. Disposições.

## Abstract

RIBEIRO, Caio Ricardo Duarte. **The career of the priest, between institutions, performance and provisions.** 2011. 106f. Dissertação - Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais. Universidade Federal de Pelotas, Pelotas.

This study aims to understand the rites of institution in the career of the priest. Just as it holds the process of changing the representation of oriented, particularly in the pre-seminar over the first decade of this century in the Diocese of Pelotas Rio Grande do Sul. This is both the image and self-image that these young people are driven to take the route to the seminar. Moreover, another significant dimension is the analysis of the equity of provisions built into the clerical life in various networks of interactions, namely the family, school, religious universe itself. In addition, the change in the type of Catholicism practiced in Brazil helped redefine socially acceptable performances, especially in the investment in a more subjective religious experience in the vocation to the priesthood appear as an important confirmation of the axes of the dogmatic and theological framework of the Church. Therefore confined to the careers of three kinds of priests: The oriented with strong engagement in the Church who are called to a sacramental participation and those from other religions.

Keywords: Careers. Performances. Priests. Arrangements.

## Sumário

<b>Introdução .....</b>	<b>11</b>
<b>1 Carreira, socialização e <i>performance</i> .....</b>	<b>15</b>
1.1 Dos Ritos de Passagens aos Ritos de Instituição .....	16
1.2 O Comportamento restaurado e as Disposições .....	27
1.3 A noção de Carreira .....	33
<b>2 O recrutamento e a formação sacerdotal .....</b>	<b>39</b>
2.1 Problemas na constituição de vocações e na formação sacerdotal no Período Colonial .....	40
2.2 As vocações sacerdotais e a atuação dos padres, no Brasil Independente .....	45
2.3 O Período Republicano: da romanização à Igreja da Libertação .....	46
2.4 As vocações sacerdotais no Rio Grande do Sul: o Celeiro Vocacional ..	50
2.5 A Maçonaria e a falta de vocações sacerdotais na Arquidiocese de Pelotas .....	53
<b>3 Estruturas e agentes do trabalho vocacional .....</b>	<b>59</b>
3.1 Pastoral Vocacional: entre ritos de instituição e performances .....	60
3.2 O vocacionado e sua vocação .....	63
3.3 Grupos e agentes vocacionais em nível comunitário-paroquial .....	64
3.4 Grupos e agentes vocacionais em nível diocesano .....	66
3.5 Eventos diocesanos .....	68
3.6 <i>Performance</i> na Pastoral Vocacional .....	75
<b>4 A carreira do vocacionado .....</b>	<b>82</b>
4.1 Indicadores sociais .....	82
4.2 Itinerários de chegada à Pastoral Vocacional .....	85

<b>4.3 Dinâmicas e padrões de carreiras de presbíteros .....</b>	<b>92</b>
4.3.1 Os vocacionados com forte engajamento na Igreja .....	92
4.3.2 Os Sacramentos como orientadores da vida eclesial .....	95
4.3.3 De outra religião .....	98
 <b>Conclusão .....</b>	 <b>100</b>
 <b>Referências .....</b>	 <b>103</b>

## Introdução

A presente pesquisa é resultado do esforço de compreensão das trajetórias de indivíduos que se compreenderam – ou foram percebidos como – vocacionados ao sacerdócio católico na Arquidiocese de Pelotas<sup>1</sup> no estado do Rio Grande do Sul, com o objetivo de compreender o processo de socialização da carreira do presbítero.

Neste sentido, torna-se relevante compreender o processo de socialização religioso via família, escola, Comunidade Eclesial de Base (CEB) entre outros. Além disso, é importante também identificar os elementos que acionam determinados esquemas de disposições, particularmente ao presbitério, os quais passam a influenciar a *performance* destes indivíduos. Um destes elementos é a Pastoral Vocacional<sup>2</sup> em seus diversos níveis, a saber, comunitário, paroquial e diocesano com as suas diferentes atividades no sentido de estimular as vocações sacerdotais.

A metodologia utilizada para a realização deste estudo foi organizada em três etapas. Na primeira, de cunho bibliográfico e documental, foram consultadas e analisadas diversas obras, além de consulta a fontes primárias que ajudaram a compreender a perspectiva diacrônica. Em seguida, foi realizado o trabalho de campo, ou seja, foram realizadas visitas, observações e entrevistas qualitativas, com um roteiro estruturado de questões abertas e, por último, os dados observados foram lidos à luz das referidas teorias e sintetizados no presente texto.

Para tanto, formam sujeitos desta pesquisa, candidatos ao seminário, vocacionados, integrantes da coordenação diocesana da Pastoral Vocacional e presbíteros. A escolha destes sujeitos deu-se a partir do papel que cada um destes grupos desempenha na construção da carreira presbiteral. Além disso, a observação

---

<sup>1</sup> Segundo o Código de Direito Canônico, a diocese é uma porção do Povo de Deus confiada ao pastoreio do Bispo com a cooperação do presbitério (Cân. 369). Corresponde, geralmente, a uma área geográfica definida, centrada numa cidade principal e é chefiada por um bispo ou arcebispo. A Diocese de Pelotas – elevada à condição de Arquidiocese pelo Papa Bento XVI, no dia 13 de abril de 2011 – é composta pelas cidades de Pelotas, São Lourenço do Sul, Pedro Osório, Cerrito Alegre, Turuçu, Canguçu, Arroio Grande, Herval, Capão do Leão, Jaguarão, Piratini, Morro Redondo e Arroio do Padre.

<sup>2</sup> Segundo o Concílio Vaticano II, na constituição pastoral *Gaudium et Spes*, pastoral não se limita a ação dos pastores, mas a ação de toda a comunidade, de toda a Igreja. Logo, a Pastoral Vocacional é um trabalho pastoral da Igreja que visa despertar os cristãos para a vocação humana, cristã e eclesial, discernir os sinais indicadores do chamado de Deus, cultivar os germes de vocação e acompanhar o processo de opção vocacional consciente e livre (Doc. 55 da CNBB).

participante foi efetuada junto a todos estes grupos, os quais têm uma visão privilegiada da fase pré-seminário.

No processo de desenvolvimento desta pesquisa, percebeu-se que o florescimento de um número grande de igrejas concorrentes no mercado religioso brasileiro fez o catolicismo trocar rumos para melhor responder a nova realidade religiosa na qual está inserido. Além disso, a Igreja ao longo da década de 1990 modificou-se significativamente, pois foi efetuado um redirecionamento da sua ação pastoral. O aprofundamento da experiência eclesial dos chamados “movimentos” modificou profundamente o modo de ser Igreja Católica no Brasil e na América Latina.

A partir destes condicionantes e de outros, o caminho percorrido em uma carreira presbiteral alterou-se, pois no período anterior a 1990 uma das características importantes na constituição das carreiras era a militância, o engajamento em causas sociais, já que tal período estava sob influência da Teologia da Libertação.

Tendo em vista estes elementos, lançou-se mão de um aporte teórico que tivesse capacidade de unir esses diversos níveis da realidade social. Nesta perspectiva, o conceito de *performance* com sua multiplicidade de acepções e interpretações faz-se relevante. Contudo, a base de análise deste conceito é a definição de Emile Durkheim (2009) de coerção social, assim a ideia subjacente é de que os indivíduos são coagidos a comportarem-se de determinada forma, ou seja, a agir de modo ritualizado na vida cotidiana.

Não obstante, a *performance* dos indivíduos em determinado papel é condicionado ao seu itinerário biográfico, ao capital acumulado no convívio familiar, escolar, eclesial entre outros. Deste modo, categorias como comportamento restaurado, patrimônio de disposições e ruptura biográfica ajudam na compreensão destas questões. Para articular estas variadas dimensões da realidade social, optou-se pelo conceito de carreira procurando demonstrar como os comportamentos são socialmente construídos, isto é, a partir da compreensão de que a carreira do presbítero não começa quando este indivíduo recebe o sacramento da ordem. Existe todo um caminho percorrido anteriormente, no sentido de modificar o eu da pessoa para o novo papel que ela “deseja” assumir.

Com base nesta reflexão, o primeiro capítulo tem por objetivo o debate teórico com propósito de esclarecer as questões atinentes ao modo de utilização do

arcabouço conceitual. Por conseguinte, as principais correntes teóricas ligadas a noção de *performance* e ritual são apresentadas e delimitadas. Também, o conceito de comportamento restaurado e disposições, destacando fundamentalmente a preocupação com o passado dos indivíduos, isto é, o processo de socialização escolar, religiosa, familiar e etc. como elemento condicionante das possibilidades de carreiras, inclusive o modo como vivenciar tal carreira.

Portanto, admitindo o peso que o passado tem na realidade social, o segundo capítulo pretende abordar a reconstrução institucional da Igreja no que diz respeito a dois pontos fundamentais, a saber, o recrutamento de vocacionados ao sacerdócio e a formação sacerdotal. A participação da Companhia de Jesus neste processo é, sem dúvida, muito significativa, pois estes estiveram à frente desde o começo da colonização portuguesa no Brasil. Além disso, são destacados os fatores que levaram o Rio Grande do Sul a ficar conhecido como o celeiro das vocações sacerdotais. Ademais, neste capítulo apresenta-se as dificuldades históricas da região sul do Rio Grande do Sul em fomentar vocações nativas. Finalizando com a apresentação dos primeiros passos da Pastoral Vocacional na Arquidiocese de Pelotas.

Nesta perspectiva, o terceiro capítulo tem como fundamento principal analisar as estruturas e agentes atuais da pastoral das vocações, os quais ajudam a modificar o destino social dos vocacionados. Assim, um primeiro elemento a ser analisado é a função social da Pastoral Vocacional que está ligada, por um lado, a separar os vocacionados ao sacerdócio dos que não são e, por outro, a instituir os primeiros como candidatos ao seminário. Outro elemento abordado são os eventos direcionados aos vocacionados, quais sejam, a Peregrinação Vocacional, os retiros entre outros. Ademais, as estruturas paroquiais também são abordadas no sentido de explicitar suas lógicas de funcionamento.

No quarto capítulo foram analisadas as carreiras propriamente ditas, isto é, os itinerários percorridos por indivíduos até sua chegada ao seminário. Entretanto, primeiro foram analisados alguns indicadores sociais, pois é imperativo questionar uma certa imagem que se firmou academicamente com o passar dos anos, de que todos os padres ou vocacionados teriam origem rural. Existem indicadores suficientes que ajudam a modificar tal perspectiva, destacando atualmente as cidades como grandes fornecedoras de vocacionados. Não obstante, é significativo

pensar a força destes conceitos, quais sejam o rural e urbano, isto é, qual o valor analítico para o objeto desta pesquisa.

Também, foram analisados os itinerários até a chegada dos jovens a Pastoral Vocacional. Além disso, foram analisadas algumas carreiras específicas, sublinhando três padrões básicos que vem ocorrendo. Em primeiro lugar, os jovens com forte vínculo a Igreja, isto é, com a constituição de um patrimônio de disposições ao sacerdócio desenvolvido no interior da vida eclesial católica. Em segundo lugar, indivíduos que se definiam católicos, no entanto, tinham uma posição mais afastada da vida interna da Igreja tendo como fato desencadeador da sua vocação algum evento limite, por exemplo, doença de algum parente ou falecimento. Em terceiro lugar, alguns indivíduos que frequentavam outras religiões ou denominações cristãs e por alguma circunstância acabaram buscando o sacerdócio na Igreja Católica.

Portanto, ao empenhar-se em compreender qual o caminho realizado na atualidade por jovens ao presbitério na Arquidiocese de Pelotas procurou-se trazer a luz as lógicas próprias do universo religioso católico e seus efeitos em um contexto social específico. Neste sentido, fora utilizado um instrumental teórico original e, em larga medida, relativizou-se as representações dominantes a respeito da análise das *performances* e rituais, bem como da carreira do presbítero.



## 1 Carreira, socialização e *performance*

O presente capítulo tem como objetivo salientar as principais correntes teóricas e respectivos conceitos no que tange aos estudos de carreira, socialização, *performance* e ritual. Trata-se de demonstrar como tais conceitos articulam-se para a compreensão dos itinerários biográficos de vocacionados ao sacerdócio católico, particularmente no que diz respeito ao peso que o passado tem em termos de escolhas do presente e de seus efeitos na *performance* dos indivíduos.

O enfoque dos estudos de *performances* é uma das tendências recentes que parece ganhar força entre as perspectivas da teoria social, a qual tem priorizado os eventos rituais e o teatro como suporte para análise da realidade social (SILVA, 2005). Nesse sentido, pode-se dizer que a maioria dos pesquisadores vinculados a tal perspectiva tem priorizado as abordagens “internalistas” dos rituais. Com efeito, tem-se uma imensa bibliografia na qual a preocupação central está em torno das “fases dos rituais” e das sequências destas etapas, deixando de lado a discussão das funções do ritual e de suas vinculações com os elementos de dominação e poder (BOURDIEU, 2008). Neste sentido, uma das referências pioneiras neste campo é Victor Turner, o qual elevou significativamente as análises dos rituais com cunho interno (DEFLEM, 1991). Em consonância com isso, a perspectiva que está orientando a presente pesquisa tem como base a formulação de Pierre Bourdieu (2008) em torno do conceito de “ritos de instituição”.

Tal perspectiva possibilita enfatizar os elementos externos das *performances*, bem como evidenciar suas vinculações com as noções de “comportamento restaurado” de Richard Schechner (1985) e de “carreira” de Erving Goffman (2008a). Assim, é de grande relevância a noção de carreira na medida em que possibilita demonstrar como a realidade social é dinâmica. Ademais, as possibilidades analíticas abertas a partir deste conceito ajudaram muito na compreensão da carreira presbiteral.

Dessa forma, as disposições e o comportamento restaurado somam-se na perspectiva de melhor analisar a biografia dos indivíduos, particularmente dos vocacionados ao sacerdócio católico, isto é, tais perspectivas nos colocam diante da

investigação de quais caminhos os indivíduos percorreram para desenvolver a possibilidade de vir a ser padre; de quais as influências da família, da Igreja ou da escola que ajudaram a constituir este patrimônio de disposições. Neste sentido, procura-se explicar o sentido destes conceitos, os principais teóricos destas perspectivas de análise e suas divergências, bem como alguns conflitos existentes na utilização de tais conceitos.

### **1.1 Dos Ritos de Passagens aos Ritos de Instituição**

Os estudos sobre rituais são uma temática clássica nas Ciências Sociais. Pode-se observar a grande quantidade de trabalhos realizados ao longo do século XX<sup>3</sup> que envolvem este assunto. Logo, é possível dividir as principais perspectivas e seus respectivos conceitos em duas posições básicas, quais sejam: de um lado, todos os estudos que aceitam a perspectiva do ritual como evento comunicativo; de outro, os estudos preocupados com as relações de dominação e poder na *performance* ritual.

Para este estudo, faz-se relevante a análise da segunda posição referenciada, no entanto, sem a intenção de absolutizá-la, mas levando em consideração o fato de que as correntes que concebem o ritual como evento comunicativo, analisam internamente tal fenômeno e, embora não se pretenda negar tal perspectiva, não é objetivo deste trabalho a análise dos rituais como dimensão simbólica e ligada as fases.

No âmbito da primeira perspectiva destaca-se o trabalho de Victor Turner (2008, 1982, 1974, 1987). Este foi influenciado (e financiado) pelo antropólogo Max Gluckman – quando este era diretor do departamento de antropologia da escola de Manchester –, o qual, por sua vez, formou-se nos quadros da influência “[...] da ortodoxia de que ele [Gluckman] se imbuíu em Oxford, através dos ensinamentos de Radcliffe-Brow e Evans-Pritchard” (KUPER, 1978, p. 175).

Turner realizou trabalho de campo na África Central entre a tribo dos Ndembus. Uma das suas principais questões era compreender a matrilinearidade em conflito com a virilocalidade, nas tribos Ndembus, e a função do ritual neste contexto, na visão de Mathieu Deflem:

---

<sup>3</sup> O número de trabalhos é vasto, portanto, extrapolaria a proposta da presente pesquisa relacioná-los todos neste capítulo.

Turner regarded ritual in his doctoral dissertation only as mechanisms of redress in a conflictual Ndembu society. However, from Gluckman Turner also adopted the insight of stressing the dynamic processes of conflicts in societies. Turner developed the social drama approach to transgress the static framework of classical structure-functional analyses and to reveal “social structure in action” (DEFLEM, 1991, p. 4).

Assim, a visão de ritual de Turner estava inicialmente ligada à superação do estático esquema clássico do estrutural-funcionalismo britânico. Nesse sentido, para ele a função do ritual está articulada à ação reparadora dos conflitos sociais da sociedade Ndembu, como se o ritual fosse uma cola, cuja principal ação é unir as tribos (DEFLEM, 1991). Nesta perspectiva, a preponderância da influência de Manchester no foco de pesquisa e na principal preocupação, a saber, a função do ritual era notória.

Outro elemento a ser levado em consideração é o aspecto metodológico, o qual se constituiu em inovação dentro dos quadros do estrutural-funcionalismo e foi sublinhado por Kuper:

Como o foco incidia sobre os indivíduos – *em seus papéis prescritos* – o caminho que partia desse gênero de estudo iria levar à análise de rede, teoria do jogo e outros métodos de conceptualização das estratégias da vida cotidiana. Os bolsistas Rhodes-Livingstone estavam começando a afastar-se dos estruturalistas e a aproximar-se do que foi chamado “*individualismo metodológico*”; mas isso ainda não era evidente na década de 1950 (KUPER, 1978, p. 181, grifos meus).

A partir destes elementos, torna-se pertinente destacar que nas origens de sua pesquisa – com sociedades tradicionais – “os papéis prescritos e o individualismo metodológico” já se constituíam em instrumento analítico da realidade social. Turner conseguiu em seu trabalho dar sequência tanto ao esquema do conflito ritual desenvolvido por Gluckman (1952), bem como a ideia de prescrição dos papéis sociais de Durkheim (2009) se diferenciando pela referida ênfase no individual.

Na década de 1960, tal preocupação com a função do ritual foi colocada de lado e a análise simbólica passou a predominar se afastando mais da clássica antropologia britânica. Desse modo, Turner passou a ser influenciado pelos estudos do folclorista francês Arnold Van Gennep (2011) notadamente através dos *ritos de passagem*:

Turner também enfatizou a *multivocalidade* ou múltiplos significados dos símbolos, implicando que os símbolos em si mesmos poderiam ser uma fonte de mudança repleta de tensão e que símbolos idênticos poderiam significar coisas diferentes para diferentes pessoas, criando assim um senso de comunidade entre pessoas que de outra forma seriam diferentes (ERIKSEN; NIELSEN, 2007, p. 122).

Dessa forma, Van Gennep passou a influenciar profundamente a visão de ritual de Turner, especialmente a fase de transição, a qual é definida por aquele como um momento de liminaridade, pois não se consegue classificar o indivíduo pelos esquemas sociais naturalizados nos quais a sociedade hierarquiza normalmente a sua realidade.

Assim, Turner desenvolveu o conceito de liminaridade, o qual, “[...] constitui o foco do ritual, que procura controlar e impor os valores da sociedade sobre o indivíduo vacilante” (ERIKSEN; NIELSEN, 2007, p. 121). Nesta perspectiva, a liminaridade “[...] freqüentemente é comparada à morte, ao estar no útero, à invisibilidade, à escuridão, à bissexualidade” (TURNER, 1974, p. 116). Tal conceito está articulado ao de drama social, definido como “[...] unidades de processo anarmônico ou desarmônico que surgem em situações de conflito” (TURNER, 2008, p. 33). Numa perspectiva processual do ritual, este pesquisador enfatiza a relação entre conflito e ritual – pelas influências recebidas da escola de Manchester, mais especificamente de Max Gluckman –, sendo o ritual o motor das soluções das disputas de parentesco na sociedade Ndembu.

Nessa perspectiva, o foco é a sequência dos rituais. Com efeito, Turner procurou apresentar a sua série ritual, a saber, 1ª) separação ou ruptura; 2ª) crise e intensificação da crise; 3ª) ação remediadora; e a 4ª) reintegração – desfecho final, que pode ser trágico [rompimento definitivo] ou fortalecer a estrutura – (TURNER, 2008). Neste sentido, o enfoque na sequência acabou por se constituir no elemento central na reflexão do mesmo. A pergunta que se coloca é qual o valor heurístico destas fases e a função, afinal, que elas exercem para ajudar na análise da realidade social.

A partir da segunda metade da década de 1970, Turner passou a estudar as sociedades complexas através de categorias desenvolvidas ao longo de seu trabalho de campo entre os Ndembus. Entretanto, ele procurou diferenciar os rituais tribais daqueles da sociedade moderna. Nas palavras de Deflem:

Still, Turner did view rituals in modern industrial society as having some characteristics from the tribal rituals he studied in Ndembu society. In tribal societies “all life is pervaded by invisible influences” (Turner 1976a: 507). In this way, tribal societies are wholly religious, and ritual actions surrounding their religious are “nationwide”; they are oriented towards “all members of the widest effective community” (Turner 1977b:45). In modern societies, on the other hand, religion is “regarded as something apart from our economic, political, domestic and recreational life. Religion is part of the division of social labor” (Turner 1976a: 507; cf. Turner 1968c: 441-443). [...] The rituals of modern, industrial religion were denoted by Turner as liminal (as are tribal rituals where religion and other cultural sectors are interwoven) (DEFLEM, 1991, p. 17).

O esforço empreendido por Turner (1982) para diferenciar rituais tribais de rituais da moderna sociedade industrial esbarram na ambiguidade das definições de ritual. Embora, todos os rituais tenham conotação religiosa, Turner procurou estabelecer modelos de rituais das sociedades complexas e tribais. Desta forma, a definição de ritual não tem diferença entre as sociedades em que a dimensão religiosa está ou não entrelaçada as outras esferas sociais.

Assim, para as sociedades modernas ele forjou um novo conceito, qual seja, o de liminóide. Segundo o antropólogo,

Liminoid phenomena tend to be more idiosyncratic, quirky, to be generated by specific names individuals and in particular groups – “schools”, circles, and coteries – they have to compete with one another for general recognition and are thought of at first as ludic offerings placed for sale on the “free” market – this is at least true of liminoid phenomena in nascent capitalistic and democratic-liberal societies (TURNER, 1982, p. 54).

A abordagem das *performances* recreacionais (por exemplo, concertos musicais, teatro, entre outros) passou a ser o foco analítico de Turner na sua antropologia da *performance*. Contudo, Turner acabou por definir tanto em sociedades tribais, como em sociedades complexas, os rituais como “liminal”. Com efeito, Deflem aponta a limitação desta conclusão ao afirmar que: “Turner seems to have underestimated his distinction between the liminal and liminoid, as well as the differences between tribal and modern societies” (DEFLEM, 1991, p. 17).

Ademais, outra crítica quanto à abordagem de Turner é o fato de não ter efetuado uma diferenciação entre rituais de cunho religioso, isto é, aqueles em que o envolvimento do sobrenatural é preponderante e aqueles nos quais a perspectiva ritualística é acionada sem uma conotação metafísica. Assim, as perspectivas abertas pelo conceito de liminóide deixam um conjunto de lacunas, pois, “on the one

hand, he considered all rituals to have religious connotations” (DEFLEM, 1991, p. 17). Neste sentido, um princípio básico da análise ritual de Durkheim (1989) é mantido por Turner, qual seja, a separação entre sagrado e profano, a qual é conservada para sua perspectiva explicativa sobre a antropologia da *performance*.

Em outro pólo semântico, os estudos de Pierre Bourdieu (2008), o qual designa o ritual no sentido do poder da ação ritual e da função do mesmo, constituindo assim momentos de legitimação da ascensão social de indivíduos e denominando tais situações como “ritos de instituição”.

Antes de avançar na reflexão a respeito dos rituais e *performances* é significativo destacar que Turner desenvolve a temática dos ritos concebendo-os como cerimônias, isto é, momentos circunscritos no tempo e no espaço para resolução de conflitos ou ascensão social. Ademais, nesta mesma perspectiva, estão os trabalhos de *performance* de Erving Goffman.

Nesta perspectiva, Pierre Bourdieu, analisa também os rituais, no entanto a partir de um questionamento básico à teoria dos ritos de passagem.

Para ir mais longe, é preciso endereçar a teoria dos ritos de passagem certas questões que ela mesma não suscita e, em particular, aquelas atinentes à função *social* do ritual e da significação social da linha, do limite cuja passagem o ritual torna lícito, a transgressão (BOURDIEU, 2008, p. 97, grifos do autor).

Através destas perguntas, Bourdieu (2008) procurou colocar em xeque a teoria dos ritos de passagens iniciada por Van Gennep (1911) – como já foi referido – e continuada por Turner, visto que este propôs uma troca no nome da teoria. Logo, deixaria de se denominar “ritos de passagem” para se chamar “ritos de instituição”, pois

[...] ao enfatizar a passagem temporal (por exemplo, da infância à idade adulta), essa teoria não estaria mascarando um dos efeitos essenciais do rito, qual seja o de *separar* aqueles que já passaram por ele daqueles que ainda não o fizeram e, assim, instituir uma diferença duradoura entre os que foram e os que não foram afetados (BOURDIEU, 2008, p. 97).

No caso da Pastoral Vocacional, a referida ideia de rito de instituição constitui-se com um valor explicativo de grande relevância, porque é exatamente esta a ação, a saber, instituir os vocacionados ao sacerdócio dos que não são passíveis desta ação. Neste sentido, é necessário perguntar de que modo tal

instituição ocorre. Ou seja: será um ato completamente realizado pela ação da Igreja através da Pastoral Vocacional? Qual a participação do indivíduo neste processo? Quais as consequências destes elementos na *performance* dos vocacionados?

Os jovens selecionados por esta pastoral são instituídos pela ação eclesial como indivíduos chamados por Deus para o sacerdócio, operando assim uma divisão entre os que são vocacionados ao matrimônio e os que são à vida religiosa. Neste sentido, Bourdieu aponta a importância da linha que divide:

Na realidade, o mais importante, e que em geral passa despercebido, é a divisão que esta linha opera entre o conjunto daqueles passíveis de serem circuncidados – os meninos, os homens, crianças ou adultos – daqueles que não o são, a saber, as meninas e as mulheres. Existe, portanto, um conjunto oculto em relação ao qual se define o grupo instituído (BOURDIEU, 2008, p. 98).

E é nesta lógica que ocorre o funcionamento da perspectiva vocacional, porque somente os homens são passíveis de receberem o sacramento da ordem. Apesar da existência de diversas congregações femininas, as mulheres realizam os votos, mas na prática o Código de Direito Canônico, no seu cânone 207, institui a diferença<sup>4</sup>, assim uma das consequências mais significativas é a existência de

[...] um conjunto oculto em relação ao qual se define o grupo instituído. O principal efeito do rito é o que passa quase sempre completamente despercebido: ao tratar diferentemente os homens e as mulheres, o rito *consagra* a diferença, ele a institui, instituindo ao mesmo tempo o homem enquanto homem, isto é, circuncidado, e a mulher enquanto mulher, isto é, não passível desta operação ritual (BOURDIEU, 2008, p. 98, grifos do autor).

Outra característica dos “ritos de instituição” são os seus efeitos de consagração, assim um ritual pode sancionar uma diferença, apresentando-se a questão da eficácia simbólica destes fenômenos. Neste sentido, ocorre um conjunto de mudanças decorrentes do novo *status*. Logo,

[...] de início, logra tal efeito ao transformar a representação que os demais agentes possuem dessa pessoa e ao modificar os comportamentos que adotam em relação a ela (a mais visível de todas essas mudanças é o fato de lhe conceder títulos de respeito e o respeito realmente associado a tal enunciação) (BOURDIEU, 2008, p. 99).

---

<sup>4</sup> “Por instituição divina, entre os fiéis, há na Igreja os ministros sagrados, no direito também chamados clérigos; e os outros fiéis também denominados leigos” (Cân. 207 do CDC, 2005, p. 121).

Quando um jovem é instituído como vocacionado ao sacerdócio, sem dúvida, a sua representação é mudada e as pessoas com as quais ele vive também mudam sua forma de se relacionar com ele. Além disso, a própria *performance* começa a ser cobrada condizente com a nova condição. Aqui há um ponto de convergência entre Bourdieu e Goffman, isto é, este destaca a representação – ou a mudança da mesma alcançada via um ritual – como fachada:

Será conveniente denominar de fachada à parte do desempenho do indivíduo que funciona regularmente de forma geral e fixa com o fim de definir a situação para os que observam a representação. Fachada, portanto, é o equipamento expressivo de tipo padronizado intencional ou inconscientemente empregado pelo indivíduo durante sua representação (GOFFMAN, 2008, p. 29).

Objetivamente, a mudança é realizada na fachada, ou seja, no equipamento expressivo. Assim, a carreira do presbítero é constituída de ritos de instituição e a cada nova etapa, a representação que os demais irmãos de comunidade, a família e os amigos têm deste indivíduo é modificada exigindo uma *performance* em acordo com tal representação sob pena de ser mal interpretado por seus observadores.

Os “ritos de instituição” são atos práticos, os quais revelam a “magia social” com força suficiente de criar a realidade. Neste sentido, Bourdieu (2008, p. 100) aponta que “as distinções socialmente mais eficazes são aquelas que parecem se fundar em diferenças objetivas”. Assim, diferenças como entre sexos, diferenças de idade entre outras são as que melhor expressam esta questão. No caso da carreira do presbítero, bom exemplo desta abordagem é a instituição natural/objetiva de homens como vocacionados ao sacerdócio. Logo, somente meninos são instituídos como coroinhas ou rapazes como sacristãos.

Entretanto, é necessário empenhar-se, no sentido de convencer tais jovens para os sacrifícios intrínsecos à escolha efetuada. Para tanto, “a estratégia universalmente adotada para eximir-se duradouramente da tentação de sair da linha consiste em naturalizar a diferença e transformá-la numa segunda natureza” (BOURDIEU, 2008, p. 102-103). O longo processo de perda de seminaristas por não conseguirem desenvolver esta segunda natureza ou por terem desenvolvido uma consciência a respeito da possibilidade das transgressões fez a Igreja Católica da Arquidiocese de Pelotas alargar bastante as fronteiras do discernimento vocacional,



isto é, as possibilidades são amplas e longas<sup>5</sup>. Em muitos casos, pode-se observar nas falas dos entrevistados expressões como “eu quero fazer uma experiência no seminário” ou “eu não sei ainda o que estou fazendo aqui [seminário]”. Estas expressões são usuais no seminário São Francisco de Paula. Contudo, em outros seminários devido ao alto número de vocacionados, as restrições e rigidez do cotidiano são bem maiores. O próprio reitor do seminário da Arquidiocese de Pelotas reconhece tal fato ao afirmar que *“existem outros lugares no Brasil, que tem uma longa tradição vocacional: Minas Gerais, Caxias do Sul, os quais tem muito padres e muitos seminaristas, qualquer deslize leva as autoridades a considerar o candidato como não apto ao sacerdócio”*.

Além da contribuição de Bourdieu para os estudos de ritual é relevante trabalhar com a noção de *performance* apresentada por Erving Goffman, o qual desenvolve sua teoria baseado na linguagem do teatro. Entretanto, é imperativo compreender as influências institucionais e pessoais que Goffman recebeu ao longo de sua trajetória acadêmica.

Muitos comentam que a perspectiva goffmiana está dentro da tradição do interacionismo simbólico. Todavia, é importante circunscrever melhor tal afirmação, pois deve-se ter cuidado com rótulos, os quais muitas vezes ajudam pouco na compreensão do alcance da contribuição do autor. Neste sentido, o interacionismo era liderado, em Chicago, por Hebert Blumer e Everett Hughes. Portanto, “Chicago foi o berço de uma tradição microsociológica peculiar que se dedicava a análises detalhadas da interação pessoa a pessoa em ambientes limitados e em geral de curta duração (por exemplo, dentro de uma instituição)” (ERIKSEN; NIELSEN, 2007, p. 86).

Yves Winkin, no contexto de narração da biografia intelectual de Goffman, fala sobre a contribuição de Blumer para a formação deste:

De fato, a principal contribuição de Blumer para a sociologia parece consistir na criação do termo “interacionismo simbólico”, num artigo de 1937. [...] Como me dirá este numa carta: “Eu não tenho idéia nenhuma sobre a influência que o meu ensino pode ter tido sobre ele”. Eis a filiação Blumer-Goffman (WINKIN, 1999, p. 35-36).

---

<sup>5</sup> Atualmente, para um jovem ser considerado um seminarista canonicamente reconhecido, ou seja, para ter recebido o rito de admissão (antiga tonsura), ele já deve ter concluído pelo menos quatro anos de seminário, portanto, já deve se encontrar no primeiro ano de teologia.

Assim, resta apenas Hughes, o qual teve certa influência na produção acadêmica goffmaniana, pois desenvolveu sua pesquisa sobre as ocupações ou profissões. Segundo Winkin (1999, p. 38), “trata-se de construir uma sociologia das “ocupações” – como é que as pessoas ganham ou preenchem as suas vidas? [...]”, a qual marcou profundamente a geração de Goffman (2008a) – e inclusive deu base para o desenvolvimento do trabalho intitulado “a carreira moral do doente mental”, no qual ele analisa o lugar social destes indivíduos.

De outro lado, existem os trabalhos ligados à metáfora do teatro, os quais amparam a reflexão sobre *performance* em Goffman. Neste sentido, Richard Schechner, no contexto de comparação de Turner e Goffman, afirma o seguinte:

Erving Goffman (1959) is as direct as Turner in using the theatrical paradigm. Goffman believes all social interactions are staged – people prepare their social roles (various personae or masks, different techniques of role playing) “backstage” and then enter the “main stage” areas in order to play out key social interactions and routines (SCHECHNER, 1988, p. 186).

Assim, Goffman (2008b) diferencia-se de Turner – e também de Schechner – na utilização da concepção de *performance*, pois Goffman (2008b) a utiliza no sentido de “desempenhos de papéis”, os quais ocorrem na ordem da interação social. Trata-se de outro conceito estruturante da análise goffmaniana.

Para o objetivo deste trabalho, a interação (isto é, interação face a face) pode ser definida, em linhas gerais, como a influência recíproca dos indivíduos sobre as ações uns dos outros, quando em presença física imediata. Uma interação pode ser definida como toda interação que ocorre em qualquer ocasião, quando, num conjunto de indivíduos, uns se encontram na presença imediata de outros (GOFFMAN, 2008b, p. 23).

Outro conceito que articula-se ao de interação é o de definição da situação. Tal ideia orienta as situações vividas no dia a dia e dá sentido aos contextos sociais (GASTALDO, 2008). Esta perspectiva reflete a influência de Durkheim na obra **As Regras do Método Sociológico**, na qual foi desenvolvida a concepção de coerção social. Nas palavras de Durkheim:

Quando desempenho [performance] minha tarefa de irmão, de marido ou de cidadão, quando executo os compromissos que assumi, eu cumpro deveres que estão definidos, fora de mim e de meus atos, no direito e nos costumes. [...] os recebi pela educação. [...] Esses tipos de conduta ou de pensamento não apenas são exteriores ao indivíduo, como também são dotados de uma

força imperativa e coercitiva em virtude da qual se impõem a ele, quer ele queira, ou não (DURKHEIM, 2009, p. 1-2).

O arranjo entre definição da situação e coerção social ocorre na lógica da pessoa ou instituição que tem a força de definir a situação. Logo, no caso da Pastoral Vocacional de modo geral e da própria Igreja Católica são estas instituições detentoras do poder – da coerção social – de estabelecer como os indivíduos devem desempenhar seu papel. Existem muitos modos de definir uma situação, mas a questão é qual o mais legítimo. Assim, se alguma pessoa definir mal a situação se encontrará diante do vexame, do constrangimento. Este é outro elemento que Goffman desenvolve em sua obra.

Além disso, Schechner sublinha um elemento significativo, qual seja, de que a premissa elementar de Goffman e Turner são iguais:

For both Turner and Goffman the basic human plot is the same: someone or some group begins to move to a new place in the social order; this move is acceded to or blocked; in either case a crisis occurs because any change in status involves a readjustment of the entire scheme; this readjustment is effected performatively – that is, by means of theater and ritual (SCHECHNER, 1988, 186-187).

Nesta perspectiva, a ascensão para um novo lugar na vida social envolve teatro e ritual e um processo de reajustamento performático. Portanto, quando jovens se consideram como efetivos candidatos ao sacerdócio entram numa *performance* de acordo com a nova definição da situação – além de reconstruírem os seus eventos biográficos como já foi referido acima. No caso da presente pesquisa, o indivíduo visa um novo lugar na ordem social, não obstante para alcançar seu objetivo ele deve passar por um processo de mudança do seu eu redefinindo o seu equipamento expressivo, esta é a tarefa do seminário.

Richard Schechner (1988) desenvolveu uma abordagem que rompeu com a perspectiva de Durkheim (1989). Neste sentido, o foco foi demonstrar que não há diferença entre rito e teatro, pois na análise durkheminiana – a qual, influenciou profundamente a sequência das pesquisas sobre ritual – a base analítica é o esquema binário/dicotômico, isto é, a oposição sagrado e profano. Assim, a definição utilizada por Schechner é:

It's my purpose to outline a process through which theater develops from ritual and, conversely, ritual develops from theater. My evidence will not

come from archeology or anthropological reconstructions. I will document this process by referring to contemporary or near contemporary sources. As I said, the process runs in two directions – from ritual to theater and back (SCHECHNER, 1988, p. 120-121).

Portanto, a lógica do designado continuum entre rito e teatro e vice-versa é a base da perspectiva performática deste autor. Neste sentido, o rompimento com a análise de Durkheim (1989) também significou, em certos aspectos, um distanciamento da análise dos rituais de Victor Turner. A diferença básica entre teatro e ritual é se são *performances* eficazes ou se são *performances* de entretenimento. Ruben Alves da Silva comentando sobre estas questões afirma que

[...] nenhuma *performance* é puramente “entretenimento” ou absolutamente “eficácia”, uma vez que, dependendo das circunstâncias, da ocasião, do lugar e, principalmente, do tipo de envolvimento da audiência, e o “rito” pode ser visto como “teatro”, e vice-versa (SILVA, 2005, p. 47, grifos do autor).

Com base nestas questões, Schechner desenvolve outros dois conceitos, quais sejam, *transportation* e *transformation*. Tais concepções ajudam a esclarecer a processualidade das *performances*. Schechner explica-os:

I call performance where *performers* are changed ‘transformations’ and those where performers are returned to their starting places “transportations” – “transportations”, because during the performance the performers are “taken somewhere” but at the end, often assisted by others, they are “cooled down” and reenter ordinary life just about where they went in. The performer goes from the “ordinary world” to the “performative world”, from one time/space reference to another, from one personality to one or more others (SCHECHNER, 1985, p. 126, grifos do autor).

*Transportation* e *transformation* compreendem fundamentalmente, o processo pelo qual o performer passa, isto é, todas as atividades envolvem a saída de um lugar para outro (*transportation*). Com efeito, tem-se a lógica do *transformation*, ou seja, em outros lugares passa-se a desempenhar outros papéis, em que, – para usar a expressão de Goffman (2008b) – muda-se o equipamento expressivo, tal mudança pode ser temporária ou definitiva. Por exemplo, uma criança que é levada a condição de coroinha, além de ter usado o procedimento *transportation*, pois ele tem que ir até a Igreja. Também, é uma *performance* que altera sua representação perante os outros e perante si mesmo, portanto, é *transformation*.

Uma das críticas iniciais a abordagem de Turner é a dificuldade de considerar a dimensão de poder na sua visão sobre os rituais e a tentativa de criar uma abordagem universal para os rituais, como o próprio Clifford Geertz apontou em sua crítica, à Turner “Uma fórmula para todas as estações [...]” (GEERTZ, 2001, p. 46).

Com base nestas definições de *performance* – de Bourdieu, Goffman e Schechner – pode-se perceber que todos eles convergem para o mesmo ponto fundamental, o de que existe uma dimensão legitimadora para os rituais e sem ela é impossível pensar a validade explicativa da perspectiva de *performance* nas Ciências Sociais. Neste sentido, Bourdieu apresenta uma crítica a perspectiva do linguísta estruturalista Ferdinand Saussure ao afirmar:

Desde o momento em que se passa a tratar a linguagem como um objeto autônomo, aceitando a separação radical efetuada por Saussure entre a lingüística interna e a lingüística externa, entre a ciência da língua e a ciência dos usos sociais da língua, fica-se condenado a buscar o poder das palavras nas palavras, ou seja, a buscá-lo onde ele não se encontra (BOURDIEU, 2008, p. 85).

Tal problema é a base, em larga medida, da análise dos rituais devedoras de Arnold Van Gennep – dos ritos de passagens – e todos seus herdeiros. Pois, estes desejam ver nas palavras em si, nas cores em si, nas fases rituais em si o poder, a eficácia performática destes eventos. Assim, o foco do ritual para Bourdieu é se neste “[...] também incluírem as condições que produzem o reconhecimento deste ritual” (BOURDIEU, 2008, p. 91). Portanto, é necessário ter um grupo que reconheça, que legitime a *performance* ritual.

Estes elementos convergem para as posições de Goffman e de Schechner, porque estes têm como uma das bases significativas das suas teorias a plateia, ou seja, um grupo que reconhece, que legitima. Em outras palavras, é o grupo, a plateia ou audiência que delega o poder ao performer e é ela que vê os objetos, as palavras autorizadas da situação ritual. A abordagem de Schechner é principalmente na relação entre performer e audiência, como o segundo influencia o primeiro e ao inverso também.

## 1.2 O Comportamento restaurado e as Disposições

A análise de Goffman (2008b) apresentada até aqui indica algumas limitações, pois o passado do ator não é levado em consideração nas interações de sua vida cotidiana. Bernard Lahire (2004) chamou esse tipo de exame da realidade de “sociologia do ator sem passado”. Nas palavras do autor:

Também existem sociologias do ator “sem passado”, que se interessam menos pelo ator que age do que pela ação como tal, seja qual for a história do ator que a efetua. Essa sociologia, portanto, não tem a ver com toda teoria da socialização, da memória, do hábito e do passado incorporado. Este é o caso, entre outros, da sociologia de Erving Goffman, na qual os atores não possuem passado. Goffman nos descreve a ordem da interação sem evocar necessariamente a socialização passada dos atores (LAHIRE, 2004, p. 21).

Goffman (2008a), na última parte do texto sobre o “pré-paciente”, sublinha a perspectiva retrospectiva da carreira, entretanto, a questão da socialização passada não está presente. Logo, ele destaca que nesta questão

[...] está um ponto muito delicado para a sociologia das carreiras. Um aspecto importante de qualquer carreira é a interpretação que a pessoa constrói quando olha retrospectivamente para o seu progresso; em certo sentido, no entanto, toda a carreira do pré-paciente decorre dessa reconstrução (GOFFMAN, 2008a, p. 125).

Com efeito, a apreensão do itinerário biográfico dos pré-seminaristas é um elemento central nesta pesquisa. Não obstante, ninguém pode controlar o passado, isto é, quando os vocacionados foram entrevistados para narrar os seus aspectos biográficos, eles procuraram sublinhar as situações condizentes a sua fachada atual. Eles procuraram os elementos, cuja função é reafirmar a sua representação atual. Então, a questão que se coloca é como seria possível analisar os dados do passado destes indivíduos.

Com base neste questionamento procurou-se apoiar em conceitos, os quais possam ajudar no exame da socialização passada de indivíduos vocacionados ao sacerdócio da Igreja Católica. Para tanto, lança-se mão da concepção de comportamento restaurado de Richard Schechner aprofundando, deste modo, a compreensão das operações de recrutamento. Nesta perspectiva, assim se configura a definição de comportamento restaurado efetuada pelo diretor de teatro e antropólogo Schechner:

Restored behavior is living behavior treated as a film director treats a strip of film. These strips of behavior can be rearranged or reconstructed; they are independent of the causal systems (social, psychological, technological) that brought them into existence. They have a life of their own. The original "truth" or "source" of the behavior may be lost, ignored, or contradicted – even while this truth or source is apparently being honored and observed (SCHECHNER, 1985, p. 35).

Neste sentido, o inculcamento de valores nos quais possam ser gerados um patrimônio de disposições ou comportamentos, em que em um determinado momento, objetivamente tenham condições de ser acionados ou restaurados, é uma das bases de compreensão para a presente pesquisa da lógica de recrutamento de jovens levado a cabo pela Pastoral Vocacional na Arquidiocese de Pelotas. Em alguns casos verificou-se que a socialização vivenciada na Igreja encontrava-se esquecida, ignorada, contudo, a ocorrência de algum evento – doenças, mortes de parentes ou pessoas próximas foram os casos mais típicos – desencadeou a restauração do comportamento deste passado incorporado.

O modo como este processo pode ocorrer é variado. Alguns pesquisadores, tomaram como sustentação de suas definições apenas um modo – como se apenas houvesse uma forma – de ocorrer a restauração do comportamento. Não obstante, Schechner abriu um conjunto de possibilidades para uma melhor compreensão do processo ritual "the restoration of behavior model [...] is processual, describing emergent *performances* from the point of view of rehearsal" (SCHECHNER, 1985, p. 38). O modelo é processual, portanto é pertinente designar qual é o fato que deve ser restaurado, ou melhor, qual a sua natureza social, pois é fundamental para a compreensão da maneira como é acionada a restauração.

As alternativas oferecidas para a restauração do comportamento são diversificadas, assim, é apresentado um conjunto de possibilidades significativas, nas palavras de Schechner:

A corollary to the basics thesis is that most performance – even those that apparently are simple  $1 \rightarrow 2$  displacements or  $1 \rightarrow 3 \rightarrow 4$  re-creations – are, or swiftly become,  $1 \rightarrow 5_a \rightarrow 5_b$ . For it is this "performative bundle" – where the project-to-be,  $5_b$ , governs what from the past is selected or invented (and projected backward into the past),  $5_a$  – that is the most stable and prevalent performative circumstance. In a very real way the future – the project coming into existence through the process of rehearsal – determine the past: what will be kept from earlier rehearsals or from the "source materials" (SCHECHNER, 1985, p. 39).

Faz-se necessário explicar a numeração do esquema de comportamento restaurado. O número 1 é sempre o indivíduo realizador da *performance* (o eu em ensaios). Na sequência, o 2 é a outra pessoa, isto é, *performance* face a face, em que, “I become someone else” (SCHECHNER, 1985, p. 41). Depois, o 3 é o evento no passado e o número 4 é o evento a ser restaurado, a definição para  $1 \rightarrow 3 \rightarrow 4$  é “a restoration of a historically verifiable past” (SCHECHNER, 1985, p. 38). E a outra proposta  $1 \rightarrow 5_a \rightarrow 5_b$ , para  $5_a$  compreende-se uma perspectiva ficcional, mítica ou virtual definido como “não-evento” e o  $5_b$  é a restauração do “não-evento”, o qual, tem o sentido de “a restoration of a past that never was” (SCHECHNER, 1985, p. 38).

Não obstante tais perspectivas, os modelos apresentados podem misturar-se, como por exemplo, para  $1 \rightarrow 3 \rightarrow 5_a \rightarrow 5_b$ . Um dos modelos apresentados para referida restauração do comportamento é o trabalho realizado pela Escola de Dança Dorothy Rubin, a respeito da “dança das máscaras”. Tal dança, foi realizada no período da colonização dos Estados Unidos, ou seja, tem um passado verificável, nas palavras de Schechner:

Rubin worked on what she calls “recreating” seventeenth-century English masque dances. Data concerning these dances are incomplete, yet there is some information available. What the “recreations” do is use what historical information there is (3), to build a model of what the masque dances might have been ( $5_a$ ), and then to perform these ( $5_b$ ) (SCHECHNER, 1985, p. 48).

Com pesquisa em fontes primárias (passado verificável, 3), Rubin, recriou a “dança das máscaras” – pode-se designar este momento como de  $5_a$ . Para depois ocorrer a *performance* posterior da escola – restauração da criação  $5_b$ . Uma das preocupações centrais de Schechner são as *performances* estéticas, por isto aparece tanto nas suas descrições *performances* ligadas ao teatro enquanto atividade artística.

Outro estudioso de *performance*, Ruben Alves da Silva, comenta esta análise, no que diz respeito ao comportamento restaurado:

Desse modo, procurando enfatizar o elo do “comportamento restaurado” como processos da socialização do ator, pois trata-se de uma atividade cultural que evoca a memória, instiga à reflexão e remete a experiências que fazem parte da trajetória de vida do sujeito (SILVA, 2005, p. 52).



Torna-se relevante esclarecer que sob nenhuma hipótese se pretende desmerecer a carreira dos indivíduos envolvidos, ou seja, indubitavelmente, os vocacionados passaram por situações, as quais construíram seu patrimônio de disposições. No entanto, é necessário explicitar a restauração, a qual está intimamente ligada ao futuro “in a very real way the future – the project coming into existence through the processo of rehearsals – determines the past” (SCHECHNER, 1985, p. 39). Neste sentido, é possível afirmar que a reconstrução realizada do passado se dá em acordo com os interesses do futuro, cujo indivíduo vislumbra para si.

Tal forma (da restauração) é baseada principalmente na narrativa, quer dizer, tem-se apenas os dados relatados pelo indivíduo, como neste exemplo:

The story goes that a bird came to the boy's mother in a dream and told her what had happened and where to find Wok's body. The mother accused her brother of causing Wok's death. She said her brother had painted a dangerous spirit image in the House Tamboran. The brother accepted the blame, the house was torn down, a new one built, and the spirit of Wok resided in the new house (SCHECHNER, 1985, p. 53).

Assim, de um sonho saiu toda uma história que vem a dar sustentação a ação performática em uma situação presente atual. No caso em questão, tal narrativa está articulada a uma dança performática de uma cidade em Papua Nova Guiné e também ligada as tradições orais. Entretanto, qual a relação disso com o advento de um vocacionado à carreira presbiteral? A partir de observações realizadas na Pastoral Vocacional, de atividades tanto em nível diocesano, bem como comunitário e paroquial, é possível asseverar certas semelhanças com a restauração de vocacionados em diversos aspectos, os quais serão aprofundados nos capítulos subsequentes.

A possibilidade analítica que se abre a partir destas perspectivas são bastante instigantes, pois tomando por base tal conceito, a saber, o de comportamento restaurado, sem dúvida é possível compreender as diversas reações e respostas que ocorrem no processo de recrutamento de jovens vocacionados. Logo, as reações e respostas estão associadas ao processo de socialização e ao comportamento restaurado, o qual, em resumo, consiste num modelo cultural para o performer, o qual tem a possibilidade de escolher entre um papel ou vários papéis que pretende desempenhar.

É importante compreender como nascem, ou melhor, como são construídas as vocações, isto é, quais são as disposições necessárias na atualidade para jovens ingressarem na vida sacerdotal. Neste sentido, a contribuição de Bernard Lahire (2004) é de grande relevância, pois a ideia de “ruptura biográfica” é pertinente para o aprofundamento da presente pesquisa. Ao comentar esta questão, Lahire afirma:

[...] pareceu-nos importante dar a palavra aos momentos de “ruptura biográfica”, de mudanças ou modificações, mesmo que fossem pouco significativas, nas trajetórias ou carreiras (momentos de orientação escolar, de “escolha” no final dos estudos, de saída – ou retorno – à casa dos pais, da escolha do cônjuge, de divórcio, de novo casamento ou relação, de escolha ou de abandono de uma determinada atividade cultural, esportiva, lúdica, do primeiro trabalho, do primeiro trabalho fixo, da perda do emprego, da chegada dos filhos, de graves problemas de saúde, de mortes em um ambiente mais próximo...), pois nestes momentos as disposições podem *entrar em crise* ou podem ser *reativadas* e sair do estado de *vigília* (LAHIRE, 2004, p. 35, grifos do autor).

Significativo é esclarecer o sentido de “ruptura biográfica”, pois existem outras correntes, cujo mote de análise está calcado exatamente no contrário, a saber, na ideia de continuidade, inspirados no conceito de carisma de Max Weber. O universo social frequentado pelo indivíduo, que às vezes pode ser pequeno e às vezes não, vai exercer influência. Algum caminho deverá ser escolhido, assim “pode ter causado uma crise, uma negociação, uma dúvida, uma hesitação entre diversas possibilidades, uma resistência ou uma pressão” (LAHIRE, 2004, p. 35).

É importante esclarecer que não se pretende lançar dúvidas sobre o patrimônio de disposições de ninguém. Com efeito, os questionamentos estão ao redor da narrativa biográfica, da reconstrução efetuada; não só para pesquisa, mas também para a própria pastoral das vocações. Desta forma, o caminho percorrido pelo indivíduo, as diversas trajetórias desenvolvidas no seio familiar tendo por base o horizonte condicionado por elementos atinentes a posição de classe são essenciais para as opções de vida, isto é, quais *carreiras* são possíveis de se vislumbrar no horizonte.

Nesta perspectiva, as tensões, as crises, as pressões e as resistências, as quais ativam/reativam disposições estão intimamente relacionadas à *performance* do indivíduo. Além disso, o modo como esse indivíduo se relaciona com o “sagrado”, sem dúvida, é marcado pela questão da sua posição na estrutura social, ou seja, a maneira como pode vir a nascer a vocação – de uma continuidade familiar, ou de ruptura com a mesma – tem esta marca. Também as disposições incorporadas via

itinerário familiar, escolar e cultural, além dos vínculos sociais estabelecidos com outras instituições que possam vir a influenciar sua decisão.

Neste sentido, são bem características da juventude as supracitadas dúvidas, crises, hesitações, porque é um período de prováveis decisões que afetam a sociabilidade deste jovem e sua rede de relações. Como consequência, os conflitos deste momento produzem “rupturas biográficas”, na acepção de mudança de *status* no grupo onde o ator social está inserido. De modo geral, a escolha da mudança de *status* na *carreira* – seja ela qual for – está relacionada ao

[...] resultado da interação entre a pluralidade das “influências” externas (as diferentes pessoas de sua constelação que contam e “pesam” em sua decisão, sendo que nem todas têm o mesmo “peso”) e a pluralidade das competências, apetências e disposições internas (sendo que nem todas elas têm a mesma força) (LAHIRE, 2004, p. 36).

É imperativo destacar, o elemento “pluralidade das competências”, pois a maioria dos entrevistados é proveniente de pequenas cidades e/ou da zona rural da Arquidiocese de Pelotas, assim, as competências estão intrinsecamente ligadas a socialização vivenciada por este jovem. Portanto, tal conceito ajuda no suporte a compreensão de diversas fontes que contribuem para a convergência dos indivíduos para a carreira de presbítero, isto é, não é simplesmente porque são da cidade ou do meio rural que se interessam pelo sacerdócio, como diz Lahire é uma pluralidade de competências, as quais constituem um patrimônio de disposições em favor da vida eclesial.

### 1.3 A noção de Carreira

A utilização do termo “carreira do presbítero” causou estranheza a muitos nativos durante as entrevistas, devido ao fato de que para a Igreja Católica o termo corrente é “ministério sacerdotal”, a partir da teologia dos ministérios, a qual é fundamentada pelo apóstolo Paulo de Tarso em sua primeira carta aos Coríntios. Em geral, as pessoas – ou o “Povo de Deus” – tradicionalmente chamam de padre, sem refletir sobre a significação do termo.

Situar o processo de recrutamento e ingresso no universo vocacional com base na investigação tanto da sequência de atos que a constitui, como também no

exame das diferenças e dos limites sociais que elas legitimam, nos coloca no desafio de lançar mão de outras ferramentas conceituais, além das que são disponibilizadas nas perspectivas de Turner e Bourdieu. Uma das alternativas que encontramos para isso foi através da noção de *carreira*.

Neste sentido, Goffman define a *carreira* na perspectiva “de indicar qualquer trajetória percorrida por uma pessoa durante sua vida” (GOFFMAN, 2008a, p. 111). Assim, ampliam-se as possibilidades de uso do termo, o qual está muito arraigado a utilização no sentido de profissão.

Um dos benefícios que tal conceito apresenta é a possibilidade de utilização em dois sentidos. No que tange ao eu, Goffman aponta tal duplicidade:

Uma vantagem do conceito de carreira é a sua ambivalência. Um lado está ligado a assuntos íntimos e preciosos, tais como, por exemplo, a imagem do eu e a segurança sentida; o outro lado se liga à posição oficial, relações jurídicas e um estilo de vida, e é parte de um complexo institucional acessível ao público (GOFFMAN, 2008a, p. 112).

Nesta perspectiva, a aplicação deste sentido constitui um elemento significativo, pois a descrição dos vocacionados na descoberta da vocação e a vivência dela em um plano íntimo ocorrem de modo a modificar a sua própria representação. No momento em que a vocação se torna pública, isto é, quando a comunidade ou mesmo a paróquia fica sabendo, o nível de exigência transforma-se. Assim, o estudo institucional do eu do vocacionado e as mudanças de sua imagem e autoimagem são componentes presentes na concepção de carreira.

Os vocacionados devem ser entendidos, por hora, como os indivíduos que se entendem como predestinados a serem presbíteros. Uma vez admitidos neste processo, ocorre de passarem por circunstâncias muito parecidas e terem reações semelhantes, ou como reflete Goffman (2008a) estas semelhanças não decorrem da vocação, mas parecem ocorrer apesar dela. Muitas das situações similares decorrem de certas características intrínsecas, as carreiras, as quais produzem uma reprogramação das memórias do indivíduo, pois a necessidade de coerência é muito forte nestes momentos em que ocorre uma redefinição do eu, no caso do candidato ao seminário.

Em certo sentido, é possível afirmar que a *carreira do presbítero* tem três fases, a saber, o período anterior a admissão ao seminário, depois no interior do seminário e, por último, a fase pós-seminário. O foco principal é a compreensão de

agentes e agências envolvidos na fase pré-seminário – parafraseando Goffman (2008a) – momento em que ocorre uma série de mudanças e reelaboração do indivíduo que se considera vocacionado ao sacerdócio da Igreja Católica.

A *carreira* em questão, do presbítero, tem caráter público e íntimo, isto é, em que medida a Pastoral Vocacional constitui um elemento chave na instituição da mesma. Trata-se de considerar o conjunto de agências e agentes, os quais devem encontrar-se em ligação sistemática pela necessidade de atender pessoas (GOFFMAN, 2008a). Tal instituição participa de modo significativo na instituição de um *status* de leigo para seminarista, de modo que é possível uma mesma pessoa representar mais de um papel. Neste sentido, a Pastoral Vocacional é a agência aglutinadora de todo um conjunto de agentes preparados para animar as vocações em diversos níveis, qual seja, comunitário, paroquial e diocesano.

A Igreja tem muitas ações nos três referidos níveis, as equipes vocacionais de cada paróquia têm seus próprios agentes e uma agenda independente, portanto, em um nível mais perto do vocacionado é possível encontrar-se alguém que pode ser um familiar ou algum agente de pastoral, o qual o encaminhará para a coordenação diocesana. O circuito de agentes e agências será mais detalhado no capítulo 3, pois, verificou-se que a Pastoral Vocacional apresenta muitas dificuldades no desempenho de suas atividades.

Por tudo até aqui exposto, aponta-se para a pertinência do conceito de carreira. Neste sentido, outro elemento significativo é a ideia de ser processual, pois outros conceitos acabam por não conseguir apontar tal dinâmica. Quanto a isso Olivier Fillieule aplicando a noção de carreira aos militantes de movimentos sociais na França, afirma:

Appliquée à l'engagement politique, la notion de carrière permet de comprendre comment, à chaque étape de la biographie, les attitudes et comportements sont déterminés par les attitudes et comportements passés et conditionnent à leur tour le champ des possibles à venir, resituant ainsi les périodes d'engagement dans l'ensemble du cycle de vie. La notion de carrière permet donc, au-delà de la pétition de principe, de mettre en œuvre une conception du militantisme comme processus (FILLIEULE, 2001, p. 201).

Outra vantagem analítica da concepção de carreira é a dificuldade imputada aos Cientistas Sociais de encerrar a trajetória dos indivíduos em esquemas pré-determinados ou fórmulas. Howard Becker em entrevista a Alain Pessin sobre os

conceitos de “world” e “field” discorreu sob as múltiplas possibilidades da noção de carreira. Ele afirmou:

Things do not happen, events do not occur, people don't choose, all at once. Rather, these things occur in steps, in stages, and that means that every step offers the possibility of going in more than one direction – there is more than one possibility at every juncture. That means that the possible outcomes are always numerous and varied, not easily captured in a formula (BECKER; PESSIN, 2006, p. 283).

As variadas situações apresentadas ao longo de uma *carreira*, particularmente *carreira presbiteral*, por meio de trajetórias pessoais, as quais são difíceis de serem apreendidas, pois as contingências e variadas direções que tomam tais situações é indicativo das etapas e estágios, pelos quais passam estes indivíduos. Como o próprio Becker afirmou, não são fáceis de serem capturadas em fórmulas.

Segundo Oliveira os desafios que se colocam para a noção de carreira no estudo do militantismo e do engajamento, os quais em muitos aspectos são semelhantes ao da carreira do presbítero no que tange a questão da apreensão do passado, são os seguintes:

[...] um dos principais desafios enfrentados pela análise de carreiras, no que diz respeito à integração da perspectiva diacrônica, consiste no exame dos processos de socialização e de geração das disposições propícias à participação nas organizações e movimentos sociais. Tal questão implica considerar as disposições associadas à participação individual como resultado da interseção entre os processos de socialização familiar com “as experiências de vida pessoal” e, mais precisamente, com os diversos “contextos interacionais” interligados à “biografia” dos militantes (OLIVEIRA, 2010, p. 54).

A escolha de uma carreira, em certa medida, produz uma reconstrução biográfica do indivíduo vocacionado. Os contextos de socialização e as disposições incorporadas em muitas ocasiões são acomodadas para responder as exigências do presente. E para o caso da carreira presbiteral, acabam por constituir certas semelhanças significativas e as vezes curiosas.

Outro ponto deve ser levado em consideração, a saber, se o indivíduo crê na sua *performance* ou não, isto é, se ele acredita sinceramente ser um vocacionado ou se age com cinismo. Nesta perspectiva, as *carreiras* religiosas são casos exemplares, nos quais os indivíduos são vistos “[...] começando com a convicção

insegura e terminando em cinismo” (GOFFMAN, 2008b, p. 28). É relevante explicar que o cinismo goffminiano é a capacidade naturalizada do ator em manejar o equipamento expressivo em seu favor.

Compreender a vida sacerdotal como *carreira* é romper com um processo constante de eufemização do universo católico.

A negação de qualquer outro interesse além do espiritual – o que indiretamente elimina a idéia de concorrência – implica a renúncia a todo e qualquer poder temporal enquanto tal, isto é, conduz inevitavelmente a uma ampla eufemização das relações sociais e ao uso do duplo sentido no mascaramento de uma verdade inaceitável. Assim, toda uma linguagem eufemizada nomeia as funções e postos do universo eclesiástico, operando traduções que evitam referências ao interesse econômico, ao particular, ao material, e fazendo, por exemplo, que não se fale da vida eclesiástica como uma carreira, do cargo de bispo ou de padre com uma profissão, da remuneração como salário [...] (SEIDL, 2003, p. 18).

Consequentemente, é importante a atenção à mensagem emitida pela hierarquia para os seus destinatários prioritários: os leigos. Nesta perspectiva, também é imperativo compreender que não são quaisquer leigos, são os jovens, os quais na maioria das vezes aceitam sem questionar as designações de cargos entre outros elementos.

Além disso, se compreende como comportamentos ritualizados ou *performances* neste processo de recrutamento influenciam na compreensão da *carreira presbiteral* e, assim, acabam por determinar quem são os “mais aptos” a tal profissão e quem são os “menos aptos”, isto é, instituir os vocacionados dos não vocacionados. Sem dúvida, a *performance* e a interação, que ocorrem no interior da Pastoral Vocacional são decisivas para carreira do candidato ao sacerdócio.

Outro elemento é considerar todo este processo desenvolvido em favor das vocações pela pastoral, numa perspectiva de pré-carreira. Neste sentido, é relevante a construção do eu que cada indivíduo realiza no interior desta instituição, ou melhor, a medida em que estes jovens vão passando pelas fases, a compreensão que tem de si vai mudando. No entanto, é necessário compreender como as disposições influenciam cada ator no seu processo de instituição da sua carreira.

Com exposto até aqui, pode-se afirmar que os ritos de instituição da carreira do presbítero estão condicionados pelo passado incorporado do ator. Logo, pelo seu patrimônio de disposições firmado ao longo da sua carreira ou, em outras palavras, do seu processo de socialização nas mais diferentes esferas. Assim, é imperativo

desvelar a história do catolicismo no Brasil e, mais objetivamente, a história institucional do recrutamento ao sacerdócio. As diversas representações do ser padre e da formação são elementos indispensáveis para melhor análise da *carreira presbiteral* na atualidade.



## **2 O recrutamento e a formação sacerdotal**

Muitas pesquisas procuraram explicar a lógica do declínio do catolicismo no Brasil através das mudanças estruturais no que tange a economia. A industrialização e a correlata modernização brasileira são o grande mote analítico de teóricos que utilizam o esquema weberiano de pensamento. Análises significativas surgiram explicando questões da ordem das transformações sociais advindas do processo de secularização, no qual “qualquer religião tradicional, majoritária, numa sociedade que se moderniza, estará fadada a perder adeptos” (PIERUCCI, 2004, p. 14). Nesse sentido, a perda de fiéis pela Igreja Católica se explica pela lógica da mudança social, assim como pela própria mudança do campo religioso brasileiro ao longo do século XX.

Neste contexto, no presente capítulo pretende-se explicar a lógica de declínio do catolicismo sob outro viés, qual seja, o interno. Trata-se mais especificamente de compreender as dificuldades vocacionais da Igreja Católica no Brasil e, para tanto, apresenta-se um panorama histórico dos problemas vinculados ao catolicismo desde o período colonial até a realidade presente e como situações primordiais são estruturantes dos mesmos problemas atuais.

Dessa forma, pretende-se privilegiar os elementos endógenos desta instituição, pois a grande maioria das explicações a respeito da constante perda de espaço eclesial é procurada em elementos exógenos à Igreja. Trata-se, portanto, de analisar um elemento fundamental para sustentação da Igreja, a saber, os presbíteros, pois

a chave para existência do catolicismo é o sacerdócio. Abre-se, através dele, uma vasta gama de papéis institucionais importantes, tais como: líder do culto, símbolo do poder e da influência da Igreja, agente burocrático, intermediário entre a clientela e a autoridade, ideólogo, recrutador de prosélitos, apenas para lembrar os essenciais. A manutenção do sacerdócio é crucial para a sobrevivência hierárquica da própria Igreja, e é através das “vocações” que ela se reabastece de poderes e recruta novos (DELLA CAVA, 1974, p. 21).

Neste sentido, o modo como ocorreu ao longo da História do Brasil o recrutamento do seu corpo de especialistas, isto é, as vocações sacerdotais. Logo, as vocações, as quais são recrutadas para exercer diferentes cargos burocráticos, são essenciais para a reprodução institucional eclesial. Neste sentido, é possível levantar como hipótese – para melhor compreensão do caso específico da Arquidiocese de Pelotas – que a falta de padres é um elemento que dificultou e dificulta a ação pastoral de modo global, bem como no intento de buscar novas vocações.

É importante deixar claro que não se pretende invalidar os esquemas analíticos supracitados, nos quais os fatores explicativos exteriores à instituição eclesial são privilegiados. Pelo contrário, deseja-se somar outras preocupações analíticas, às quais possam vir a agregar elementos ao entendimento sobre a redução quantitativa da Igreja Católica brasileira. Destaca-se também, o fato de que este capítulo é apenas um ponto de partida nesta reflexão, portanto, não se aspira exaurir o debate, mas efetivamente trazer à luz novas perspectivas.

## **2.1 Problemas na constituição de vocações e na formação sacerdotal no Período Colonial**

De modo geral, a situação levada a cabo pela Igreja em países colonizados foi de dificultar ao máximo a criação de um clero nativo. Neste sentido, Ralph Della Cava destaca tal questão ao elucidar que

Da expansão européia até recentemente, a clássica política da Igreja com relação aos povos coloniais não-ocidentais foi de oposição sistemática à formação de um clero nativo. As diferenças raciais, reforçadas pela divisão do trabalho (no caso do Brasil, a escravidão), explicam razoavelmente o porquê da sobrevivência da política de exclusão, muito tempo depois da independência das colônias (DELLA CAVA, 1974, p. 21).

Assim, tal oposição aos nativos estruturou toda a lógica de (não) surgimento das vocações no Brasil. Nesta perspectiva, as consequências que tal ação trouxe para vida eclesiástica brasileira são estruturantes até a realidade atual, pois seus efeitos ainda são sentidos no trabalho vocacional contemporâneo.

No caso do período colonial, o primeiro elemento que se deve levar em consideração é a posição da carreira eclesiástica, a qual era considerada um aspecto fundamental dado o caráter público da mesma, segundo Riolando Azzi:

O primeiro aspecto que marca o clérigo no período colonial é seu caráter de funcionário eclesiástico. Como regra geral, o sacerdócio é considerado nessa época como uma profissão, um ofício ou uma carreira à qual a pessoa se dedica em modo análogo às demais profissões então existentes. Recebendo a cômputo do governo, o padre é considerado um funcionário público (AZZI, 2008, p. 183).

Neste sentido, *a carreira do presbítero* servia de refúgio para muitos que buscavam um abrigo para sobrevivência através do estado português. Ademais, a atividade pastoral praticamente não existia, porque o fato de o catolicismo ser a religião oficial aplacava vontades maiores de conversão, missão entre outras ações evangelizadoras no novo mundo (AZZI, 2008). Além disso, outras características relevantes do clero colonial são destacadas pelo pesquisador Kenneth Serbin, o qual acrescenta que

Ser padre no Brasil era não ser índio nem negro. Ser padre era ser branco ou embranquecer culturalmente o bastante para passar pelas portas dos seminários. Em um país com numerosa população negra e mulata e eterna escassez de padres, espanta-nos o ínfimo contingente de clérigos afro-brasileiros. [...] a ampla participação da Igreja na escravocracia e o surgimento de atitudes racistas não só barravam o sacerdócio aos não-brancos mas também produziam uma cultura eclesiástica que tirava toda e qualquer atração possível da vocação religiosa para esses indivíduos (SERBIN, 2008, p. 55).

Tais características culturais estavam assentadas em um modo de operar eclesial designado como eurocêntrico. A falta de alternativas de arrecadação colocava a Igreja em total dependência financeira estatal, toda iniciativa tinha por necessidade o beneplácito real. Desta forma, as poucas dioceses e os longos períodos que estas ficavam sem bispo produziam dificuldades para a formação de novos padres, bem como para o recrutamento de vocacionados e para as ordenações.

Em larga medida, os jesuítas assumiram a instrução dos candidatos ao sacerdócio através dos colégios privados da ordem (SERBIN, 2008). Pode-se afirmar que existiram quatro fases principais da formação sacerdotal no período colonial. Tais fases refletem, em certa medida, as dificuldades do processo de formação, quais sejam: as confrarias dos Meninos de Jesus, os colégios jesuítas, os seminários clericais e os seminários episcopais.

Neste sentido, é relevante a posição que a Companhia de Jesus tinha na formação do clero. Os jesuítas fundaram em um primeiro momento, alguns espaços de formação, cuja função primeira não era a formação sacerdotal.

Os jesuítas criaram em diversos colégios as confrarias dos Meninos de Jesus, que constituíram os primeiros ensaios de seminários menores no Brasil. Embora não se destinassem especificamente à formação sacerdotal, daí saíram diversos candidatos ao estado eclesiástico (AZZI, 2008, p. 192).

O Pe. Manuel da Nóbrega, em 1550, formulou a primeira tentativa de seminário, cuja articulação deu-se através da chegada de meninos órfãos de Lisboa somado a meninos nativos para constituir o primeiro internato com finalidade de formação sacerdotal. Todavia, tiveram vida rápida e, logo na sequência passou-se para os colégios jesuítas, tal ação teve longa duração até meados do século XVIII quando foram fundados diversos colégios, os quais abrigavam tanto candidatos jesuítas como candidatos para o clero diocesano.

Nesta perspectiva, além dos jesuítas outras congregações também ajudaram na formação eclesiástica. Segundo o Pe. Pascoal Lacroix (1936, p. 89), “em todos os lugares onde os religiosos se fixaram, fundaram colégios e seminários, e formaram nestes os seus catequistas e pequenos missionários ou pregadores auxiliares, filhos de portugueses ou índios”. Os beneditinos instalaram-se em 1581 na Bahia. Além destes, franciscanos, capuchinhos e carmelitas também, durante o período colonial, ajudaram na formação de eclesiásticos regulares.

Contudo, o foco deste ponto é compreender as causas da não formação de um clero nativo, assim, havia duas posições antagônicas:

O primeiro grupo sustenta a impossibilidade da formação de um clero autóctone ou lhe faz severas reservas. Entre as principais razões aduzidas estão o baixo nível cultural, a proclividade para o relaxamento moral, e o desprestígio que adviria para o clero mediante a aceitação de elementos indígenas, africanos e mestiços. [...] O segundo grupo defende não apenas a viabilidade, mas a urgência na formação de um clero constituído por elementos nascidos na região. Entre os principais motivos apresentados, afirma-se que os elementos nativos têm melhor compreensão do caráter do povo e de seus costumes, mais facilidade na transmissão da mensagem evangélica e maior disponibilidade para o trabalho apostólico (AZZI, 2008, p. 201).

Provavelmente, deveria haver resistência das autoridades portuguesas, pois formar padres nativos para o contexto colonial era investir em indivíduos com poder

de inculcar com o passar do tempo certas disposições de rompimento ou dependência com a metrópole. Era fato também, de modo muito evidente, o grande preconceito existente com os africanos, mestiços e índios, além de um sério problema com as mulheres, como afirma o Pe. Anchieta:

Os mestiços devem ser tratados como índios. Não são para a vida religiosa, numa terra em que as mulheres são as primeiras a provocá-los. O melhor, em caso de admissão, seria irem os mestiços para o Colégio de Coimbra, e de lá mandarem em troca outros irmãos, ainda que fossem doentes (ANCHIETA, 1554 apud AZZI, p. 202. In: HORNAERT et al. 2008).

Em outra perspectiva, o Pe. Nóbrega realizou uma forte defesa da formação de índios e mestiços:

Os sujeitos nascidos no Brasil que agora há... posso afirmar a V. Paternidade que eles são os que levam a maior parte do peso e trabalho de conversão, doutrina e aumento da nova cristandade, que, se não fossem eles, mal se poderia conseguir o fim que cá se pretende: porque como a língua brasílica lhes é a eles quase natural, têm muita graça e eficácia e autoridade com os índios para fazer-lhes práticas das coisas da fé, e lhes persuadem tudo o que é mister para tê-los quietos e contentes (NÓBREGA 1554, apud AZZI, p. 203, In: HORNAERT et al. 2008).

Neste contexto de opiniões divergentes, no ano de 1579 emanou do superior geral da Companhia de Jesus a proibição à recepção de nativos para formação sacerdotal. Além disso, tais restrições foram acompanhadas pelas outras ordens religiosas, as quais chegaram ao Brasil durante a segunda metade do século XVI. Tal dificuldade é expressa pelos autores da Comissão para o estudo da História da Igreja na América Latina e Caribe (CEHILA) em três dimensões, a saber, a cultura humanística, a formação disciplinar e a vida celibatária.

A cultura humanística e a formação disciplinar foram entraves importantes para a constituição do clero, no sentido de que as referências culturais da época ligadas ao renascimento europeu tinham pouco significado para a cultura indígena. Ademais, o modelo de vida eclesiástica do velho continente foi outro problema devido à imposição de padrões de conduta profundamente heterodoxos a realidade do novo mundo. Nesta perspectiva, a questão mais difícil de ser superada pelos missionários foi, sem dúvida, a observância do celibato:

Não era fácil na nova terra a observância do celibato. A vida dos primeiros missionários jesuítas era toda ela envolta em defesas para salvaguarda da

castidade. Nessas circunstâncias, a vida de muitos missionários na nova terra tornava-se uma contínua luta contra as tentações (AZZI, 2008, p. 205).

Entretanto, este excerto do texto de Azzi não expressa a real dimensão da situação dos padres. Neste sentido, o Pe. Nóbrega escreve em agosto de 1551:

Os clérigos desta terra têm mais officio de demônios que de clérigos: porque, além de seu mau exemplo e costumes, querem contrariar a doutrina de Christo, e dizem publicamente aos homens que lhes é licito estar em peccado com suas negras, pois que são suas escravas, e que podem ter os salteados, pois que são cães, e outras cousas semelhantes, por escusar seus peccados e abominações, de maneira que nenhum Demônio, temo agora que nos persiga, sinão estes (NÓBREGA, p. 116, 1931).

Relatos como este são recorrentes em outras cartas do Pe. Nóbrega e de outros clérigos da Companhia de Jesus. A realidade, em certa medida, se complexifica, pois além da não observância do voto de castidade, os padres jesuítas se utilizavam do fato destas mulheres serem escravas. Ao longo do período colonial, tais conflitos continuam a aparecer e pode-se dizer que o preconceito étnico-racial e o próprio espírito de superioridade de dominação que caracteriza o colonizador resumiram a lógica do recrutamento – ou melhor, o não recrutamento de nativos – para a carreira eclesiástica.

Outro dado de relevância para o período de dominação portuguesa foi a expulsão da Companhia de Jesus em 1759 pelo Marquês de Pombal. Neste contexto, “516 membros da Companhia de Jesus, dos quais 316 sacerdotes, repartidos por 113 residências, tiveram de abandonar [...] colégios e seminários” (LACROIX, 1936, p. 92). Ademais, na mesma perspectiva da expulsão da ordem de Santo Inácio, isto é, do enfraquecimento do poder eclesiástico<sup>6</sup> ocorreu a proibição das ordens religiosas de admitirem novos candidatos no ano de 1764. Como afirma Lacroix, “Frei Inácio [...] recebeu, [...] a ordem régia da supressão temporária do noviciado” (LACROIX, 1936, p. 92). Na sequência, o Estado português realizou algumas licenças para admissão de novos candidatos, assim “aos franciscanos do Rio foi concedida, p. ex., em 1777 a primeira licença, para receberem até 50 noviços; a 2ª em 1791 para 100, e a 3ª em 1799 para mais 30” (LACROIX, 1936, p. 93).

---

<sup>6</sup> A política de enfraquecimento do poder eclesiástico é uma lógica decorrente dos fatos históricos concernentes ao século XVIII, quais sejam: o Iluminismo, a Revolução Francesa e a Revolução Industrial, os quais tinham como foco o enfraquecimento da Santa Sé e ascensão da burguesia, enquanto classe dirigente.

Com a autonomia eclesial cada vez mais abalada, o período colonial terminou no que tange ao recrutamento de novos sacerdotes – é importante clarear que as supracitadas leis valiam tanto para a colônia, como para metrópole – com perda fragorosa de quadros da hierarquia, afetando também a formação de um sólido corpo de especialistas nativos. Com base nestas questões, o período iniciado na segunda metade do século XVIII caracterizou-se pela crise da cristandade brasileira, a qual foi de 1759 a 1840 (SERBIN, 2008).

## **2.2 As vocações sacerdotais e a atuação dos padres no Brasil Independente**

Com os jesuítas fora das instâncias formadoras eclesiais e as dificuldades impostas pelo poder temporal, a situação do clero não era nada favorável no começo do século XIX. Assim, “o ministério sacerdotal perdera suas características” (HAUCK, 2008, p. 85). A realidade da Igreja brasileira era de tal forma descompassada com as determinações de Roma, que no ano de 1826 o deputado pela Bahia Ferreira França, propôs o fim do celibato para os padres brasileiros, pois “a maior parte dos eclesiásticos vivia em matrimônio” (HAUCK, 2008, p. 88).

No século XIX, diante da crise da cristandade realiza-se uma guinada na ação do clero, como afirma Serbin:

Quando o país se tornou independente (1822) e se lançou em um projeto de construção da nação, a influência dos padres, até então emanada do engenho, passou a ser exercida por meio de movimentos sociais e controle direto ou pressão sobre o Estado. Os padres seculares estiveram à testa desses desdobramentos (SERBIN, 2008, p. 64).

Objetivamente, a conjuntura histórica deste período, sobretudo a partir do II Império (1840-1889), foi a perda gradual de quadros para reprodução institucional. Neste sentido, apresenta-se uma visão de conjunto deste período:

No Maranhão, por exemplo, “o clero secular decrescia consideravelmente”; no Ceará “há deficiência de clero”; no Rio Grande do Sul são poucos os sacerdotes “sendo estes pela maior parte estrangeiros”. Por volta de 1869 ouvia-se ainda a mesma lamentação na Bahia perante “a espantosa redução do clero entre nós nestes últimos tempos, e o maior peso do trabalho, que por força de razão veio recair sobre cada um em particular”. E as razões alegadas para tal redução eram o “descrédito” da vocação sacerdotal e “a mesquinhez da cônica” que o Governo concedia (FRAGOSO, 2008, p. 196).

É necessário indicar com maior precisão o “descrédito” da vocação sacerdotal. Na verdade, a Igreja brasileira a partir do advento da independência defrontou-se com o problema de recrutar seu próprio corpo de especialistas. Com efeito, a política de combate aos vocacionados nativos desenvolvida no período anterior constituiu uma dificuldade significativa. Portanto, o decréscimo apontado também está relacionado à própria ação preconceituosa realizada pela hierarquia presente nas terras além-mar. Do mesmo modo, os argumentos elencados no sentido dos problemas de ordem institucional, sem dúvida, são relevantes para as questões de ordem da reprodução institucional eclesial, pois, evidentemente, o fato da Igreja ser uma extensão do poder público, traz todos os efeitos de estar ligada as dificuldades públicas, concernentes ao Estado.

Ademais, tais dificuldades podem ser bem evidenciadas por um conjunto de medidas objetivas, as quais alcançaram dificuldades capitais, nas palavras de Sergio Miceli:

Ao longo do período imperial, sucessivas medidas legais de fato lograram estancar o recrutamento de quadros para as ordens religiosas. À proibição de admissão de noviços pelas ordens religiosas (1855) seguem-se um amplo regime de inspeção pública dos seminários seculares (1863) e a proibição de ingressos no país aos noviços brasileiros ordenados no exterior (1870). Durante quase um século não houve sequer a fundação de seminário no país (MICELI, 2009, p. 22).

Quem trouxe alento aos seminários brasileiros foram os padres da congregação dos lazaristas. Estes instalaram-se no Brasil em 1819 e, posteriormente, assumiram os “seminários de Mariana (Caraça) em 1853, dos de Fortaleza, em 1864, dos do Rio e de Diamantina em 1866, e dos da Baía em 1888” (LACROIX, 1936, p. 95). Além disso, é necessário destacar a consciência sobre o problema da formação e recrutamento de neófitos desenvolvida a partir da segunda metade do século XIX pela hierarquia eclesiástica brasileira. Neste sentido, “testemunhava o Padre Silvério Gomes Pimenta que os nossos seminários nenhuma inveja devem ter aos ótimos estabelecimentos da França neste gênero” (FRAGOSO, 2008, p. 196), pois a ação dos padres lazaristas foi de boa eficácia.

### **2.3 O período republicano: da romanização a Igreja da Libertação**



O começo republicano é marcado fundamentalmente pelo processo de romanização, no qual a Igreja Católica se encontrava imersa. Quando associado ao catolicismo, o termo romanização sugere uma redundância, ainda mais se nos lembrarmos de que se trata da Igreja Católica Apostólica Romana. Este aparente estranhamento pode ser explicado, embora de uma maneira um tanto paradoxal, ao asseverar que o catolicismo praticado fora dos círculos de domínio da Santa Sé não era considerado pela hierarquia católica como plenamente romano. Por outro lado, foi a universalização do modo particular de ser Igreja da Diocese de Roma para todas as outras dioceses através de um conjunto de formulações, que atingiu seu ápice com o Concílio Vaticano I (de 8 de dezembro de 1869 a 18 de dezembro de 1870). Esse fato explica o conjunto de ações concretas da Igreja no decorrer da segunda metade do século XIX e começo do século XX, no sentido de resguardar os seus direitos e transmutar as práticas católicas tanto no Velho, quanto no Novo Mundo, eivadas que estavam de um espírito nacional e liberal.

O advento da República e a consequente separação entre o Estado e a Igreja trouxeram para o desenvolvimento das vocações e, de um modo geral, para toda a Igreja, um nível de autonomia nunca antes experimentado. A novidade da liberdade religiosa colocou a Igreja Católica brasileira sob o comando do Vaticano e a partir daí a única lógica de chefia no interior da instituição eclesial foi à de Roma. Nesta perspectiva, os números do crescimento institucional eclesiais durante a República Velha, são avassaladores. Como afirma Lacroix,

Logo que as dificuldades criadas pelo império foram removidas pelo governo da república, realizou ele o seu plano. Até 1900 aumentou o número das dioceses para 17, e até 1915 para 44. Em 1935 chegamos a 63 dioceses, 23 prelazias e 2 prefeituras apostólicas. [...] Mal o monarca deixou o Brasil, sua santidade mandou as Ordens Religiosas da Europa, de estrita observância, a ocuparem os respectivos conventos do Brasil (LACROIX, 1936, p. 98).

Consequentemente, o crescimento das estruturas, tornou ainda mais sólida a constituição de um clero numeroso e, sobretudo, nativo, pois com 63 dioceses fez-se necessário o mesmo número de bispos. Ou seja, o número de cargos para serem preenchidos aumentou na mesma proporção do crescimento institucional. Ademais, Serbin sintetizou bem o processo de romanização no Brasil:

A romanização foi a modernização conservadora do catolicismo brasileiro. [...] A romanização ao mesmo tempo mudou a Igreja e preservou-lhe as

tradições. Por um lado, a Igreja procurou se adaptar a uma nova sociedade. Por outro, defendeu a ortodoxia, a autoridade clerical e o fim da autonomia leiga. Os seminários exemplificaram esse processo dual. Serviram de alicerce tanto para a reforma do clero como para a renovação do poder clerical tradicional. O padre do século XX baseava-se em um modelo do século XVI: Trento (SERBIN, 2008, p. 81).

Evidentemente, os efeitos também foram sentidos no processo de recrutamento de jovens para a carreira eclesiástica, porque até 1935 foram construídos 70 seminários menores, aumentando para 80 seminários existentes no Brasil e os padres “lazaristas [...] continuaram em 12 seminários [...] tomaram conta dos seminários de Botucatu [...] e o seminário menor de Curitiba. Em 1913 [...] os padres jesuítas começaram a dirigir o seminário [...] de Porto Alegre” (LACROIX, 1936, p. 100).

Para além dos números é necessário pensar as diretrizes mais gerais, em que o catolicismo estava imerso. Neste sentido, é significativo sublinhar o processo de romanização e ultramonismo, os quais têm implicações diretas no modo ser Igreja no Brasil:

A romanização ocorre de dois modos: primeiro com a centralização eclesial na figura papal, a qual se chama ultramontanismo. Com isto o bispo da Diocese de Roma conseguiu reunir o capital simbólico necessário para impor as outras dioceses através de encíclicas, bulas, entre outros o modo como deveria ser vivenciado o catolicismo. O ultramontanismo era a doutrina que defendia a centralização do poder no herdeiro de Pedro em detrimento do poder civil (RIBEIRO, 2008, p. 14).

Ademais, tais elementos se expressaram num direcionamento à nacionalização do clero, a uma política patrimonialista do episcopado e a articulação com setores da elite brasileira favoráveis ao catolicismo. Miceli resume bem tal situação:

Em retrospecto, as metas pontifícias da “romanização”, a aliança com os setores católicos dirigentes e a prestação de serviços educacionais e outros inerentes a tal pacto, as prioridades associadas à formação de um “patrimônio” próprio e o enfrentamento dos movimentos religiosos concorrentes (protestantes, Canudos, Juazeiro, Contestado etc.) se situam entre os principais condicionantes do processo de “construção institucional” da Igreja Católica na Primeira República (MICELI, 2009, p. 20).

Trata-se de uma refundação da Igreja Católica no Brasil, pois os problemas existentes com o trono prejudicavam de tal forma, que a laicização significou, em certa medida, a liberdade eclesial para sua ação. O Vaticano mais objetivamente

assumiu o processo de evangelização brasileiro até então marcado por uma lógica muito mais estatal do que propriamente religiosa.

Neste sentido, a separação entre Estado e Igreja empurrou a instituição religiosa para o papel de guardiã da ordem social (OLIVEIRA, 1992). Todavia, o bom relacionamento entre as duas instituições vai durar até a década de 1960, quando ocorreu “o impulso de *aggiornamento* do pontificado de João XXIII” (OLIVEIRA, 1992, p. 43). A renovação eclesial se objetivou no Concílio Vaticano II, adequando a milenar instituição aos novos desafios da sociedade. Uma das principais consequências foi o realinhamento da ação pastoral da Igreja. Como afirma Oliveira:

O movimento religioso que, inspirado nas diretrizes do Concílio Vaticano II e da Conferência Episcopal de Medellín, dá origem ao que hoje chamamos Igreja “da Libertação”, “Popular”, “dos Pobres”, tem sua base nas CEBs. [...] Muito próximas as CEBs, [...] estão as Pastorais populares (Pastoral da Terra, Operária, da Juventude, de Negros, Indigenista e outras) e os grupos que dela se aproximam como as Comissões de Direitos Humanos, Justiça e Paz, Ação Católica Operária e certos movimentos de leigos (OLIVEIRA, 1992, p. 49).

Com efeito, desencadeou-se todo um modo diferente de ser no catolicismo brasileiro. As consequências no que tange a carreira do presbítero também foram percebidas, como destaca Serbin:

A teologia da libertação e a opção preferencial pelos pobres que resultaram desta renovação progressista tornaram o padre na teoria um servidor do povo, que teria um engajamento pastoral mais ativo do que o padre de formação pré-conciliar e politicamente à esquerda deste. Essa nova imagem do padre causou grande impacto no pensamento sobre a formação, e muito da história dos seminários neste período tem a ver com as tentativas de adaptar a formação ao novo modelo de Igreja (SERBIN, 1992, p. 95).

Portanto, a representação principal dos vocacionados neste período é a militância através dos diversos organismos eclesiais. O aprofundamento desta perspectiva conduziu para um estilo de candidato ao seminário: um indivíduo militante e que acreditava na Igreja como fonte de transformação social.

O apóstolo Paulo de Tarso afirma na Epístola aos Romanos que o cristão deve amar ao “próximo como a si mesmo. O amor não pratica o mal contra o próximo, pois, o amor é pleno cumprimento da lei” (BÍBLIA..., 2006, p. 1389). A linha da libertação na Igreja identificou como principal objetivação do amor ao próximo, a

caridade. De modo nenhum negarão as outras dimensões essenciais da vida cristã, a saber, liturgia (oração) e catequese (anúncio e ensinamento da Boa Nova).

## **2.4 As vocações sacerdotais no Rio Grande do Sul: o Celeiro Vocacional**

O território sul-rio-grandense foi ocupado tardiamente em comparação com o resto do território brasileiro, Assim, só em 1738 chega à primeira ocupação oficial portuguesa. Neste sentido, alguns padres jesuítas passaram por aqui, inclusive com a identificação da necessidade de criação de uma casa para os padres. Como relata Arlindo Rupert (1994, p. 163), “o Pe. Faria pediu que se fundasse uma residência no sul para atender melhor os muitos pedidos do povo, o que não se efetivou”. O Pe. Faria foi um jesuíta que andou pelas terras sulinas entre 1749 e 1751 batizando, pregando entre outras ações pastorais.

Com base nos referidos dados, é possível apontar para o fato de que a não criação da residência nesta região deve ser entendida como um elemento que trouxe consequências, pois o incentivo às vocações – como foi até aqui destacado – está profundamente ligado à criação de casas de formação e ao próprio papel da Companhia de Jesus.

A Diocese de São Pedro do Rio Grande do Sul foi criada em 1848 e se estendia por toda a província de mesmo nome. Esta circunscrição eclesiástica teve três bispos diocesanos, quais sejam: Dom Feliciano Prates (1853-1858), Dom Sebastião Dias Laranjeira (1861-1888) e Dom Cláudio Ponce de Leão (1890-1910). O seminário episcopal foi criado em conjunto com a diocese, pois todas as dioceses tinham que seguir as determinações do Concílio de Trento (1545-1563). Quem tinha obrigação de financiar a vida eclesiástica era o império, entretanto, como exposto anteriormente, o trato com as coisas da Igreja, em larga medida, realizou-se com dificuldade. Como demonstra Rupert:

Assim também o Seminário do Rio Grande do Sul surgiu por iniciativa de seu primeiro bispo D. Feliciano José Rodrigues Prates. [...] Esta escola de levitas funcionou na própria casa do bispo, dita Palácio da Lapa. Chamou-o Seminário S. Feliciano, nome de seu padroeiro mártir (RUPERT, p. 217, 1998).

Em 1853 começou a funcionar o seminário, a partir de um esforço pessoal do bispo. A confirmação imperial só veio a ocorrer em 1859 no decreto número 335,

ou seja, somente seis anos após a sua criação é que a iniciativa passou a receber a ajuda financeira para sua sobrevivência. O número de ordenações realizadas no bispado de Dom Feliciano fora de sete novos sacerdotes. Na sequência, aconteceu um longo período de vacância, em que ocorreram mais quatro novas ordenações. Estas foram efetuadas na Diocese do Rio de Janeiro.

Quando Dom Sebastião assumiu o seminário tinha somente seis alunos e convidou os padres jesuítas de Roma para assumir a direção. No entanto, ficaram apenas dois anos, retornando aos padres diocesanos o comando da instituição (RUPERT, 1998). Não obstante, a grande contribuição às vocações no Rio Grande do Sul foi, sem dúvida, a construção do prédio. Contudo, para levar a cabo tal empreendimento foi necessário parar as atividades internas do seminário, pois:

[...] há falta de alunos internos que paguem a pensão para o sustento do Seminário; pelo aviso de 17/5/1864 foi cortado o ordenado do reitor e vice-reitor; a Mitra não dispõe de meios para gratificá-los; faltam eclesiásticos habilitados para os ditos cargos; estando vagas diversas cadeiras, não encontra titulares aptos para preenchê-las (RUPERT, p. 222, 1998).

Somente em 15 de fevereiro de 1879 conseguiram inaugurar o prédio, ao custo de se passar anos sem ordenar nenhum seminarista. O prédio só ficou pronto de modo definitivo em 1888, após o falecimento de Dom Sebastião. O último bispo da Diocese de São Pedro do Rio Grande do Sul foi Dom Cláudio Ponce de Leão, o qual realizou o processo de redefinição territorial da Igreja neste estado. Neste sentido, em 1910, o papa Pio X, desmembrou em três dioceses e uma arquidiocese, a saber: Dioceses de Santa Maria, Uruguaiana e Pelotas e Arquidiocese de Porto Alegre, a qual formava junto com a Diocese de Florianópolis, a Província Eclesiástica de Porto Alegre.

Em 1912, Dom João Becker foi nomeado arcebispo da Arquidiocese de Porto Alegre. No ano seguinte, foi inaugurado o seminário provincial de São Leopoldo, o qual foi assumido pelos jesuítas alemães.

Outro elemento de grande relevância e que ultrapassa as questões de ordem institucional da Igreja Católica é a sua reorganização no Rio Grande do Sul a partir do século XIX, a qual efetivou-se através da imigração, cujos efeitos são significativos para a constituição do celeiro vocacional, como explica Seidl:

A partir de 1874, iniciou-se a vinda dos imigrantes italianos ao extremo sul do Brasil, completando-se a última etapa de povoamento da região. As transformações socioeconômicas, culturais e demográficas acarretadas pela entrada de milhares de estrangeiros no Rio Grande do Sul foram profundas e múltiplas, alterando definitivamente o perfil do Estado já nos primeiros anos do século XX. Totalizando mais de cem mil desde as primeiras levas de alemães chegadas em 1824, o contingente de imigrantes de origem não-ibérica estabeleceu uma *zona de colonização* com características específicas sob vários aspectos (SEIDL, 2003, p. 87-88, grifos do autor).

As mudanças no perfil sulino foram avassaladoras, pois as consequências foram um conjunto de mudanças no campo, social, econômico e cultural (SEIDL, 2003). Os imigrantes foram os principais fornecedores de matéria-prima para o clero gaúcho construindo o denominado “celeiro vocacional” sul-rio-grandense. O contingente de imigrantes era expressivo e como o número de sacerdotes para atender a demanda era limitado, a tendência era a situação se agravar. No entanto, sob forte pressão os bispos começaram a incentivar a vinda de congregações de fora do Brasil para ajudar no processo de evangelização das zonas coloniais.

Neste sentido, Dom Sebastião iniciou os convites para ordens de fora, mas foi Dom Cláudio quem obteve maior êxito “[...] bateu à porta de todas as ordens e congregações religiosas do velho mundo, pedindo reforço, enquanto não pudesse contar com elementos nativos” (DE BONI, 1980, p. 240). Outro dado importante foram os contingentes de presbíteros diocesanos que migraram. Como afirma Seidl (2003, p. 92), “somente da Itália, maior fornecedor de quadros católicos ao Rio Grande do Sul, vieram, entre os anos de 1876 e 1930, 148 padres”.

A construção de um conjunto de casas de formação, seminários diocesanos, pré-seminários demarca também o empreendimento católico das primeiras décadas do século XX. Por ordem cronológica, em 1926 a Diocese de Santa Maria inaugura o seu seminário, em 1937 a Diocese de Uruguaiana funda o seu, em 1938 a Arquidiocese de Porto Alegre abre as portas do seminário e em 1939 as Dioceses de Pelotas e Caxias do Sul – todos eram seminários menores, isto é, para que os vocacionados cursarem os estudos ginasiais.

É possível detectar os efeitos mais visíveis desta proliferação de seminários e casas de formação no aumento de seminaristas. Segundo Seidl:

São Leopoldo, berço da imigração alemã e sede do Seminário Provincial, dirigido pela Companhia de Jesus, recebia 150 candidatos ao sacerdócio no ano inaugural de 1913, passando esse número para 400, em 1926, e saltando para 500 em 1937. Até 1956, quando então se transferiu o

seminário a outra cidade, um total de 7188 seminaristas havia passado pela instituição, dos quais 715 foram ordenados, incluindo seminaristas diocesanos e religiosos gaúchos, seminaristas de outras províncias eclesiásticas brasileiras e de outros países (SEIDL, 2003, p. 95).

Os investimentos institucionais somados a constituição de uma nova base social alcançaram seus objetivos, pois como já foi dito, as dificuldades na formação de um clero nativo fora suplantado pelo novo arranjo eclesial nas zonas de imigração no período republicano. Neste sentido, o estado sul-rio-grandense “passara de uma condição de ‘penúria sacerdotal’ à de ‘celeiro de vocações’, começando-se em 1953 uma prática que permanece até a atualidade: o fornecimento de profissionais da Igreja gaúcha a outras regiões do país” (SEIDL, 2003, p. 95).

Outra estratégia levada a cabo pela Igreja foi a utilização das escolas paroquiais como forma de amarrar esquemas religiosos e educacionais, de modo a alcançar a naturalização de vários esquemas mentais e morais do catolicismo. Como pode-se concluir a partir dos estudos de Seidl, uma figura relevante era o professor paroquial. No excerto a seguir o autor fornece uma boa descrição desta situação:

O papel desempenhado pelo professor paroquial ia muito além das tarefas pedagógicas escolares e compreendia todo um conjunto de funções diretamente ligadas à vida religiosa da comunidade. Sendo considerado uma extensão do padre, cabia-lhe exercer praticamente todas as atividades sacerdotais na ausência daquele, além de várias outras, como zelar pelos bens da comunidade e representá-la juntos às instâncias políticas, atuar como árbitro em litígios, promover a leitura e eventos culturais (SEIDL, 2003, p. 110).

É importante perceber, o professor paroquial como um grande mediador e inculcador de valores cristãos. Ademais, os padres jesuítas foram os grandes promotores e dinamizadores das escolas e do papel destes professores, os quais cumpriram importante papel na renovação da Igreja e na articulação comunitária, particularmente nas zonas coloniais alemãs.

## **2.5 A Maçonaria e a falta de vocações sacerdotais na Arquidiocese de Pelotas**

Ainda na expectativa de reconstrução histórica das vocações sacerdotais na região que compreende a Arquidiocese de Pelotas, a mesma será apresentada com seus condicionantes para o surgimento – ou não – de um clero próprio deste

território. Os dados são escassos, não obstante, com o que existe é possível vislumbrar algumas hipóteses explicativas.

A primeira paróquia de Pelotas foi fundada em 1812 sob decreto do príncipe regente D. João VI. Em conjunto, é fundada também a freguesia que se designou chamar por padroeiro São Francisco de Paula – inclusive antes de chamar-se Pelotas esta região era denominada com o nome do santo fundador da ordem dos mínimos (RIBEIRO, 2010).

Todavia, é imperativo introduzir nesta digressão o papel que a Maçonaria desempenhou na história religiosa de Pelotas. O Grande Oriente do Brasil (GOB) - a instituição maçônica, cujo papel era regular a vida das Lojas brasileiras - foi fundado oficialmente em 17 de junho de 1822 e o primeiro Grão Mestre foi José Bonifácio (KLOPPENBURG, 1961). Neste sentido, vinte e nove anos após a fundação da paróquia católica, “a primeira Loja em Pelotas foi regularizada em 13 de fevereiro de 1841, e tinha o número 55 no Cadastro do GOB, portanto, uma das primeiras lojas no Brasil” (DIENSTBACH, 1993, p. 414). O que se segue é a criação de mais 4 Lojas maçônicas: Protetora da Orphandade (1843), Comércio e Indústria (1848), União e Concórdia (1853) e Honra e Humanidade (1855). E quem foram os participantes desta instituição? Giana Lange do Amaral em seu trabalho sobre o Ginásio Pelotense destaca o perfil dos maçons desta cidade:

As primeiras Lojas Maçônicas da cidade foram constituídas, principalmente, por pessoas ligadas ao comércio e proprietários rurais. Já na virada deste século, a Maçonaria pelotense passou a congregar, basicamente, elementos do que se pode considerar uma emergente classe média, ou seja, profissionais liberais, comerciantes, industriais e intelectuais (AMARAL, 1999, p. 48).

De outro lado, apenas em 1858 foi criada a segunda paróquia da cidade de Pelotas, a qual tinha por padroeiro Santo Antônio. E, só passou a ter validade canônica em 1864 com a nomeação do primeiro pároco Pe. Aurélio Votta. Nesta perspectiva, procura-se destacar que o prestígio das Lojas maçônicas era significativo, pois a fundação de novas lojas segue até o começo do século XX. São mais sete: Artistas (1871), Fraternidade e Honra (1873), Rio Branco (1882), Lealdade (1901), Salomão (1901), Unione e Filantropia (1902) e Antunes Ribas (1902) (DIENSTBACH, 1993). Enquanto isso a segunda paróquia da Igreja passava por longas vacâncias e muitas dificuldades de sustentação financeira.



O poder de inculcamento dos valores maçons nas elites pelotenses pode ser apontado como um dos elementos mais significativos para a dificuldade de encontrar jovens vocacionados ao sacerdócio. É possível dizer que não é o caso só dos jovens, mas é um padrão para todos sem grandes exceções. Neste sentido, é necessário pensar a Igreja no processo de transição do padroado para o Estado laico no Brasil.

Como já foi destacado anteriormente, uma das estratégias eclesiais na separação do Estado foi investir no campo educacional. Neste sentido, a eficácia de diversas iniciativas da Igreja são explicáveis pela lógica da pedagogia, particularmente, a jesuíta. Em Pelotas não foi diferente ocorreu duas iniciativas significativas, a saber, o colégio Gonzaga e o colégio São José, respectivamente um para o público masculino e o outro para o público feminino.

A Maçonaria seguiu a mesma lógica, fundando um colégio, cuja função era de concorrência com os educandários católicos. Ademais, os maçons sempre estiveram relacionados a outras iniciativas de cunho cultural, como demonstra Amaral:

Não seria demais afirmar que a presença da Maçonaria em Pelotas foi fundamental para que a cidade entrasse o século XX como uma referência em termos culturais. Os maçons estavam vinculados à criação e manutenção de instituições educacionais, da Biblioteca Pública Pelotense, bem como de jornais, revistas e periódicos (AMARAL, 1999, p. 53).

Não é difícil perceber pelo número de Lojas fundadas, bem como pela capacidade de influência em diversos setores de difusão cultural que os valores ligados aos maçons inserem-se na sociedade pelotense. Nesta perspectiva, revelou-se uma das principais instituições concorrentes ao catolicismo na disputa das elites política e econômica:

A Maçonaria via na educação um eficiente meio de propagação de suas idéias, por isso esta era, dentre as grandes causas coletivas, a que maior preocupação despertava. A “Fraternidade”, um ano após sua criação, passou a distribuir simbólicas medalhas de ouro como estímulo ao desempenho escolar dos alunos de diversos estabelecimentos educacionais de Pelotas (com exceção daqueles ligados à Igreja Católica que, diga-se de passagem, também distribuía prêmios a seus alunos que mais se destacavam) (AMARAL, 1999, p. 51).

Nesta perspectiva, em 1902 foi fundado em Pelotas o *Gymnasio Pelotense*, o qual desempenhou um papel de grande relevância, particularmente na formação das elites pelotenses, as quais buscavam na formação maçônica uma alternativa ao modelo católico-jesuítico, pois em 1895 já tinha ocorrido a fundação da Escola São Luiz Gonzaga sob a direção dos padres jesuítas que dirigiram tal instituição até 1925. Todos estes elementos fazem sentido, na medida em que articulam-se as caracterizações de Miceli (2009) a respeito da relação entre elite político-econômica e elite eclesiástica na República Velha. Segundo o autor,

embora seja inegável a força das diretrizes “romanas” sobre o treinamento do clero, as formas exteriores dos cultos, o calendário de eventos religiosos, o estilo de mando e autoridade episcopal, cumpre salientar os ganhos organizacionais logrados em função das coalizões firmadas com os detentores do poder local e estadual (MICELI, 2009, p. 31).

Sem dúvida, tais coalizões entre o clero da então Diocese de Pelotas e as elites pelotenses foram importantes na construção do patrimônio da Igreja particular de Pelotas (RIBEIRO, 2008). Todavia, neste mesmo período, a força do ideal maçônico nas elites era significativo, particularmente um aspecto, a saber, o anti-jesuitismo. Consequentemente, para os maçons a educação ser tirada da Igreja Católica e, particularmente dos jesuítas era uma causa muito relevante, como sublinha Amaral:

Os métodos educacionais dos jesuítas, utilizando-se do poder coercitivo da Igreja, opunham-se radicalmente ao ideal maçônico educacional. A pedagogia católica, que se fundamentava na Ratio Studiorum, recebia sérias críticas da Maçonaria, uma vez que, para os maçons, seu objetivo seria conservar a ignorância da população para melhor conduzi-la (AMARAL, 1999, p. 98).

Portanto, teve-se um campo de tensão em Pelotas entre maçons e católicos na disputa pelas elites. Com efeito, a imbricação do catolicismo com as elites em outros lugares do Brasil tinha outra função, nas palavras de Miceli:

O êxito considerável desse modelo organizacional “romanizado” nas condições peculiares da República Velha contribuiu bastante para fomentar “vocações” junto aos próprios grupos dirigentes, permitindo à Igreja brasileira compensar em parte a perda de sustentação política junto a parcelas importantes da elite política e intelectual do final do império e início do regime republicano (MICELI, 2009, p. 34).

Contudo, no caso de Pelotas, a Igreja Católica não obteve êxito em fomentar vocações entre os grupos dirigentes, pois o contexto de concorrência com outros grupos que também disputavam as elites, construiu um cenário de intensa dificuldade de constituir um clero com indivíduos advindos de estratos sociais dirigentes. Assim, a instituição eclesial em muitas situações ficou em uma posição bastante fragilizada tendo que dividir benesses com outros grupos concorrentes.

O seminário diocesano São Francisco de Paula só foi inaugurado em 1939 contando com 14 seminaristas. Não obstante, em entrevista, o Pe. Antonio Reges Brasil comentou que a primeira campanha vocacional da então Diocese de Pelotas não foi realizada na mesma e sim em Caxias do Sul:

*A primeira promoção vocacional de nossa diocese foi realizada em outra diocese, a Diocese de Caxias do Sul, porque lá naquela região tinha muitas vocações sacerdotais. Ela foi realizada por Dom Antonio Zattera, pois ele era daquela região e conseguiu trazer um bom número de seminaristas para o nosso seminário (Pe. Antonio Reges Brasil).*

O que se antevê a partir desta revelação são os obstáculos que historicamente apresentam-se à Arquidiocese de Pelotas. Outras campanhas vocacionais foram efetuadas ao longo do bispado de Dom Antonio Zattera. Neste sentido, o que se pode designar de Pastoral Vocacional começou a surgir mais especificamente na década de 1970. O termo mais utilizado neste período era promoção vocacional, geralmente feita pelos reitores do seminário diocesano. É relevante destacar que durante a década de 1960 ocorreu um evento paradigmático para Igreja, qual seja, o Concílio Vaticano II (1962-1965). Os efeitos deste evento foram avassaladores na ação pastoral eclesial. Neste sentido, o documento conciliar chamado *Optatam Totius* recomendava “uma ação vocacional mais globalizada da Igreja” (Compêndio do Vaticano II).

Logo, a partir deste elementos procuro-se traçar uma História institucional do processo de recrutamento de vocacionados, da formação eclesial e do modo de ser padre. Nesta perspectiva, as dificuldades em construir um clero nativo por um sistemático combate as vocações mestiças produziu efeitos notados até a atualidade. No entanto, o caso da Igreja sul-rio-grandense foi de ruptura com este modelo, com o investimento nas colônias alemãs e italianas. Ademais, o caso da Arquidiocese de Pelotas é ainda de muita dificuldade em formação de padres oriundos da região.

A oposição sistemática da Maçonaria no passado e a complexificação do campo religioso no presente são itens essenciais na obliteração de um clero pertencente à região. Portanto, torna-se de fundamental importância a compreensão da ação pastoral na atualidade da Igreja para constituição de um núcleo de presbíteros oriundos da Arquidiocese de Pelotas. E é exatamente a tarefa que abre-se para a sequência dos capítulos da presente pesquisa.

Os dados observados em campo serão explicitados para melhor compreensão das estruturas e agentes de pastoral e das carreiras específicas dos presbíteros.

### **3 Estruturas e agentes do trabalho vocacional**

Este capítulo tem como objetivo examinar estruturas e instituições eclesiais envolvidas no processo de recrutamento de jovens ao sacerdócio e suas relações com os agentes envolvidos no trabalho cotidiano da Pastoral Vocacional de Pelotas. Com tais propósitos pretende-se dar conta de dois conjuntos principais de questões: do ponto de vista dos que atuam no trabalho de recrutamento, trata-se de procurar respostas às questões referentes a quem são os denunciadores na descoberta de novos vocacionados e se eles podem ser tanto os agentes da hierarquia eclesial quanto os leigos. No tocante aos que são recrutados, o desafio consiste em examinar quem são os jovens que são conduzidos à pastoral com a disposição de assumir o ministério sacerdotal e como se dá o processo de descoberta vocacional.

Nesta perspectiva, é relevante compreender quais as agências eclesiais envolvidas no processo de recrutamento, qual a trajetória institucional que deve ser percorrida pelos jovens selecionados e quais as instituições internas que ajudam e apóiam o trabalho vocacional. O ponto de partida para esta análise foram alguns trabalhos de Goffman e, mais especificamente, a noção de carreira que se mostrou um instrumento analítico significativo para o mapeamento do que poderíamos chamar de estrutura burocrática da Pastoral Vocacional e sua vinculação com as etapas que caracterizam o percurso dos jovens ao chamado vocacional.

Semelhante ao que Goffman salienta a respeito das diferentes etapas ou fases que conduzem ao estado de doente mental trata-se aqui de dar conta dos aspectos morais de carreira de vocacionado:

Portanto, este artigo é um exercício no estudo institucional do eu. O principal interesse se refere aos aspectos morais da carreira – isto é, a seqüência regular de mudanças que a carreira provoca no eu da pessoa e em seu esquema de imagens para julgar a si mesma e aos outros (GOFFMAN, 2008a, p. 112).

Neste sentido, trata-se de examinar as mudanças que ocorrem no vocacionado, ou mais precisamente, as transformações de sua autoimagem à medida que ele passa pelas diferentes situações e eventos da pastoral. Como salienta Goffman, as mudanças no modo como as pessoas tratam determinado

indivíduo tem como efeito uma alteração de seu próprio “destino social” (GOFFMAN, 2008a, p. 112).

Todavia, para dar conta das mudanças ocorridas na carreira dos vocacionados e de sua relação com o trabalho desenvolvido pela instituição religiosa, procuramos articular a análise dessa questão com indagações e problemáticas referentes à importância da dimensão ritual. Para isso, a noção de ritos de instituição proposta por Bourdieu teve um papel fundamental na medida em que nos conduziu à compreensão de certas funções sociais e políticas que a Pastoral Vocacional desempenha como principal mecanismo de seleção atual na Igreja Católica. Um bom ponto de partida para o tratamento destes elementos já aparece na obra de Marcel Mauss, particularmente no trabalho **Esboço de uma teoria geral da magia** (2003, p. 66), quando, comentando sobre diversas profissões, ele afirma que “a vida profissional dessas pessoas as separa do comum dos mortais, e é essa separação que confere a todas a autoridade mágica”.

Sendo assim, ao invés de tratar a sequência de eventos e as etapas que conduzem à vocação e à carreira eclesial simplesmente como ritos de passagem, somos orientados para a apreensão desses processos como um conjunto de mudanças ocorridas com base em ritos institucionais, os quais implicam uma série de deveres morais que caracterizam a redefinição do eu. Desse modo, temos como desafio situar as ações que caracterizam o trabalho da Pastoral Vocacional em relação a um conjunto de iniciativas existentes no sentido de animar as vocações, em especial, aquelas que dizem respeito à vida religiosa. Este aspecto merece ser aprofundado, pois há um conjunto muito grande de iniciativas que operam no estímulo das vocações religiosas.

### **3.1 Pastoral Vocacional: entre ritos de instituição e performances**

Um dos elementos significativos na teoria dos rituais é apontar a utilidade destes na sociedade. Assim, Bourdieu propõe chamá-los – como já foi referido – de ritos de instituição ao invés de ritos de passagem, pois segundo ele, é relevante a compreensão da “função social do ritual e da significação social da linha, do limite cuja passagem o ritual torna lícito, a transgressão” (BOURDIEU, 2008, p. 97) e não apenas a descrição das sequências do ritual. Neste sentido, a pergunta fundamental a ser efetuada é qual a função social do ritual.

No caso desta pastoral, pode-se dizer que objetivamente a função social realizada por ela é principalmente separar os vocacionados ao sacerdócio dos não-vocacionados ao sacerdócio. Só esta separação já constitui uma diferença importante. Nesse sentido, cabe destacar que apenas homens podem receber o sacramento da ordem, apenas homens têm legitimidade para se apresentar com disposições ao presbiterato, nas palavras de Bourdieu:

Existe, portanto, um conjunto oculto em relação ao qual se define o grupo instituído. O principal efeito do rito é o que passa quase sempre completamente despercebido: ao tratar diferentemente os homens e as mulheres, o rito *consagra* a diferença, ele a institui, instituindo ao mesmo tempo o homem enquanto homem, isto é, circuncidado, e a mulher enquanto mulher, isto é, não passível desta operação ritual (BOURDIEU, 2008, p. 98).

Logo, torna-se importante refletir sobre as consequências desta ação ritual que institui os vocacionados, isto é, quais os efeitos sociais efetivos. Trata-se fundamentalmente – como diz Bourdieu – da eficácia simbólica dos ritos de instituição, pois eles transformam o modo como os outros nos vêem e também como o próprio indivíduo instituído vê a si mesmo. Trata-se, portanto, de “sancionar e santificar uma diferença (preexistente ou não), fazendo-a conhecer e reconhecer, fazendo-a existir enquanto diferença social” (BOURDIEU, 2008, p. 99). O próprio Bourdieu traz um bom exemplo do sentido desta questão ao falar sobre a investidura do cavaleiro:

Por exemplo, a investidura exerce uma eficácia simbólica inteiramente real pelo fato de transformar efetivamente a pessoa consagrada: de início, logra tal efeito ao transformar a representação que os demais agentes possuem dessa pessoa e ao modificar, sobretudo, os comportamentos que adotam em relação a ela (a mais visível de todas essas mudanças é o fato de lhe conceder títulos de respeito e o respeito realmente associado a tal enunciação); em seguida, porque a investidura transforma ao mesmo tempo a representação que a pessoa investida faz de si mesma, bem como os comportamentos que ele acredita estar obrigada a adotar para se ajustar a tal representação (BOURDIEU, 2008, p. 99).

Nesse sentido, pode-se dizer que a Pastoral Vocacional ao instituir um jovem como vocacionado através de eventos e de seus agentes realiza propriamente um trabalho de atribuição de uma identidade social. Assim, é possível afirmar que se trata de determinar uma essência social, à qual está ligada a um dever moral tendo que se comportar segundo tal atribuição: “a essência social é o

conjunto destes atributos e destas atribuições sociais que o ato de instituição produz” (BOURDIEU, 2008, p. 101).

Pode-se inserir aqui um novo elemento, o conceito de *performance*, o qual introduz uma série de complexidades à função social da Pastoral Vocacional. Como foi referido no primeiro capítulo, a fórmula de Bourdieu para a performance é claramente exterior às dinâmicas próprias da ação, pois para ele o rito de instituição atribui uma essência social, uma identidade social exterior ao próprio ato ritual:

“Torne-se o que você é”, eis a fórmula que subentende a magia performativa de todos os atos de instituição. [...] Todos os destinos sociais, positivos ou negativos, consagração ou estigma, são igualmente *fatais* – quero dizer mortais – porque encerram aqueles assim distinguidos nos limites que lhes são atribuídos, impondo-lhes o reconhecimento de tais limites (BOURDIEU, 2008, p. 102).

Neste sentido, a fórmula performática de Bourdieu está profundamente ligada a concepção de coerção social de Durkheim (2009). Além disso, é asseverado que os rituais de instituição encerram os distinguidos em limites. A questão que aflora então é “que limites são estes?”. Além disso, será que os instituídos ficam sem um espaço de manobra?

Para dar conta desse desafio lança-se mão de outro conceito, o qual soma-se no intento de compreensão das questões da performance. Trata-se mais especificamente da contribuição do Richard Schechner que neste aspecto é importante, pois desenvolveu um conceito significativo, a saber, de *restored behavior* (comportamento restaurado):

These strips of behavior can be rearranged or reconstructed; they are independent of the causal system (social, psychological, technological) that brought them into existence. They have a life of their own. The original “truth” or “source” of the behavior may be lost, ignored, or contradicted – even while this truth or source is apparently being honored and observed (SCHECHNER, 1985, p. 35).

Trata-se mais objetivamente da *strip of behavior* (faixa de comportamento), a qual efetivamente pode ser modificada. Nesta perspectiva, é um momento no ritual, em que o vocacionado tem que restaurar certos comportamentos, entretanto, cada ator tem uma faixa de comportamento – um espaço de manobra – a qual foi construída ao longo de sua trajetória através de um conjunto de socializações. Em



outras palavras, a Pastoral Vocacional proporciona elementos que ajudam neste processo.

### 3.2 O vocacionado e sua vocação

Os relatos de homens que tomaram consciência de suas vocações são relevantes para melhor compreensão do papel desempenhado pela Pastoral Vocacional no interior da Igreja Católica. Nesta perspectiva, é relevante destacar a importância de se compreender os diferentes eventos e situações rituais pelas quais passam os vocacionados com base nos relatos de seus protagonistas principais: os candidatos ao seminário, os seminaristas e os presbíteros. Efetivamente é uma das dimensões importantes para melhor entender os elementos que estão em jogo no processo vocacional.

Um caso que chamou atenção durante um retiro vocacional foi a resposta de um rapaz quando questionado sobre como chegou a sua vocação: *“é algo que nasceu fazia pouco tempo, algo de repente, pois foi com a fala do padre lá na minha comunidade que percebi a possibilidade do sacerdócio”* (Felipe). Alguns se chocaram com a declaração, outros começaram a questionar a veracidade de sua vocação presbiteral, demonstrando a importância dos comentários para o processo de afirmação coletiva dos sinais que definem o início de uma vocação.

Outro caso ilustrativo deste fator foi o de um senhor, já presbítero, que foi dar um testemunho e no relato declarou que *“a minha vocação nasceu quando uma certa noite eu estava olhando para o céu e uma estrela cruzou o céu, aí eu percebi Deus falando comigo, a gente nunca sabe quando o Senhor vai nos chamar a uma missão desta magnitude”* (João).

Existem outros casos como estes e nas conversas paralelas muitos questionavam se realmente aqueles relatos eram verdadeiros. Na realidade, para a Igreja não é exatamente só isso que está em jogo, ou seja, evidentemente o testemunho verdadeiro, a vocação verdadeira é um elemento significativo, porém os testemunhos dos vocacionados exercem outro papel importante, a saber, o de confirmadores do sistema no qual estão inseridos. Quanto a isso, vale citar o comentário de Lévi-Strauss a respeito da feitiçaria:

Graças a ele, a feitiçaria e as idéias a ela relacionadas escapam de seu penoso modo de existência na consciência, como conjunto difuso de sentimentos e representações mal formulados, para encarna-se em ser da experiência. [...] fornece ao grupo uma satisfação de verdade, infinitamente mais densa e mais rica [...] (LÉVI-STRAUSS, 2008, p. 188).

Semelhante ao caso do feiticeiro e sua magia, o jovem aqui é alguém que está confirmando o "esquema", qual seja: Deus se comunica com os homens através do chamado ao sacerdócio. Não importa se é através de um padre ou de uma estrela que "o Senhor" se revela, o fato objetivo é a ligação entre criador e criaturas que ocorre e tudo isto tem como um dos mediadores fundamentais a Pastoral das Vocações.

Além disso, na medida em que estes jovens frequentam os eventos da pastoral, no ritual de vocacionado através dos diversos eventos, isso acaba tendo efeitos parecidos como no caso xamanista, o qual Lévi-Strauss descreveu:

E assim o vemos construir progressivamente o personagem que lhe é imposto, com um misto de astúcia e boa-fé, lançando mão de seus conhecimentos e lembranças, improvisando também, mas, principalmente, vivendo seu papel e buscando, nas manipulações que encena e no ritual que constrói com pedaços, a experiência de uma missão cuja eventualidade, pelo menos, se oferece a todos (LÉVI-STRAUSS, 2008, p. 189).

Nesta perspectiva, a *performance* do candidato ao sacerdócio se altera devido à imposição de certos elementos, os quais configuram alguns limites profundamente ritualizados, ao longo da história das vocações.

### 3.3 Grupos e agentes vocacionais em nível comunitário-paroquial

O caminho percorrido por um jovem identificado como vocacionado ou que se autoidentifica como tal, vai variar de acordo com uma série de elementos, a saber, proximidade de uma Pastoral Vocacional paroquial, proximidade da família com um padre ou agente de pastoral entre outros. Caso contrário, o percurso é um conjunto de agentes e agências em ligação sistemática e o ponto de partida são as ações da equipe paroquial e também o papel da própria família ou de uma pessoa mais próxima. O que novamente relembra a etapa de pré-paciente do doente mental:

[...] o circuito de agentes e agências que participam de maneira decisiva em sua passagem do *status* civil para o de internado. Este é um caso da classe

cada vez mais importante de sistema social cujos elementos são agências e agentes postos em ligação sistemática pela necessidade de atender e transferir as mesmas pessoas. Alguns desses papéis de agentes serão citados agora, admitindo-se que, em qualquer circuito concreto, um papel pode ser preenchido mais de uma vez, e que a mesma pessoa pode representar mais de um desses papéis (GOFFMAN, 2008a, p. 116).

Neste sentido, existem poucos grupos vocacionais em nível comunitário-paroquial na Arquidiocese de Pelotas. Logo, um dos maiores desafios é a mobilização. O Pe. Tiago, ordenado recentemente, assumiu a coordenação da Pastoral Vocacional diocesana em setembro de 2009, sendo também responsável pelo propedêutico<sup>7</sup>. Em conversa relatou o esforço que está dispensando no intento de organizar essas equipes. Uma ação objetiva pessoalmente efetuada foi a entrega a todos os párocos da diocese de uma carta da coordenação diocesana. Nesta carta, a Pastoral Vocacional apresenta oficialmente a solicitação para que sejam criadas equipes vocacionais paroquiais, pois foi determinado na assembleia diocesana de 2009, esta pastoral deveria receber prioridade no trabalho pastoral de toda diocese.

Paradoxalmente, alguns grupos paroquiais existem e não estão em contato com a coordenação diocesana. Tais grupos desenvolvem trabalhos isolados e dependem de certas circunstâncias para que efetivamente tenham uma dinâmica, pois nominalmente existem muitos grupos vocacionais, no entanto, na prática os agentes conseguem garantir apenas uma prece numa celebração ou mesmo que seja rezada a oração pelas vocações. Além disso, uma das principais reclamações é a falta de apoio da estrutura diocesana, no sentido de um trabalho articulado.

Uma das paróquias na qual podem-se comprovar as referidas circunstâncias é a Paróquia Santa Teresinha. Um dos fatores que desencadeiam este processo é a inserção de um grupo de religiosas, pois as congregações por uma opção de trabalho desenvolvem muito a ação pastoral vocacional. Nesta perspectiva, existe um trabalho bastante sólido desenvolvido nesta paróquia e liderado pelas religiosas de São José. Tal congregação tem como carisma fundamental estarem inseridas nas comunidades onde atuam. Assim, encontros mensais são realizados para compreensão dos jovens de suas vocações.

Existe uma equipe que se encontra também mensalmente para avaliar o encontro anterior e projetar o próximo encontro. Este grupo é composto por três

---

<sup>7</sup> Na Arquidiocese de Pelotas, o primeiro ano que o candidato passa no seminário, antes de ingressar no Curso de Filosofia, é denominado propedêutico.

irmãs, um padre e quatro leigos, os quais são responsáveis pela preparação e realização dos encontros. As reuniões da equipe normalmente ocorrem no quarto sábado de cada mês e os encontros na última quarta-feira. A relevância destes grupos paroquiais pode ser compreendida no mesmo sentido que Goffman apresenta a existência de um denunciante:

Freqüentemente existe também um *denunciante*, alguma pessoa que pratica a ação que finalmente levará à hospitalização. Esse denunciante pode não ser a pessoa que toma a primeira providência, mas aquela que realiza o primeiro movimento eficiente. Aqui está o início *social* da carreira do paciente, independente do ponto em que possa ser localizado o início psicológico de sua doença mental (GOFFMAN, 2008a, p.116).

Portanto, é possível designar a atuação dos grupos paroquiais neste esquema como denunciante, pois são eles que estabelecem um maior contato com os candidatos potenciais ao seminário. Pode-se afirmar que os eventos paroquiais são o ponto de partida da carreira social de um futuro seminarista – independente do ponto em que se encontra sua vocação – porque existe uma mudança do seu *status*, isto é, seus familiares, seus amigos entre outros passam a percebê-los de modo diferente. Logo, a exigência na forma de se comportar passa a ser outra e os novos parâmetros são os elementos organizadores do eu institucional destes jovens.

Nesta perspectiva, outro aspecto relevante é a posição que este denunciante vai adquirir ao longo do processo. No caso de Goffman “[...] a pessoa mais próxima é transformada em tutor” (GOFFMAN, 2008a, p. 122), e no caso da Pastoral Vocacional vai ser identificada como alguém que recebeu uma graça divina, pois identificou uma pessoa com uma vocação específica. Assim, o denunciante é alguém identificado pelo vocacionado como um padrinho e não como um tutor.

Os especialistas da Pastoral Vocacional prescrevem que se um dos agentes de pastoral identificar uma pessoa com alguma vocação específica, tal pessoa tem o dever moral de avisar a coordenação diocesana para que então se possa oferecer um acompanhamento.

### **3.4 Grupos e agentes vocacionais em nível diocesano**

A Pastoral Vocacional é uma instituição – no nível do discurso oficial – que envolve o trabalho conjunto da animação das vocações, isto é, abrange o trabalho conjunto de leigos e hierarquia. Objetivamente, é um ambiente bastante

hierarquizado, porque na prática tal trabalho conjunto não é percebido. Para isso, a ação dos padres, sejam eles diocesanos ou religiosos, desempenha uma posição de poder central na instituição.

Além disso, é possível afirmar que tal caracterização corresponde à realidade apenas no nível superficial, pois aprofundando o olhar percebe-se que existem bem mais elementos em jogo. Assim, é a instituição que seleciona indivíduos para a carreira eclesial, ou seja, trata-se da reprodução social do corpo de presbíteros da Igreja Católica.

Um aspecto que evidencia isso é a observação de que o número de agentes vocacionais a serviço desta pastoral ligados ao clero ou mesmo às congregações em geral é bem alto. Por outro lado, o número de leigos engajados é em número bem menor. Nesta perspectiva, a possibilidade de selecionar homens para os ministérios ordenados – diaconato, presbítero e episcopado – está na ordem do dia das congregações e padres diocesanos de modo geral.

Neste sentido, esta perspectiva pode ser iniciada pelos padres que compõem o trabalho com as vocações. Exemplo disso é caso do padre coordenador da Pastoral Vocacional, cargo que de maneira geral, na Diocese de Pelotas, vem sendo ocupado por recém-ordenados. Outra questão a ser levada em consideração é o fato do coordenador atual também ser o responsável pelo propedêutico – fase, na qual, o indivíduo ingressa no seminário para começar seus estudos e vivências eclesiais, entretanto não é considerado seminarista, pois tal *status* envolve um rito, a saber, o de admissão (antes chamado de tonsura).

Posição importante (poderia-se dizer estratégica) neste contexto é a de reitor do seminário, o qual exerce uma posição de força apesar de não frequentar diretamente as reuniões da Pastoral Vocacional, pois é perceptível que a ação vocacional de modo algum destoa das opiniões e posições do seminário e/ou do reitor. Observando de forma acurada, percebe-se que o reitor controla todo o processo vocacional desde a seleção na pastoral, passando pelo ingresso no seminário, depois o período no interior do mesmo, até a ordenação diaconal e presbiteral. Assim, trata-se de uma posição bastante significativa.

É possível afirmar que numa posição secundária – mas indispensável para a legitimação de certas pretensões – as congregações ou ordens tanto masculinas como femininas participam. Os padres da Companhia de Jesus fazem-se sempre presentes nas reuniões colaborando de diversas maneiras, principalmente com

pregadores para retiros e palestrantes para encontros. As irmãs do Imaculado Coração de Maria também participam ativamente, especialmente na organização dos eventos vocacionais.

Outro grupo, que encontra-se numa posição mais frágil ainda, é o dos leigos que se disponibilizam para o trabalho, mas estes têm pouca força dentro da coordenação da pastoral. Observa-se, na realidade, que os leigos, normalmente senhoras de mais de 45 anos, atuam nas tarefas práticas dos eventos, não participando da elaboração das diretrizes do trabalho vocacional. Por exemplo, em um encontro da escola vocacional, tais senhoras ajudam na decoração do auditório, na cozinha ou na limpeza entre outras possibilidades de participação prática.

Outro grupo ativo é o casal que representa o Movimento Serra Clube, organização com articulações internacionais. Sua principal missão é o incentivo das vocações sacerdotais, assim, por meio de promoções eles procuram ajudar a Pastoral Vocacional e também o seminário diocesano São Francisco de Paula. Tais promoções são almoços e bingos para que financeiramente o seminário sobreviva, bem como, a Pastoral Vocacional. São feitas também doações de comida e dinheiro.

### 3.5 Eventos Diocesanos

Durante a década de 1990, houve uma “crise das vocações”. Na verdade, ocorreu uma crise de vocações sacerdotais, ou seja, foram ordenados poucos padre, o que para os padrões da Igreja Católica constituiu um impacto significativo. Acostumada a apenas esperar os jovens baterem a porta do seminário pedindo para serem padres, a Igreja defrontou-se com novos desafios na reprodução do corpo de presbíteros. Nesta perspectiva, teve que passar a desenvolver um trabalho vocacional de busca destes jovens, o que acabou culminando na primeira década do século XXI, com a realização da **Peregrinação Vocacional**.

Esta atividade está inserida – ou deveria estar – em um esquema maior, a saber, o processo de separação de um jovem da vida “profana” para o mundo “sagrado”: o seminário – seguindo a distinção de Durkheim.

Compreende-se a peregrinação no sentido de uma renovação dos mecanismos de recrutamento. Tenazmente, a Igreja pelotense vem buscando uma ação eficaz na renovação do seu clero, pois as velhas fórmulas de simplesmente abrir as portas e esperar os vocacionados já não servem mais.

Evento próprio da Diocese de Pelotas, a Peregrinação Vocacional ocorre no mês de agosto<sup>8</sup>. Tal acontecimento interno começou a ser desenvolvido nos últimos anos pelas necessidades atuais da hierarquia em renovar o clero diocesano. Um conjunto de agentes e instituições compõe a estrutura do evento. São eles: a Pastoral Vocacional (organização), principal promotora do evento; a hierarquia (missa); o Seminário São Francisco de Paula (espaço onde ocorre a Peregrinação Vocacional); as congregações (no entorno da plateia com tendas) e os leigos.

A articulação entre estas instituições no contexto da Peregrinação Vocacional é feita mediante a negociação entre diferentes agentes, pautada por uma relação monológica, isto é, em que a lógica do evento ocorre no sentido que o padre coordenador da Pastoral Vocacional determina, vale dizer, na lógica que o clero diocesano compreende ser a melhor. Como consequência, percebe-se como os eventos já são pré-construídos. Nesse sentido, pode-se lançar mão dos próprios temas, os quais sempre relacionados à carreira eclesial – o que constitui outro dado importante para exemplificar esta argumentação.

Assim, os agentes mediadores se reúnem no Secretariado Diocesano – sede das pastorais e da estrutura burocrática da diocese – para organizar o evento e discutir a programação do dia. Designam-se como mediadores: um representante do clero, que também representa o seminário – neste caso o coordenador da Pastoral Vocacional –, representantes das congregações e leigos, que se disponibilizam para o trabalho vocacional, portanto, grupos que em princípio detêm o poder de decisão em âmbito diocesano sobre o evento.

A distribuição geográfico-espacial no interior do ginásio, o qual pertence ao seminário e fica ao lado do prédio principal, assim como, das respectivas áreas de domínios específico da Peregrinação Vocacional aponta para aspectos da rigidez estrutural do catolicismo e para certas dificuldades da Igreja.

O templo dedicado a Peregrinação Vocacional é o seminário diocesano São Francisco de Paula. Ele pode ser descrito como um *lócus* que vem tornando-se um referencial na construção vocacional eclesial. Entretanto, seria legítimo perguntar porque o seminário não foi sempre esta referência no que tange as vocações

---

<sup>8</sup> O processo de mudança e de incremento de uma nova animação vocacional, iniciada no período do Concílio Vaticano II, vai culminar com aprovação, em 1981, durante a Assembléia Geral da CNBB, de três grandes eventos: a elaboração de um Guia Pedagógico de Pastoral Vocacional, a consagração do ano de 1983 como Ano Vocacional, e a instituição do mês de agosto como mês vocacional.

A peregrinação não é algo completamente consolidado, pois mudar o modo como uma Igreja procede não é tarefa simples, neste sentido, uma irmã da coordenação diocesana da Pastoral Vocacional revela em entrevista:

*Aqueles que deveriam ter sido atingidos, a juventude, a juventude das comunidades, aqueles que estão fora da Igreja também que são católicos, mas não são participantes, esses que deveriam ter sido atingidos não foram e se vieram eles não tiveram o espaço que eles deveriam ter tido, tanto é, que na de 2008 [Peregrinação], a missa acontecia e os jovens estavam na arquibancada, os poucos que tinham conversando, porque, simplesmente não estavam entendendo ou aquilo não estava chamando a atenção, então, por este lado não foi atingido de forma alguma (Marta).*

A crítica empreendida é dura e, em certa medida, coloca em cheque o discurso que muitos padres realizam, em particular, o padre coordenador da Pastoral Vocacional, de que *“a Igreja vem realizando um longo processo de peregrinar buscando as vocações”* (Pe. Heródes). Através das observações realizadas, percebe-se que na prática tal ação fica mais num tom de orientação, pois ações práticas são efetivamente poucas. Além disso, é importante destacar que outras lideranças envolvidas também criticam a organização do evento, afirmando: *“me parece um pouco frágil o evento da Peregrinação Vocacional”*.

Estes dados tornam-se relevantes, pois em diversas circunstâncias a hierarquia e outras lideranças paróquias e comunitárias procuram dar um sentido para o evento. No entanto, tais críticas demonstram outras questões, o que se percebe é o coordenador, Pe. César Augusto, tentando construir esta imagem em suas visitas às comunidades, qual seja, de que ele está peregrinando atrás de vocações sacerdotais. Contudo, em entrevista o Pe. Tiago, atual coordenador da Pastoral Vocacional, responde o seguinte sobre a peregrinação vocacional:

*A Peregrinação Vocacional é mais uma celebração das vocações que nós temos na diocese. Acho que esse era o objetivo, apresentar. Então vinham todas as congregações montavam sua tenda, cada um dava um testemunho vocacional: a catequista, uma religiosa, um padre. Acho que esse era o sentido, celebrar as vocações e apresentar as vocações, apresentações culturais, celebração eucarística, tudo era um momento mais celebrativo (Pe. Tiago).*

Assim, através da observação deste evento verifica-se a realização da apresentação das vocações com o foco nas vocações específicas. Não obstante, o modo como o padre anterior – coordenador da Pastoral Vocacional até 2009 –



estava conduzindo a ideia de peregrinar a diocese buscando vocações sublinha o ato objetivo que vem sendo realizado, isto é, uma das atividades práticas é visitar as paróquias. Neste sentido, as visitas são articuladas, no nível do discurso, a ideia de peregrinar, o que objetivamente tem pouco haver com o evento em si.

Ao iniciar este ponto com a discussão em torno das diferentes áreas de domínio da Peregrinação Vocacional na Diocese de Pelotas pretende-se chamar a atenção para as diferentes posições simbólicas que tendem a envolver o evento. No nível do discurso, o evento deveria se dar a partir de um processo de negociação entre agentes mediadores distintos, bem como através de diálogos expressivos das diferentes perspectivas particulares. Todavia, na prática, ocorre à imposição da visão clerical, neste sentido a fala de uma irmã é bem significativa: *“ir a uma reunião com Pe. César você não precisa ir nas outras, porque é sempre a mesma coisa, ele decide sempre tudo e nós assistimos a reunião”* (Ester).

Esta posição, em certa medida, reflete o confronto de maneira sugestiva da dinâmica e configuração deste espaço simbólico enquanto um campo, diferentemente do que se costuma interpretar, ou seja, permeado por tensão e conflito. Muitas pessoas têm uma visão de que o trabalho eclesial entre os diferentes agentes, padres, religiosos e leigos tem uma dinâmica consensual, no entanto, na observação, bem como nas entrevistas, as disputas revelam-se bastante acentuadas.

A Peregrinação Vocacional é um evento diocesano, ou seja, agrega padres e leigos de outros municípios que compõe a Arquidiocese de Pelotas. Neste sentido, a ideia básica é a mudança espacial de um lugar para outro, em certa medida, ela se aproxima da descrição do antropólogo Richard Schechner que, na busca de ampliar o significado da experiência performática, como já referido no primeiro capítulo, desenvolveu duas categorias relevantes: *transportation* e *transformation*.

Como esta perspectiva sugere que para participar de uma *performance* tem que haver o deslocamento para determinado lugar, penetrar em espaços reservados – neste caso os espaços do seminário – os quais se constituam em local com certa dificuldade de acesso e mistério. Muitas pesquisas apontam para o referido processo de *transportation*, apenas como representação cênica, quando o que se percebe é que existem muitos elementos de poder em jogo.

Incluídas no bojo das observações participantes estão incluídas algumas observações a estes eventos. Na sequência, será apresentada a análise crítica da Peregrinação Vocacional do ano de 2009.

Neste evento, no primeiro momento denominado de acolhida, grupos tocando músicas sacras na frente do seminário recepcionaram as pessoas que chegavam. Era possível perceber uma forte alegria entre todos, um clima de emotividade, as várias excursões de cidades vizinhas chegando, em certa medida, todos confirmando sua identidade católica. É significativo perceber como estes eventos geram um processo de restauração do comportamento e redefinição do eu.

Em seguida, uma oração inicial foi conduzida pelo padre coordenador da Pastoral Vocacional, na qual este procurou sublinhar a importância de todas as vocações eclesiais. Tal oração foi realizada na frente do prédio do seminário, paradoxalmente, pois na verdade é uma demonstração do que efetivamente está em jogo. Após isso, todos foram convidados a ir para o ginásio em oração numa espécie de procissão de entrada, que simbolizava a chegada dos peregrinos, os quais buscaram animar as vocações em suas comunidades, paróquias e movimentos.

Aos poucos todos foram encontrando seus lugares nas arquibancadas e na quadra, onde tinham sido colocadas cadeiras. No palco, um grupo fazia a animação cantando músicas vocacionais, inserindo as pessoas num clima diferente, de forte efervescência. Este processo leva a uma *performance* de grande apelo emocional, neste momento pode-se afirmar que se instaura uma situação de *liminóide* no sentido que os comportamentos ritualizam-se sem referência ao sobrenatural como propõe o pesquisador Mathieu Deflem. Neste sentido, “introduced for routinized, ritual-like behavior in which no reference to the supernatural is made” (DEFLEM, 1991, p. 17). Percebe-se que cantando se produz uma energia de bondade, isto é, os *performers* esquecem tensões e disputas e outras diferenças de cunho material e estrutural e passam a agir com uma bondade extraordinária.

Na sequência, o processo reflexivo aconteceu já no ápice do evento que é o sacramento da eucaristia, no qual foram colocados diversos símbolos, os quais representavam coisas diferentes para os grupos reunidos ali.

Na parte da tarde foram reunidas bandas gospels e, em intervalos, alguns padres falavam de como conseguiram compreender que tinham a vocação sacerdotal (o que se chama de testemunho). Um grande convite foi feito aos jovens para assumirem o presbiterato. Ao final, voltaram todos aos seus lugares de sempre,

isto é, a estrutura social retorna e os dominantes continuam sendo os mesmos e os dominados também.

Outro evento importante da Pastoral Vocacional são as **Escolas Vocacionais**. Estas são voltadas para a formação de lideranças pastorais, isto é, os encontros são para capacitar lideranças nas paróquias e comunidades no serviço vocacional. Em geral, são realizados quatro encontros anuais tendo como lugar o seminário São Francisco de Paula. Nestes, procura-se desenvolver um processo de compreensão do que é a vocação.

Nesta perspectiva, a organização passou pela compreensão da vocação na bíblia, a vocação nos Santos Padres, a vocação no Concílio Vaticano II, a vocação nos documentos do Conselho Episcopal Latino-americano (CELAM) e a vocação nos documentos da Conferência Nacional dos Bispos do Brasil (CNBB). Também esses encontros são momentos, em que padres e irmãs apresentam testemunhos de como chegaram a compreensão de suas vocações.

Para melhor elucidar estas experiências, ao longo do ano de 2009, as quatro etapas da Escola Vocacional foram acompanhadas.

Os encontros começam com uma oração organizada pela coordenação diocesana, na qual procuravam introduzir a temática da vocação através de uma música ou de um texto bíblico. Depois disso, passava-se a reflexão mais sistematizada.

No primeiro encontro, a reflexão, isto é, a apresentação do tema do encontro foi realizada pelo então reitor do seminário, o Pe. Antonio Reges Brasil. O começo foi bem ritualizado, pois ele perguntou a todos que estavam presentes a sua motivação de estar no encontro e obteve uma resposta unânime: *“estamos aqui para realizar um discernimento vocacional”*, dando a entender que aparentemente todos eram muito conscientes do que pretendiam fazer ali. No entanto, o primeiro que respondeu a pergunta acabou indicando para todos o caminho “correto”.

Em sua exposição, Pe. Reges falou sobre vocação e alteridade, tendo como base dois textos bíblicos, quais sejam, o segundo capítulo do Livro de Gênesis, versículo 15 e seguintes e o evangelho de João, capítulo 1, versículo de trinta e cinco a quarenta e seis. Essas duas leituras foram exploradas nos seguintes aspectos: na primeira foi explorado a perspectiva da vocação à vida, isto é, o gênero humano foi criado para viver como graça de Deus. De acordo com a fé católica esta

é a primeira vocação de todos. A segunda trouxe a vocação cristã por excelência, isto é, a vocação para anunciar o Cristo e buscar mais discípulos para a Igreja.

Nesta perspectiva, ele encaminhou a reflexão para o sentido de renúncia da família, casamento, profissão para construir o Reino de Deus e, desta forma, abriu a perspectiva de imitação dos apóstolos, pois muitos abandonaram tudo e saíram a pregar e converter indivíduos pelo mundo afora. Segundo o Pe. Osmar, esta é a essência daqueles que são chamados “*à vida religiosa e em particular ao ministério sacerdotal*”.

Defrontando todos os presentes, os quais não pareciam muito animados a esta perspectiva, entretanto para motivá-los, foi realizado ainda um conjunto de testemunhos de padres entre os quais pretende-se destacar dois. O primeiro padre contou que seu pai era ministro da eucaristia e sua mãe desenvolveu uma doença, cujas consequências a impediam de ter mais filhos. No entanto, ela engravidou e conseguiu ter o bebê, a quem chamou de Enéias. Depois de um longo período sem um rumo claro para sua vida e tendo falecido seu pai, sentiu-se compelido por um sentimento de vazio. Neste momento ele compreendeu a sua vocação ao sacerdócio.

O segundo padre a dar seu testemunho contou que vem de uma família muito católica. Durante sua juventude sofreu de apendicite e foi o acompanhamento de um padre no hospital que constituiu um evento desencadeador, pois quando saiu do hospital resolveu também ser padre.

Neste encontro foi oferecido almoço e à tarde estabeleceu-se uma dinâmica de grupo, isto é, os indivíduos foram separados em grupo de três ou quatro pessoas para responderem algumas perguntas. Pode-se afirmar que a principal questão era: “como identificar a voz de Deus em meio a tantas vozes?”. Muitas respostas surgiram e alguns responderam que orando conseguiram escutar a voz de Deus. Na sequência, foi realizada celebração eucarística como modo de encerramento deste encontro.

O segundo encontro da Escola Vocacional também ocorreu no auditório do seminário São Francisco de Paula. O palestrante foi o Pe. Eduardo, cuja nacionalidade é angolana. Este padre veio para o Brasil para fazer pós-graduação e radicou-se na Diocese de Pelotas. Sua proposta era refletir sobre a dimensão humana da vocação.

O público deste encontro foi diversificado: eram mulheres acima dos 50 anos, jovens, padres, crismandos dentre outros.

Inicialmente o padre desenvolveu uma série de perguntas existenciais, a saber, quem sou eu? De onde vim? Para onde vou? Onde estou? O que faço? Ademais, objetivamente o fato que deve ser posto em relevo é a história da compreensão da sua vocação, a qual nasceu em um contexto de amplo domínio do Partido Comunista Angolano, mais especificamente uma ditadura. A principal força destacada em seu relato foi a pressão contrária a sua opção aplicada por seu tio, isto é, o tio disse que ele jamais seria padre e essa persuasão tornou-se o motor da sua vocação, pois para contrariar o tio ele quis ser presbítero e compreendeu sua vocação.

A proposta desta atividade é desenvolver uma formação gradual, para tanto, quem participa no primeiro encontro deve ter possibilidade de ir nos seguintes, pois o sentido é que a cada encontro o agente de pastoral aprofunde um dos supracitados itens de formação. Todavia, na vida prática da escola as coisas não foram exatamente assim, pois a cada encontro o público mudava radicalmente. Assim, num encontro existia uma predominância de pessoas da paróquia Santa Tecla, em outro era da paróquia Nossa Senhora da Conceição e ainda em outro encontro eram da São João Batista. Não havia um critério discriminatório, sobre a participação de possíveis candidatos ao sacerdócio, ou seja, quem estava procurando discernir sobre qual é a sua vocação cristã e aqueles que pretendiam trabalhar pastoralmente com as vocações.

Além destes, a saber, a Peregrinação Vocacional e as Escolas Vocacionais, duas outras atividades relevantes observadas que são realizadas em nível diocesano são o **Retiro Vocacional**, destinado apenas para homens considerados candidatos a carreira eclesial e o **Retiro para candidatos ao propedêutico** efetuado no final do ano. Porém, estes últimos serão apresentados e analisados no item seguinte.

### **3.6 Performance na Pastoral Vocacional**

A descoberta da vocação ao sacerdócio para o jovem vocacionado trás algumas consequências, como já foi referido, a mudança na expectativa do comportamento do candidato ao seminário na comunidade onde ele está inserido.

Além disso, a partir deste momento ele passa a estar no grupo que deve ser acompanhado pela Pastoral Vocacional. Novas experiências apresentam-se, ademais, uma maior proximidade com o seminário, padres entre outros.

Nem todos passam pelos mesmos processos, neste sentido, existem variações nas participações das atividades pastorais, no que tange as vocações. No capítulo anterior, procurou-se elencar uma série de atividades e estruturas vinculadas ao serviço vocacional. A pastoral desenvolve algumas atividades, as quais, em princípio são abertas a todos, no entanto, existem encontros completamente direcionados aos pré-seminaristas. Tais atividades demarcam de modo arrebatador o caminho deles, pois cada vez mais a sua imagem e autoimagem institucional se altera.

Nesta perspectiva, os referidos encontros específicos – todos são para vocacionados, porém estes são direcionados aqueles que estão se mostrando realmente dispostos a entrar para o seminário – tem uma conotação de mistério de busca para escutar o que Deus quer falar aos vocacionados. Assim, na verdade, esses encontros caracterizam-se como um rito de instituição, pois este grupo de “escolhidos” passa a ser visto de modo diferente por todos, como disse o padre coordenador da pastoral (Pe. Heródes), “*estes são os jovens que vamos investir para vir para o seminário*”.

Com estes elementos, pretende-se analisar estas atividades e seus efeitos sobre os vocacionados. Nas observações realizadas durante estes encontros se percebe uma série de *performances* dos vocacionados, no sentido de parecerem-se ao máximo como jovens dignos do sacerdócio. Estes encontros são realizados com todos aqueles elementos de mistério, os quais cercam esse tipo de ritual – haja vista o exemplo que Lévi-Strauss descreve anteriormente. Além disso, os encontros são efetuados no seminário, onde o ambiente já é, sem dúvida, todo preparado para impactar tais jovens. Os quadros, as imagens, os corredores, as velas, todos estes elementos compõem o cenário, recriado e reinventado para aquele encontro.

O **Retiro Vocacional**, que como já referido anteriormente é destinado apenas para homens considerados candidatos a carreira eclesiástica foi assessorado pelo Pe. Manoel, SJ. O público eram quatro jovens, os quais foram compreender mais especificamente a maneira como Deus opera com os vocacionados. Um elemento central e organizador da reflexão foi a compreensão de que a iniciativa é sempre de Deus.

O padre jesuíta apresentou como as vocações são trabalhadas na Bíblia. Passando pelas vocações desde o antigo testamento, pelos principais patriarcas da religião judaica, chegando ao novo testamento e finalizando com as vocações femininas da Bíblia. Esta reflexão ocorreu na parte da manhã no seminário diocesano e a parte da tarde foi reservada para conversas individuais, nas quais foi oportunizado aos candidatos a possibilidade de exporem suas questões particulares.

Neste sentido, das diversas passagens nas quais aparece Deus chamando profetas a sua vocação, a primeira é sobre a vocação universal a vida, portanto, toda humanidade é vocacionada a vida. Neste aspecto encontra-se, a ideia de Bourdieu sobre este tipo de mensagem, a qual pretende “atribuir uma essência, uma competência, é o mesmo que impor um direito de ser que é também um dever ser (ou dever de ser)” (BOURDIEU, 2008, p. 100). Neste sentido, os jovens se sentiam vocacionados, pois o efeito deste esquema produziu uma ideia de que todos têm vida – a vocação primeira –, portanto, eles se sentiam obrigados a assumir esta essência para poder prosseguir a vocação sacerdotal.

As várias passagens bíblicas, que mostram as vocações servem de paradigma para os jovens, assim o discurso que deve ser enunciado pelos jovens é ensinado neste tipo de encontro. Ademais, o modo como são apresentadas estas passagens vocacionais ajuda bastante os rapazes a elaborarem melhor suas histórias. Deus fala com os profetas na Bíblia e é isso que se fala a respeito das vocações: “*Deus te chama*”. Esses esquemas notoriamente tocam fundo, pois muitos afirmam-se mais no seu intento vocacional quando do retorno as suas comunidades de origem.

Está é outra questão: o retorno a comunidade, pois houve um afastamento, o fato de ter ido para o seminário. Estes elementos convergem para mais um elemento na mudança de visão que as pessoas ao seu redor têm deles, também a mudança na sua própria autoimagem. Logo, a separação que aos poucos ocorre com o jovem vocacionado e o impacto do ambiente neste indivíduo são vetores que agiram de modo significativo. Não se pode deixar de comentar que existe uma mudança também, no modo como os padres percebem estes indivíduos, isto é, como realmente candidatos ao sacerdócio ou para entrar para o seminário pelo menos.

Outro evento importante e definidor das carreiras pré-seminário é o **Retiro para candidatos ao propedêutico**. Nesta perspectiva, o retiro desempenha um

papel de instituidor dos candidatos, ou seja, todos que passam por este evento são encaminhados ao seminário. Portanto, é um momento decisivo na carreira, pois qualquer deslize, isto é, qualquer tipo de interação face a face mal entendida pode levar a uma *performance* errada.

Da atividade realizada em dezembro de 2009 participaram seis jovens, dos quais, um pertencente à Diocese de Bagé e os outros cinco pertencentes à Diocese de Pelotas. Tendo sido marcada a chegada para as 19h de sexta-feira (e a saída prevista para domingo 16h, após celebração eucarística), praticamente todos chegaram no horário e, após acomodarem-se, o pregador do retiro o Pe. Francisco realizou uma oração inicial e acrescentou que logo deveriam ser amigos uns dos outros e deveriam se querer bem, pois é assim a vontade de Deus.

Ainda no começo do retiro ficou estabelecida a divisão do trabalho, isto é, quem limparia os banheiros e quem limparia as louças. A ideia deste tipo de encaminhamento é demonstrar que no seminário, a aclamada vida comunitária, ocorre deste modo, cada um cuida de uma tarefa. Outro elemento relevante foi o pregador do retiro estabelecer a lei do silêncio, pois, deve-se escutar a voz de Deus *“Ele bate no coração de todos, então devemos abrir o coração a Jesus”* (Pe. Francisco).

Em conversa informal foi perguntado a alguns se realmente desejavam entrar para o seminário no ano de 2010. A resposta de todos foi positiva, entretanto, o depoimento mais significativo foi de um jovem que contou sobre problemas que estava enfrentando pela sua opção vocacional.

O jovem relatou que ao falar para sua mãe que desejava ir estudar no seminário, esta ficou enfurecida, pois é evangélica. Na verdade, o chamou de traidor, além disso, seu pai é espírita. A pergunta que se coloca é por que ele contou esta passagem em particular? Não sendo oriundo de uma família católica, deveria ter escondido este tipo de situação, pois contraria toda a lógica eclesial de que os melhores candidatos ao sacerdócio são aqueles, cujo o processo de socialização ocorreu no seio de uma boa família católica?

Outro rapaz relatou sua vocação em outra lógica, isto é, a família é inserida na Igreja Católica, mais especificamente numa Comunidade Eclesial de Base (CEB) da periferia da cidade de Pelotas. Assim, ele relatou que a compreensão de sua vocação ocorreu de repente, ou seja, na perspectiva de que Deus se comunica de modo misterioso com as pessoas e ele soube escutar a voz de Deus. Na realidade,



até um mês atrás ele não pensava em ser padre, contudo, a motivação realizada pelo Pe. Enéias despertou uma busca pela compreensão da carreira sacerdotal.

Na sequência, é lançada a seguinte questão: quem sou eu? Na mesma situação, é reforçado muitas vezes, o quanto as pessoas são livres para escolher o que se desejam.

Toda a explanação está baseada na iniciativa de Deus de se relacionar com o ser humano. Neste sentido, a pergunta lançada foi “qual o plano de Deus para você?”, os elementos para esta resposta procuraram ser dados ao longo do retiro. Segundo o pregador, a pergunta mais desafiadora do evento era “como sabemos da nossa vocação?”. A resposta preliminar oferecida, em certa medida, resolveu tal questionamento, qual seja, “O Espírito Santo inclina nossa vontade para onde deve ser inclinada”.

No esquema adotado pelo padre do retiro, o inculcamento seguiu pelo caminho do matrimônio e do celibato. Neste sentido, abriu-se a reflexão sobre um dos pontos mais delicados, o celibato. Nas palavras do padre:

*Quero dizer a todos vocês que existe o amor de Jesus, no qual, podemos nos afirmar que é o Ágape e não é o Eros. E como é a vida do padre celibatário? Trago à vocês Freud, o qual, fala em sublimação do amor, tudo isto supõe, vocação, ascese etc. E como vamos alcançar a sublimação? Seguindo, o exemplo de Jesus e amar como Jesus amou (Pe. Francisco).*

Objetivamente, foi realizada a separação entre dois tipos de amor, a saber, ágape e eros. O ágape refere-se ao amor divino, em outras palavras, um amor não carnal. De outro lado, o eros é completamente veiculado a dimensão sexual, tal perspectiva deve ser combatida através da sublimação. Na mesma fala foram apresentadas as “vantagens” de ser padre, nas palavras do padre “os *padres ganharam cem vezes mais que os outros no Reino dos Céus*”. Todas as vantagens possíveis do ponto de vista metafísico estavam sendo garantidas, através de promessas e da proximidade que os presbíteros ficam de Deus.

Na parte da tarde, foi colocado da seguinte maneira “Quando a vocação é um chamado de Deus aos homens para a vida e a Igreja?” Os exemplos são os mais diversos, na infância – como é o caso bíblico do profeta Samuel –, na juventude – como é o caso do jovem rico do Evangelho – e na vida adulta – como é o caso dos apóstolos em Atos. Assim, se tem exemplos para todos os níveis, desde o rapaz que está no retiro, pois desde criança pensa em ser padre, passando pelo jovem que

assume a carreira neste período, por exemplo, o rapaz sacristão e já na idade adulta também.

Ao final da tarde de sábado foi aberto um momento para que os jovens pudessem perguntar qualquer coisa a respeito do seminário. Foram feitas algumas perguntas a respeito do celibato, as quais foram habilmente respondidas pelo Pe. Francisco. Perguntaram também sobre o que é o propedêutico? Nas palavras do padre “[...] *é a preparação para a faculdade e uma complementação intelectual, bem como, prepara para o seminário, porque ainda se é candidato ao seminário*”.

No outro dia, ocorreram outras reflexões sobre quem era Jesus e o papel do cristão no mundo. A última atividade foi a missa de envio, isto é, a celebração, em que os jovens seriam enviados de volta as suas comunidades. Durante a missa ocorreu uma pausa para que cada um dos vocacionados contasse a história da sua vocação. Sem dúvida, foi um momento de grande emoção no evento, pois as narrativas foram permeadas pela luta dos vocacionados para chegar ao seminário, inclusive alguns começaram a chorar. Após, despediram-se e cada um seguiu para casa com a última etapa para chegar ao seminário concluída.

É importante ressaltar, que existe uma diferença entre fases no seminário, nesta perspectiva, o propedêutico – compreendido como primeiro momento no interior do seminário – não é considerado ainda seminário, assim, o indivíduo vive um tempo ainda de discernimento e compreensão na prática da vida eclesial. Todavia, o local onde realiza-se tal vivência é o prédio do seminário São Francisco de Paula.

O referido retiro opera como rito de instituição, pois deste evento saem efetivamente os seminaristas do propedêutico. Por mais que se negue, a imagem destes jovens foi mais uma vez modificada, isto é, agora eles participaram de um evento que encaminha a vida seminarística, nas palavras de um dos vocacionados:

*Eu me senti perto de Deus neste retiro, a gente foi tocado pelo Espírito Santo. Agora sei que vou vir para o seminário, este encontro ajudou no meu discernimento, sempre quis ser padre, após essa experiência fiquei com a certeza de que é isso que quero é para isso que o Espírito Santo me inclinou (Lucas).*

Portanto, aquilo que Mauss (2003) destaca como a separação do indivíduo do seu meio natural é este elemento que confere a autoridade mágica, em certa medida, é o efeito deste evento, pois o seu eu foi modificado, isto é, a representação

dele mudou podendo falar no poder do Espírito Santo, por exemplo. Cada um dos vocacionados parte para sua casa pela última vez num *status* de leigo, pois as exigências a partir da entrada no seminário se modificam profundamente.

Toda esta ação institucional descrita até aqui, demonstrou por um lado a função social da Pastoral Vocacional e seus efeitos sobre os vocacionados. Além disso, estes funcionam como elemento confirmador de todo um sistema religioso, isto é, um conjunto de relações entre Deus e o homem. Ademais, a estrutura da pastoral foi desvelada nos seus diversos níveis, bem como seus eventos.

Todos estes elementos procuraram destacar o processo de modificação do eu do vocacionado, a crença na sua representação perante seus irmãos de comunidade e a sua própria autoimagem que foram modificados nos retiros, na Peregrinação Vocacional entre outras atividades. Assim, na sequência pretende-se descrever quais as consequências sob as performances dos indivíduos em contextos bem específicos.

## **4 A carreira do vocacionado**

No capítulo anterior destacou-se o funcionamento da Pastoral Vocacional, o conjunto de agentes envolvidos, estruturas eclesiais disponibilizadas para o recrutamento, bem como a multiplicidade de ações dos agentes de pastoral nos mais diversos níveis. Neste sentido, em linhas gerais, foi possível sublinhar a função social da pastoral, em certa medida, perceber como opera e que discursos ela utiliza como instrumento legitimador de um conjunto de elementos fundamentais à autorreprodução do catolicismo.

Este capítulo tem por função apresentar os principais resultados empíricos da observação participante e também das entrevistas realizadas ao longo do trabalho de campo com os vocacionados. A abordagem inicia pelos indicadores sociais, isto é, profissão dos pais, renda da família, escolarização dos familiares entre outros. A dicotomia cidade e campo é abordada no sentido da desmistificação destas categorias, pois os avanços dos estudos que buscaram estabelecer o valor em si destas concepções, a saber, rural e urbano, apontam para a diferença não ser tão grande como já foi em outros períodos da história brasileira.

Com base nos dados colhidos foi possível estabelecer alguns perfis e trajetórias estruturantes deste tipo de carreira. Neste sentido, é importante perceber esquemas homólogos que caracterizam, em certa medida, as carreiras dos indivíduos seja em que área for. No caso em questão, a carreira do presbítero, passa por um conjunto de ritos de instituição, nos quais a representação do indivíduo muda significativamente, produzindo processos de ruptura biográfica. Com efeito, as pessoas a sua volta vêem o pré-seminarista de maneira diferente e, eles próprios, também se percebem modificados.

### **4.1 Indicadores sociais**

Um primeiro dado que deve ser observado é a posição de classe, a qual indica de onde os candidatos ao sacerdócio partem sob o ponto de vista material e

as próprias possibilidades de investimento em outras carreiras que possam oferecer *status*, prestígio e poder. Também, os recursos – o capital – adquiridos no processo de socialização familiar, escolar, religioso, cultural etc.

A primeira característica está articulada a certa mudança na base social de onde provêm as vocações sacerdotais. Não obstante, no período imediatamente anterior, a situação era diferente, Seidl afirma que no período estudados por ele, qual seja, entre 1940 e 1970, a trajetória dos sacerdotes é marcado pela origem rural e descreve algumas características:

A se destacar em primeiro plano, está a configuração de uma estrutura social fundamentalmente agrária, fundada na pequena propriedade agrícola, cujas elevadas taxas de fecundidade produzem famílias com grande número de filhos. De par com esses dados, colocam-se outros dois aspectos cruciais para a explicação do recrutamento sacerdotal, que são, de um lado, a baixa probabilidade de acesso à escolarização além do ensino fundamental, pelas deficiências de cobertura do sistema escolar secundário público e pela impossibilidade de optar pelo ensino privado; e, de outro, uma alta valorização da religião católica, de práticas religiosas e das profissões relacionadas à Igreja (SEIDL, 2003, p. 145).

Em um contexto diferente do referenciado acima, a Igreja atualmente defronta-se com indivíduos em sua maioria oriundos de uma estrutura social urbana, originários de pequenas cidades. Em muitos casos não se verifica uma ruptura maior com o meio rural, pois apesar de não viverem diretamente numa propriedade rural, estão cercados por essa realidade. Ademais, é significativo aprofundar os sentidos desta proximidade com o meio rural, o qual nos últimos anos vem sofrendo intensas mudanças. Objetivamente, a realidade transformou-se. Antigas distâncias, a saber, tecnológicas, culturais, bem como, acesso a certos serviços básicos não condizem mais com a realidade do mundo rural de alguns anos atrás.

Além disso, atualmente existe um conjunto grande de pesquisas sobre o mundo rural demonstrando as dificuldades na caracterização do mesmo. Com base nesta reflexão, uma definição bastante utilizada pelos pesquisadores é a de “ruralidades”, pois a diversidade é imensa na compreensão do rural/agrário. No epicentro deste debate está a exploração pluriativa, uma novidade até então desconhecida para grande maioria da população. O professor Flávio Sacco dos Anjos descreve o novo cenário das propriedades rurais:

No centro de todo o debate, assenta-se a exploração pluriativa como referente indiscutível de um novo cenário, no qual as propriedades rurais,

assim enquadradas, abrigam em seu interior uma força de trabalho simultaneamente ocupada em atividades agrícolas e não-agrícolas, realizadas no interior ou fora de sua unidade de produção (SACCO DOS ANJOS; CALDAS, 2008, p. 76).

Portanto, é pertinente não tratar as categorias urbano e rural de modo essencialista. Também, verifica-se que o poder explicativo destes conceitos é bem menor do que em outros períodos históricos. Nesta perspectiva, não se deseja negar diferenças, pois elas existem, no entanto, relativizar tal questão para que julgamentos pré-concebidos não sejam efetuados. Neste sentido, o antigo esquema dicotômico entre rural e urbano já não é o melhor caminho analítico para estabelecer uma série de diferenciações, as quais, não têm a mesma força de descrição da realidade empírica.

A taxa de fecundidade é outro dado, no qual não se deve deixar de destacar, pois, que o número de filhos por famílias caiu de modo bastante sensível. Os vocacionados têm em média um irmão, com exceção de um caso no qual são quatro irmãos e outro de um filho único.

Outro elemento arrolado é o acesso à escola, desde o começo da década de 1990 o seminário não aceita jovens que não tenham concluído o ensino médio, ademais, a expansão da rede escolar pública é bastante significativa. Portanto, a necessidade de ingresso ao seminário, comum no período anterior, por acesso a educação básica, também refreou.

Com base nestes dados, associa-se também a pouca escolarização da família e dos locais aos quais tiveram acesso. No caso específico da Arquidiocese de Pelotas, em geral a escolaridade dos pais – apesar das profissões mais ligadas ao universo urbano – vai de lê e escreve a ensino fundamental incompleto, com exceção de um vocacionado, o qual tem a mãe com superior incompleto e o pai com superior completo.

Esses indivíduos são marcados por outros modos de se relacionar com a cultura – em comparação com outras gerações –, pois questionados sobre quais são suas atividades culturais principais, a maioria respondeu que a televisão era uma das suas atividades preferidas e alguns mais jovens apontam a internet como uma forma de também se informar.

Além disso, o contexto destas pequenas cidades é, em geral, de grande valorização da Igreja Católica, contudo, existe uma realidade de proliferação de

outras igrejas e religiões, ou seja, o mercado religioso está cada vez mais desregulado. Neste aspecto, muitos seminaristas comentavam que na cidade pequena existem três autoridades fundamentais, a saber, o prefeito, o delegado e o padre. Trata-se de uma consciência que aflorava nos vocacionados, pois outros diziam “*Numa cidade só ter uma pessoa que consagra hóstia não é pouca coisa*”. Refere-se aqui ao carisma específico dos presbíteros.

Outra característica destacada é a própria autoimagem que os vocacionados têm no que diz respeito a sua classe social. Neste sentido, após várias perguntas sobre a vida material destes perguntou-se, como eles definiam a sua situação de classe. As respostas foram as mais diversas – dependendo do ponto, em que o vocacionado está na sua carreira, isto é, das possibilidades e capacidade de reconstrução da sua trajetória. A partir das observações e da coleta de dados percebe-se que muitos desejam assumir uma condição de pobres para melhor se assemelhar ao Cristo, como nesta passagem de um vocacionado:

P – *Qual a situação patrimonial da família?*

R – *A minha família tem casa própria, carro e um sítio.*

P – *Como você define a sua situação de classe?*

R – *Somos pobres, pois nos assemelhamos ao Cristo e eu particularmente por ter sido chamado por Ele (Gerson).*

Neste aspecto, é possível perceber como se constrói a autoimagem, na qual a ideia de pobreza transcende os dados empíricos, porque o objetivo é ser igual a Jesus Cristo. Estas demarcações de classe social não são fáceis de serem realizadas, pois são muito subjetivas, no entanto, a intenção é mostrar como o discurso dos vocacionados é construído apesar dos dados indicarem outras possibilidades de leitura.

## **4.2 Itinerários de chegada à Pastoral Vocacional**

É imperativo circunscrever temporalmente tais carreiras. Neste sentido, o processo de socialização eclesial dos vocacionados ocorreu majoritariamente durante a década de 1990 e começo dos anos 2000. Logo, a base pastoral – como já foi referido no segundo capítulo – da trajetória destes indivíduos ocorreu sob forte influência dos designados movimentos eclesiais, que são muitos e de diversos

carismas e enfoques, dos quais a Renovação Carismática Católica (RCC) é a maior expressão.

Diversas características que marcam os esquemas de disposições e de restauração do comportamento indicam muitas características parecidas nas carreiras observadas. Nesta perspectiva, dois perfis destacaram-se na direção à carreira presbiteral, quais sejam, aqueles que são ligados a uma vivência eclesial mais intensa dentro dos valores católicos e no interior das Comunidades Eclesiais de Base (CEB's) e aqueles indivíduos com um menor nível de ligação à Igreja – a partir de um esquema mais sacramental – mas, que com a ocorrência de algum tipo de experiência limite, como a morte de alguém próximo ou alguma doença grave, redefinem a trajetória destas pessoas na perspectiva de uma carreira presbiteral.

Em *A carreira moral do doente mental*, Erving Goffman inicia a análise da fase pré-paciente afirmando:

Um grupo relativamente pequeno de pré-pacientes vai ao hospital por vontade própria, seja porque tem uma idéia de que será bom para eles, seja porque há um acordo com as pessoas significativas de sua família. Presumivelmente, tais novatos verificaram que estavam agindo de uma forma que, para eles, era prova de que estavam “perdendo a cabeça” ou o controle de si mesmos (GOFFMAN, 2008a, p. 114).

Homologamente, no caso da carreira do presbítero existe uma iniciativa individual no sentido de procurar ou o pároco da comunidade, ou o padre coordenador da Pastoral Vocacional ou ir ao seminário mesmo. Tal caminho só é efetuado quando a pessoa desenvolve uma imagem a respeito do seu eu, cuja expressão mais utilizada é “me senti chamado”, ou seja, pela perspectiva do candidato ao seminário ele está respondendo ao chamado de Deus.

Esta noção é perceptível pelas muitas vezes, em que estes indivíduos escutaram os testemunhos de outros, portanto, está ideia só se tornou possível na medida em que foi sendo inculcada esta noção do chamado de Deus através da Pastoral das Vocações ou de alguma outra instância eclesial.

Pode-se elencar um conjunto de semelhanças no surgimento das vocações – ou pelo menos no discurso sobre o surgimento. Neste sentido, o período, em que um grupo significativo dos candidatos ao seminário aponta para o “despertar” vocacional é quando criança, assim, tem-se uma multiplicidade de narrativas do período da infância. Um primeiro caso é o de um rapaz que em um encontro da



Pastoral Vocacional, no qual a dinâmica era cada um dar seu testemunho, afirmar que sendo filho de mãe evangélica e pai espírita seu ponto de partida da vida de Igreja foram experiências vivenciadas juntamente a seu avô, ainda na infância.

*Desde pequeno eu vou a missa com meu avô, desde que eu tinha 7 anos, então a minha vontade já vem comigo desde criança, tenho certeza que Deus falou comigo nesse momento. Eu fiquei com esse chamado e quero vir para o seminário, pois, aqui vou conseguir realizar a vontade de Deus (Edson).*

Este caso é significativo, na medida em que revela a realidade do campo religioso brasileiro. O caso do vocacionado acima tem ingredientes interessantes, pois os pais não pertencem à denominação católica. Inclusive em relato, ele contou que sua mãe o ameaçou, dizendo “*se tu vais para o seminário católico, então a partir de agora tu te vira sozinho*”. Toda a indignação da mãe começou após a visita do padre da Pastoral Vocacional, contudo, em questionamento ao padre sobre a situação deste vocacionado ele não sabia de nada do que se passava. Logo, pode-se concluir que a visita eclesial não foi um constrangimento e a mãe do rapaz tratou bem o padre. O pai dele não fez nenhum tipo de resistência.

Além disso, uma característica de grande relevância nesta fase para maioria dos vocacionados socializados num ambiente marcado pela valorização do catolicismo, a saber, é ter desempenhado a função de coroinha ou sacristão. A função destes na vida eclesial é a seguinte:

Na história da Igreja, já antes do Acordo de Milão (313), vemos a presença dos coroinhas como auxiliares nas celebrações e até como uma espécie de “ministro” da eucaristia (São Tarcisio, considerado o padroeiro dos coroinhas). Corajosos, os meninos do coro - daí o termo coroinha - passaram, a medida que a liturgia se desenvolvia, a auxiliar não só nos cantos litúrgicos, mas no próprio serviço ao altar (DERETTI, 2010, p. 77)

A lembrança de ajudar no altar é algo bastante destacado, revelando assim uma perspectiva no sentido que Richard Schechner (1985) atribui a categoria do comportamento restaurado. A partir dos diferentes modos de restauração do comportamento, o modelo com maior capacidade explicativa é  $1 \rightarrow 3 \rightarrow 5_a \rightarrow 5_b$ , o qual foi explicado no primeiro capítulo. Como relata um dos entrevistados:

*Desde os meus 5 anos de idade, manifesto a vontade de ser padre, inclusive brincava de ser padre. A minha família sempre foi muito católica,*

*por isso fui ser coroinha. Ali eu ajudava no altar e durante as missas ficava do lado do padre, assim, desde pequeno as pessoas de minha família me vêem no altar, no manuseio das coisas de Deus. Quando manifestei a vontade mais forte de ser presbítero não causei muita surpresa, porque já estavam acostumados me ver no altar com as vestes sacras da celebração (Ronaldo).*

A diretriz para a ação pastoral, no que tange aos coroinhas é para não pegar apenas meninos que tenham vontade de ser padre. Neste sentido, todos os meninos estão convidados a serem coroinhas, para muitos o começo social da carreira presbiteral ocorre na infância. A ideia de que todos os meninos são bem-vindos é a posição oficial, porém, na prática, ocorre exatamente o contrário, em diversas conversas com padres e lideranças leigas todos afirmavam “*a gente já pega um para ser coroinha, porque, investimos para ser padre*”.

A faixa de comportamento, a qual Schechner (1985) indica na definição de comportamento de restaurado pode ser percebida nestas situações. A restauração ocorre por um evento no passado – no caso, o fato de ser coroinha –, depois tem-se o “não-evento” – a qual, ocorre na narrativa – e a restauração do “não-evento”. Assim, efetua-se a restauração do que nunca foi, pois toda narrativa de coerência apresentada pelo jovem desconsidera outras possibilidades de carreira. A pressão por um discurso homogêneo produz o efeito dos vocacionados não apresentarem realmente todas as questões.

Com base nesta questão, apresenta-se outra dimensão da realidade, na qual, pode-se perceber a força de um discurso ou narrativa, qual seja: a reflexividade, que é uma concepção da etnometodologia definida por Alain Coulon:

No decorrer de nossas atividades ordinárias, não prestamos atenção ao fato de que ao falar construímos ao mesmo tempo, enquanto fazemos nossos enunciados, o sentido, a ordem, a racionalidade daquilo que estamos fazendo naquele momento. As descrições do social se tornam, assim, que proferidas, partes constitutivas daquilo que descrevem (COULON, 1995, p. 41).

Outro vocacionado relatou sua vocação a partir do seu trabalho como zelador de uma paróquia:

*Toda a minha vida ocorreu numa rede católica, assim, posso dizer que o despertar da minha vocação foi no trabalho que desenvolvi como zelador na minha paróquia, por quê? O meu serviço era basicamente na sacristia, é abrir e fechar as portas, são os cuidados com os microfones. Nós tínhamos uma ministra do templo que cuidava da parte sacramental e eu ajudava com*

*o resto. Com isso, a minha vocação se aconteceu o meu despertar, pois ali passei a conviver com os padres, observei um pouco a vida deles. Eu sempre gostava de trabalhar na Igreja, meus pais me influenciaram, no entanto não comecei esse trabalho com a idéia de vir para o seminário. Era um simples trabalho, uma ajuda, mas depois com a vivência com os padre e as pessoas lá na paróquia me despertou esse sentimento devido ao fato de gostar de estar lá (Alex).*

Tanto no caso do coroinha, como neste o conceito de restauração de comportamento é aplicável. Ademais, a própria comunidade está acostumada com este indivíduo no altar, no zelo para as coisas relacionadas à atividade sacerdotal. O modo como o eu destes indivíduos é visto pelos outros e a própria autoimagem deles está marcada nestas trajetórias. Neste sentido, é preciso notar que a primeira descrição do vocacionado foi como zelador, trabalho para o qual ele era remunerado. A definição é a seguinte:

O ministério de sacristão é um cargo eclesiástico laico, ao qual se coloca a responsabilidade de manter os edifícios da Igreja e os jardins circundantes. Em capelas e igrejas menores, o posto é às vezes combinado com o de coroinha. Em igrejas maiores, como basílicas e catedrais, pode haver uma equipe de sacristãos (DERETTI, 2010, p. 72).

Na verdade, o ministério de sacristão é um trabalho ligado à manutenção do edifício, bem como o entorno da Igreja. Portanto, o elemento que deve ser destacado é o modo, a crença que o jovem tinha no papel que estava desempenhando. Não é a primeira vez que fica clara a estratégia eclesial para conduzir estas situações. No caso citado havia toda uma conotação religiosa na atividade do jovem, entretanto, o enfatizado é o ser zelador. Além disso, no retiro para ingressar no seminário – em seguida, se começará a descrevê-lo – o padre proclama em alto e bom som, a “liberdade humana”, muito mais como estratégia do que com qualquer outro significado. Assim, ficam todos muito tranquilos, pois ninguém está sendo coagido ao sacerdócio – pelo menos, não de modo direto.

Outro dado que deve ser levado em consideração é a necessidade de coerência. Nesta perspectiva, as narrativas nunca têm problemas, isto é, dúvidas, pois é algo que vem desde a infância. Fica patente, a doutrina da predestinação é um dos motes de explicação da autoimagem destes indivíduos, a qual eles já escutaram dezenas de vezes do plano de Deus para cada ser humano. Tais elementos trajem em seu bojo, uma carga da concepção de restauração do

comportamento, isto é, reconstruímos o passado a partir das necessidades do presente e do futuro.

É significativo sublinhar que não se pretende um determinismo, isto é, que todas as crianças e jovens que passarem por essas etapas necessariamente serão presbíteros. Existe uma multiplicidade de coroinhas que nunca chegaram a pensar efetivamente na vida eclesial, bem como, muitos seminaristas não foram coroinha e nem mesmo sacristão. O patrimônio de disposições pode ser acionado por diversos fatores, os quais podem ser acionados pelas situações mais diversas.

Um segundo modo, de “despertar” vocacional ocorre com os indivíduos que passam por situações limites, isto é, experiências de doenças ou de morte de alguém próximo, produzem rupturas biográficas. Geralmente, estas pessoas relacionam essas situações com seu chamado para próximo de Deus. A ideia de morte ou de poder morrer faz agir o patrimônio de disposições e os efeitos são os mais diversos. Alguns, até tal situação nunca tinham pensado na vida eclesial, todavia, sentem-se muitas vezes perdidos com sentimentos vagos, os quais têm grande dificuldade de explicar, como neste caso de um vocacionado que perdeu o pai:

*Eu tinha me formado num curso técnico e vim trabalhar na barragem e nunca estive ausente a inquietação vocacional, sempre procurei responder. Neste período, o meu pai veio a falecer e eu não estava junto. Assim, este período foi bem difícil, porque eu morava sozinho na barragem, na verdade sozinho não, tinha os colegas que trabalhavam lá. Mas, teve um mês que eu passei completamente sozinho e foi um período de muita reflexão e oração, então pude pensar muito sobre minha vida e minha vocação. Então, comecei o meu discernimento e conheci o pároco da cidade, em que eu estava e passei a frequentar os encontros da Pastoral Vocacional aqui no seminário (Fernando).*

Neste mesmo sentido, outro caso de vocação foi do indivíduo que passou por uma doença grave, a qual foi relacionada por ele ao chamado vocacional:

*Desde pequeno sempre me chamou a atenção esse estilo de vida, acha misterioso e fascinante ao mesmo tempo. Depois tive uma experiência de saúde, na qual, fui desenganado pelos médicos. Tive apendicite e não foi dada a devida atenção no pós-operatório e por outras experiências no hospital me levaram a firmar mais. Portanto, eu queria fazer diferente, tratar o outro diferente do que fui tratado no hospital, isto tudo somou resolvi que queria seguir a esta vocação. Depois desta experiência tudo foi diferente, os meus pais passaram a ver as coisas diferentes foi uma experiência muito marcante que modificou a minha vida (Paulo).*

Fatos como da morte de alguém próximo ou de quase morte modificam as pessoas produzindo rupturas biográficas, logo, estas experiências produzem mudanças no indivíduo. Nesta perspectiva, Lahire (2005) aponta para as disposições, as quais podem sair de um estado de vigília ou serem reativadas a partir de uma dúvida, crise ou hesitação. Estes dois casos referidos acima são de infâncias marcadas pela participação na Igreja, no entanto, foram indivíduos que tinham abandonado a vida eclesial, isto é, a participação na comunidade, a frequência na missa etc.

Outra questão relevante nestas carreiras é o momento, em que os vocacionados são apresentados a comunidade como candidatos ao sacerdócio. Trata-se, sem dúvida, de um rito de instituição, pois muda a representação do real que seus familiares, amigos e demais membros da igreja têm sobre eles. Também muda a própria autoimagem destes, assim, sentem mudar sua *performance*, como neste caso:

*Estavamos falando para Dom Jayme, você virá uma vitrine, as pessoas te olham diferente e a tua atitude tem que ser diferente. Claro você não vai pensar assim de ficar te cuidando toda a hora, você vai pelo normal, mas tens que já ter está consciência, graças a Deus. Você tem que buscar um crescimento, porque é uma decisão importante e as pessoas te enxergam assim, não diferente, mas alguém que é um exemplo que elas tem a seguir ou alguém, não vou dizer destacado, mas elas olham diferente e eu sinto bem isso (Alex).*

As experiências vivenciadas até aquele momento em âmbito pessoal passam a ser públicas e o indivíduo muda de modo eficaz sua representação sobre o real. Assim, o seu equipamento expressivo tem que se modificar, realizar ajustes no seu eu, pois as expectativas de sua *performance* modificaram-se substancialmente. Em certo sentido, está questão tem a ver com o conceito de reflexividade da etnometodologia, pois ocorre uma mudança no código, em que a pessoa deve balizar suas ações.

Goffman (2008a) abordou o caráter retrospectivo da sociologia das carreiras, percebendo que a reconstrução do passado é fundamental para dar sentido ao presente. Nesta perspectiva, é pertinente perceber que o caminho no seminário – na carreira presbiteral – só faz sentido, na medida em que a pessoa visualiza seu passado e identifica diversos fatores que convergem para esta situação. Com base nesta questão, é possível pensar como o próprio vocacionado reconstrói sua

carreira, todas as atividades ligadas de algum modo a Igreja são conectadas dando sentindo a sua escolha.

### 4.3 Dinâmicas e padrões de carreiras de presbíteros

#### 4.3.1 Os vocacionados com forte engajamento na Igreja

Um perfil de vocacionado característico do universo investigado é aquele, em que a família tem uma forte inserção na vida da comunidade. São vários os vocacionados que comentaram do ambiente familiar marcadamente católico, como sendo um fator significativo para sua opção vocacional. Neste sentido, a religião católica se fazia presente na vida destes desde quando eram crianças.

Em um caso, o vocacionado tinha os pais em profissões urbanas, a saber, o pai pedreiro e a mãe professora, tendo na família mais dois irmãos, um mais jovem e outro mais velho. A escolarização do pai é o quarto ano do Ensino Fundamental e a da mãe o Ensino Médio completo, pois para exercer a profissão de professora não era necessário ensino superior. Este vocacionado veio de outra região do Brasil para o seminário da Arquidiocese de Pelotas, pois um forte vínculo com um padre pertencente à arquidiocese o fez vir para esta região.

Além disso, sua família participava intensamente da Comunidade Eclesial de Base, na qual estavam inseridos. Participavam também, de atividades paroquiais como por exemplo, na condição de coroinha. Ademais, pode-se afirmar que da adolescência em diante participou de diversas pastorais, quais sejam, do dízimo, da juventude, bem como, do apostolado da oração e da Sociedade São Vicente de Paula. Ao ser questionado sobre o momento no qual se compreeceu vocacionado ao Ministério Sacerdotal, respondeu:

*Desde sempre eu tenho vontade de ser padre, sempre pensei que isto era alguma coisa só de criança que fosse algo de fase. Mas, a compreensão veio mais no final do de 1999, quando eu vi um cartaz convidando para ingressar no seminário. Então, eu estava com recém feito 15 anos, assim, eu vi o cartaz e procurei o padre, o qual conversou comigo. Na semana de 3 a 10 de janeiro, eu participei da semana vocacional no seminário, onde fiquei uma semana e após teve uma avaliação e fui aprovado. Ingressei para o seminário menor, fui fazer o 2º grau dentro do seminário. A compreensão maior vem ocorrendo no interior do seminário, por que a gente vem compreendendo o que é esse chamado (Luis).*

Numa fala anterior este seminarista havia explicado que desde criança ele sonhava em ser padre. Pois, a sua formação ocorreu num ambiente marcadamente católico, onde participavam da vida comunitária, qual seja, as missas, as festas, a catequese entre outras atividades. Com base nestes dados, pode-se compreender a razão da família do vocacionado ter reagido em apoio a sua opção, quando ele falou em casa sobre o desejo de entrar para o seminário. Segundo o mesmo:

*A família sempre apoiou, eles nunca viram como algo ruim, mas também nunca me pediram para ser padre, fui sempre eu que tive a ideia. Depois fui ver não era uma ideia minha, pois é um chamado de Deus. Quando eu disse propriamente para minha mãe que iria para o seminário, ela levou um certo susto. Lembro que falei com ela: mãe eu quero ir para o seminário. Ela perguntou: para o seminário? Mas, ela compreendeu, não é se espantou no sentido de não agradar, mas no sentido de não ter pensado tanto que eu gostaria de ir para o seminário. Embora, ela me ouvisse falar desde criança que queria ser padre talvez ela pensou que era coisa de criança. No entanto, com 15 anos eu já estava agora um rapazinho já tomava decisões, ela levou um certo susto assim, quando viu que a coisa era séria procurou o Pe. Daniel e até ela falecer ela manifestou apoio, inclusive pais e irmãos (Ricardo).*

Num primeiro momento, a questão do apoio familiar constitui-se como elemento, em certa medida óbvio. Em geral, a família deveria ficar orgulhosa de ter um filho vocacionado ao sacerdócio, no entanto, é notório que as dificuldades de apoio apresentadas pelo seminarista são características de pais que no mínimo não pensavam em seu filho na carreira presbiteral. O esforço retórico empreendido pelo vocacionado indica certa ambiguidade nesse apoio familiar. De qualquer modo, é uma boa demonstração de como as famílias, mesmo as consideradas bastante atuantes, encaram o ministério sacerdotal.

Um outro vocacionado, o qual tem uma família bastante inserida na vida comunitária da Igreja, frequentava a CEB de onde morava, qual seja, comunidade Santa Cecília. O núcleo familiar do mesmo era constituído por seus pais com pequeno capital escolar, a saber, ensino fundamental incompleto e, pela irmã – com o ensino médio completo. A profissão do pai sempre foi cobrador de ônibus e a mãe dona de casa. Ele descreve-se na infância, como muito ligado a mãe e os parentes maternos, que são todos de descendência italiana. Assim, a força da Igreja na família entrava por esta ligação com a italianidade como afirma o mesmo: “*pelo lado da minha mãe todos são católicos e pelo lado do pai, os que costumam ir à religião,*

*são católicos, mas são poucos, pois pelo lado da minha mãe a Igreja é mais forte”* (Gerson).

Questionado sobre a memória do seu primeiro engajamento eclesial, ele respondeu que *“foi na catequese, porque a minha família sempre foi católica, então com uns 7 ou 8 anos”* (Gerson). Ademais, sua trajetória realizou-se na militância das pastorais católicas. Desenvolveu trabalho como catequista de 2003 a 2005, concomitante, atuou na Pastoral da Juventude de 2003 a 2008. Também trabalhava na coordenação paroquial, onde a comunidade dele estava inserida, representando a comunidade como liderança e também, na coordenação paroquial de juventude. Em nível diocesano, de 2005 a 2006 participou da coordenação diocesana da Pastoral da Juventude na condição de representante paroquial. Foi referência diocesana da Pastoral da Juventude entre julho de 2008 a maio de 2009 – espécie de coordenador.

O modo como este seminarista descreveu seu processo de descoberta vocacional ocorreu na ação pastoral:

*Após a assembléia da Pastoral da Juventude em 2007 ocorreu algumas confusões e eu fiquei mal, senti um distanciamento entre a minha participação da pastoral, não por opção. Neste meio tempo fui convidado para fazer retiros vocacionais através do Pe. João e o Pe. Enéias. Então, percebi que pensar na vocação de ser padre poderia estar ajudando na Pastoral da Juventude futuramente, foi isto que me motivou a querer ir para o seminário* (Gerson).

Trata-se de dois casos de forte inserção na vida da Igreja, entretanto, com sentidos diferentes. Isto é, no primeiro caso, o vocacionado desde a infância pensava na carreira presbiteral, em larga medida, as suas ações estiveram relacionadas ao sacerdócio – como brincar de padre. Objetivamente, a doutrina da predestinação, a qual tem como ideia central que Deus tem um plano para cada um dos seres humanos é o elemento acionado para explicar a trajetória dele. O seu patrimônio de disposições ao sacerdócio construído num longo processo de socialização religiosa, o qual faz ver como natural – algo imposto e arbitrário – um conjunto de experiências alicerçadas na prática de ajudar no altar.

No segundo caso, pode-se falar em constituição de um patrimônio de disposições efetuado a partir de uma intensa militância católica. Não se pode desconsiderar a força de sua família, particularmente, os descendentes maternos de matriz imigrante. Ademais, é neste engajamento que surgiu a possibilidade da



carreira presbiteral, não como algo predestinado, mas como sua escolha, um modo de servir ao trabalho com a Pastoral da Juventude. Todavia, ele afirmou:

*Muitas vezes foi motivo de discussão que a forma que eu agia não era o esperado de um seminarista. Não se esperava que um seminarista estivesse no meio de meninas, porque é um seminarista, então no meio de meninas ele está com algum tipo de interesse. Outra coisa que me disseram e eu achei muito engraçado é que o seminarista de hoje é o padre de amanhã, assim, por exemplo, se eu andasse muito acompanhado de garotas, depois quando padre eu posso vir a ter envolvimento. Este tipo de comportamento é que nos pressionavam a modificar, outro exemplo, eu sempre fui muito brincalhão, então, se esperava uma postura mais séria, uma postura de quem está mais maduro (Gerson).*

Este dado ajuda a refletir os dois tipos de trajetória fortemente vinculadas a vida eclesial. Neste sentido, se por um lado tem-se um indivíduo participante da sua CEB, catequese, coroinha, entre outras atividades, com base nesta carreira constituiu-se um patrimônio de disposições, isto é, desde criança em contato com as coisas sagradas, com a disciplina eclesiástica institui um modo de se relacionar com os leigos, com a hierarquia enfim, elementos da carreira do presbítero que podem ser questionadas por jovens. Um processo de inculcação desde criança facilita significativamente a naturalização de determinados comportamentos sem maiores questionamentos.

Por outro lado, no segundo testemunho, o jovem tem grande inserção eclesial, participa ativamente dos organismos pastorais, seja em nível, comunitário, paroquial e diocesano. Entretanto, tal proximidade com a Igreja construiu um esquema de disposições crítico ao catolicismo. Isso fica claro, à medida que ele conhece a *performance* exigida de um seminarista, os comportamentos profundamente ritualizados e mesmo assim desempenha o papel de seminarista do modo como ele compreendia. Logo, com uma *performance* muito independente assusta a hierarquia, coloca em questão a obediência, um dos principais votos no momento da ordenação presbiteral.

#### 4.3.2 Os sacramentos como orientadores da vida eclesial

Diferente dos casos referidos acima, este estilo de carreira ao presbitério se caracteriza mais por outros tipos de experiências e ritos de instituição. A família se definiu como católica ao tomar como critério questões da ordem dos sacramentos,

isto é, são batizados na Igreja, fizeram catequese e, portanto, a primeira eucaristia, bem como também crismaram-se. Ou seja, seguiram o caminho dos designados sacramentos da iniciação cristã.

Todavia, num caso específico, um vocacionado afirmou: “*eu fiz os sacramentos, mas minha família não frequentava muito a missa dominical*” (João). Este é o perfil de muitos pré-seminaristas, desconhecem a vida eclesial, sua dinâmica e exigências. Neste sentido, alguns comentam que até frequentavam as vezes alguma atividade da Igreja, não necessariamente a missa, pode ser uma festa ou jogos que as paróquias promovem.

Nesta perspectiva, um caso de vocacionado, o qual tem quatro irmãos e um de criação, quando questionado sobre a presença da Igreja na sua vida, respondeu:

*A gente não era uma família muito tradicional católica, frequentava a Igreja de participar dos sacramentos, de crisma, de primeira comunhão, de batismo, mas da percepção que tenho hoje nós não éramos uma família tão tradicional. Se pensarmos num todo a minha família não era muito de Igreja, mas tinha alguns momentos (João).*

Os pais deste jovem têm Ensino Fundamental incompleto. A mãe é motorista de uma van que carrega alunos para escola e o pai técnico metalúrgico. Este vocacionado apontou dificuldades ao longo de sua infância e adolescência com os pais, ao afirmar: “*os meus pais eram extremamente fechados. Com o tempo eles foram se abrindo. A gente não tinha liberdade em casa para falar de diversos assuntos, isso foi algo que me marcou muito esse modo um pouco conservador dos meus pais*” (João).

O itinerário escolar deste indivíduo foi marcado pela influência que o pai exercia, na escolha de qual o melhor caminho a tomar profissionalmente. Neste sentido, as poucas opções faziam com que o pai e o irmão mais velho lhe indicassem qual era o caminho a ser trilhado. Entretanto, ele afirmou que não conseguiu se encontrar como torneiro mecânico:

*Durante muito tempo, a influência de minha família foi muito determinante quando fiz o ensino fundamental ele era profissionalizante, o curso era torneiro mecânico. Pois, o meu irmão tinha sido torneiro mecânico e o meu pai achava que seria bom, no entanto, ele ficou um pouco frustrado, porque o meu irmão era um bom torneiro mecânico e eu não fui. Por insistência eu ainda fiz outro curso, técnico em eletro-mecânica, contudo, percebi que não era o meu caminho, pois, na verdade eu fui um pouco influenciado pelo pai (João).*

Muita pressão por não exercer a profissão de família propiciou a ideia de que ele não sabia muito o que queria, na verdade foi colocado um pouco de lado por todos da família. Neste sentido, por seu próprio caminho descobriu a comunidade católica onde morava e *“vendo os outros ir, eu quis ir também, então desde minha adolescência eu comecei a frequentar a comunidade onde eu nasci”* (João). Ele afirma que foi o responsável por sua família começar a frequentar o catolicismo, mas outro elemento importante foi a proximidade com o bispo. Como relata: *“o meu pai sempre buscava o bispo para celebrar a missa de natal, e o bispo tomava café com a gente e eu tive essa convivência que me chamou vocacionalmente”* (João).

Nesta perspectiva, na medida em que ele foi se inserido eclesialmente alguns fatores começaram a pesar para ele. A comunidade, onde ele se inseriu, o pároco entre outras lideranças começaram a cobrar dele:

*Quando fui ficando mais velho, eu percebi que tinha uma vontade maior, então percebi que era vocação. No entanto, as pessoas começaram a me cobrar e isso me assustou muito, pois elas viam em mim uma imagem de padre e queriam que eu fosse, o próprio pároco da comunidade. Assim, todo mundo começou a cobrar e isto foi um problema, porque eu comecei a rejeitar toda aquela pressão* (João).

Quando refere-se ao seu afastamento, ele deixou a proximidade construída na Igreja e foi fazer outras experiências de vida se afastando bastante do catolicismo. O principal argumento apresentado pelo vocacionado é que estas experiências *“não faziam me sentir realizado preenchido”* (João). Assim, quando ingressou na faculdade foi morar com um padre:

*Na faculdade, eu fui morar com um padre, porque eu tinha alugado uma casa e ele pediu para ir morar com ele para que o padre, então liberasse a casa para uma empregada. Em função disto, neste período eu percebi que tenho uma vocação, um chamado maior. Eu me sentia naquele contato com o povo me realizava, as coisas da comunidade. Eu percebi que me sentia útil e ficava mais próximo de Deus* (João).

Nota-se que são esses contatos diretos com os padres e a própria proximidade com o bispo, que ele revelou tomar café na casa dele durante dez anos no Natal, foram elementos importantes na constituição de um patrimônio de disposições voltado para tais questões eclesiais. Este último fato, a saber, de ir morar com o padre, pode ser considerado como um momento de ruptura biográfica

na vida deste indivíduo, pois depois ele procurou o seminário para começar o processo, para entrar para o seminário diocesano.

#### 4.3.3 De outra religião

Na atual conjuntura do campo religioso brasileiro existem casos de jovens que descobrem sua vocação ao presbitério católico advindos de outras denominações cristãs ou mesmo de outras religiões. Neste sentido, no processo de observação da Pastoral das Vocações perceberam-se dois casos, em que, os vocacionados vieram de outras religiões em busca da carreira do presbítero.

Não obstante, o enfoque foi dado a um caso em particular: o de um jovem cuja mãe é evangélica e o pai espírita. Tomou-se conhecimento do caso, num retiro vocacional, em que alguns jovens foram convidados especificamente para entrar no seminário São Francisco de Paula. Em conversas paralelas, o rapaz conta que:

*A situação na minha casa está muito complicada, pois minha mãe é evangélica e o meu pai é espírita. Minha mãe me chamou de traidor, porque eu quis vir para o seminário católico, e disse que a partir de agora eu me virasse. O meu pai é tranquilo, liberou tranquilo sem maiores restrições a minha vontade de vir para o seminário (Edson).*

A carreira deste indivíduo ocorreu sempre em conflito, com a mãe protestante neopetencostal, porém, o pai da mãe dele, ou seja, seu avô materno era católico e foi quem levou-o para o interior da Igreja Católica, acompanhando-o nas missas aos domingos na comunidade. Evidentemente emocionado, ele relatou diante dos demais candidatos:

*Desde pequeno fui as missas com meu avô, portanto, foi ele quem me ensinou a ser católico e desde este período tenho a vontade manifestada em mim de ser padre, desde que tenho 6 ou 7 anos de idade. Passei por uma situação de quase morte, os médicos descobriram em mim uma doença para a qual não havia cura. Entretanto, estou aqui falando com vocês. Isso pode ser a mão de Deus e quero recompensá-lo dedicando a minha vida ao sacerdócio (Edson).*

Posteriormente, em entrevista, ele contou outros detalhes de sua vida que podem ser pensados como ruptura biográfica. O período no qual ele esteve internado foi um período de uma experiência muito profunda para ele, como afirma: “Eu conheci Deus ali, eu sei que ele me escolheu é assim” (Edson). Nesta

perspectiva, percebe-se que o seu patrimônio de disposições construído, ao longo de sua infância com seu avô foi acionado nesta experiência.

Portanto, todos esses dados reunidos até aqui apontam para algumas mudanças significativas na carreira presbiteral. A mudança do perfil social dos indivíduos com familiares em profissões, em sua maioria, ligadas ao mundo urbano produz consequências importantes. Uma delas é o próprio acesso aos recursos escolares, o que marca uma diferença substancial em relação ao perfil anterior de seminaristas, o qual necessitava ir para o seminário para ter no mínimo o ensino básico. Além disso, o próprio desenvolvimento de uma estrutura que pretende-se como aglutinadora de toda as ações para o recrutamento, também marca uma diferença em relação ao esquema anterior.

Ademais, as carreiras dos vocacionados estão marcadas por algum tipo de vínculo anterior com a Igreja, o qual pode ser acionado no presente dependendo da circunstância.

## Conclusão

O trabalho desenvolvido nesta pesquisa teve por problemática o itinerário de um indivíduo até o seminário, isto é, a carreira do presbítero na fase pré-seminário – mais ou menos aos moldes do pré-paciente de Goffman (2008a). Neste sentido, procurou-se articular a concepção de *performance* no empenho de apontar outro caminho para esta perspectiva analítica. Tal conceito vem sendo utilizado amplamente nas análises de rituais numa lógica muito interna, isto é, das fases do ritual como se estes elementos pudessem explicar por si, as questões e lógicas sociais em jogo nestas análises.

Alicerçou-se a análise na lógica mais externa dos ritos, somando-se a preocupações como a função dos rituais, a *performance* do eu sob a modificação da representação do indivíduo perante uma interação ou uma plateia. E este é um ponto muito significativo, a interação e a plateia como instrumentos legitimadores de determinadas performances e rituais. Ademais, lançou-se mão de diversos recursos metodológicos, os quais deram um suporte importante à pesquisa, a saber, a observação participante, entrevistas, análise de documentos entre outros.

Portanto, para levar a efeito a análise destas questões teve-se como momento inicial o processo de compreensão histórica da formação do clero nativo, bem como de seu recrutamento. Neste sentido, o fio condutor desta abordagem está ligado a força da Companhia de Jesus neste processo, isto é, foram os principais formadores do período colonial com casas de formação e colégios até a sua expulsão em 1759 pelo Marquês de Pombal. No século XIX, tem-se a ascensão dos padres seculares, particularmente para arena política após a independência do Brasil. Durante o império brasileiro as dificuldades para o recrutamento de novos seminaristas e a falta de incentivo do Estado – no sentido de financiar os poucos seminários existentes – levaram a obliteração e marginalização eclesial, obrigando a Igreja a importar padres da Europa.

Quando ocorreu a separação jurídica entre o Estado e a Igreja verificou-se um processo de expansão institucional, a saber, criação de muitas dioceses e de seminários. Sérgio Miceli definiu este momento como a modernização conservadora da Igreja. Todo este esquema estava sustentado na chamada romanização da

Igreja. Além disso, o desenvolvimento de vocações no período republicano, em certa medida, estava vinculado as ligações da elite eclesiástica com as elites políticas e econômicas. No caso do Rio Grande do Sul, a ação eclesial foi focada nas colônias de imigração alemã e italiana, as quais passaram a ser chamadas de celeiros das vocações.

A situação da região de Pelotas e da própria Arquidiocese é, em larga medida, da escassez de vocações sacerdotais, pois historicamente esta região sempre foi uma zona de ocupação, seja de espanhóis como de portugueses e não de colonização (ISAIA, 1998). Ademais, a constituição de uma rica elite charqueadora ligada aos ideais maçônicos do movimento iluminista foi outro problema enfrentado pelo catolicismo. Como um dos principais fenômenos advindos desta problemática para a reprodução institucional da Igreja nesta região foram às poucas vocações sacerdotais desenvolvidas.

Neste sentido, a maioria dos esforços no propósito de aumentar o número de padres na Diocese de Pelotas encontrou bastante dificuldade. Um exemplo que ilustra é a primeira promoção vocacional ter sido efetuada em outro lugar, qual seja, na Diocese de Caxias do Sul. Outro elemento foi a institucionalização da Pastoral das Vocações, a qual ao demorar para encontrar um modo de agir demonstrou a fragilidade da situação. As próprias dificuldades atuais na constituição de equipes comunitárias e paróquias é outro indicador relevante. Além disso, a descrença dos próprios agentes da pastoral em seu trabalho destaca como é encarada tal questão.

As atividades da Pastoral Vocacional em nível diocesano são em sua grande maioria voltadas para a carreira do presbítero. Este é outro elemento que causa profundo descontentamento em parte dos agentes de pastoral, pois tal situação salienta, em certa medida que as orientações pastorais dos documentos do Concílio Vaticano II estão sendo desconsiderados, bem como as recomendações do CELAM e da CNBB. Tais questões são muito patentes para a maioria das lideranças da Pastoral Vocacional, as quais apontam como falha a formação eclesiástica dos presbíteros diocesanos.

Além do mais, as representações que levam a carreira de presbítero em sua grande maioria são profundamente subjetivas e relacionadas a missa e o altar. Nenhum dos vocacionados entrevistados afirmou perceber sua inclinação ao sacerdócio na ajuda ao próximo, isto é, no serviço da caridade.

As experiências são sempre individualizadas, como no caso do rapaz que se curou de uma infecção quando já o consideravam sem chances de sobrevivência. Neste sentido, é importante perceber que ao observar com atenção a História de muitas vocações sacerdotais de santos se percebe tais questões. Um caso bastante conhecido foi de Santo Inácio de Loyola, o qual em 1521 foi atingido em uma batalha e a partir deste evento fez “uma experiência de Deus” profunda. Até este evento ele pouco contato tinha com a Igreja Católica, mas pela cura “miraculosa” resolveu dedicar sua vida a Deus. Por conseguinte, é necessário compreender que este tipo de vivência é característica destas carreiras, existem muitos exemplos como este ao longo da História da Igreja.



## Referências

- AMARAL, Giana Lange. **Gymnasio Pelotense e a Maçonaria**: uma face da História da Educação em Pelotas. Pelotas: Seiva Publicações, 1999.
- AZZI, Riolando. A instituição eclesiástica durante a primeira época colonial. In: HORNAERT, Eduardo *et al.* **História da Igreja no Brasil**: ensaio de interpretação a partir do povo: Primeira Época Período Colonial. Petrópolis: Vozes, 2008.
- BECKER, Howard; PESSIN, Alain. A dialogue on the ideas of "World" and "Field", **Sociological Forum**, v. 21, n. 2. Jun. 2006, p. 275-286.
- BIBLIA SAGRADA: Edição Pastoral. 59. Impressão. São Paulo: Paulus, 2006.
- BOURDIEU, Pierre. **A economia das trocas linguísticas**. 2.ed. São Paulo: EDUSP, 2004.
- CÓDIGO de Direito Canônico. 16. ed. São Paulo: Loyola, 2005.
- COLOUN, Alain. **Etnometodologia**. Petrópolis: Vozes, 1995.
- COMPÊNDIO do Vaticano II. 29. ed. Petrópolis: Vozes, 2000.
- DA SILVA, Ruben Alves. Entre "artes" e "ciências": a noção de *performance e drama* no campo das ciências sociais, **Horizontes Antropológicos**. Porto Alegre, ano 11, n. 24, jul/dez. 2005. p. 35-65.
- \_\_\_\_\_. **Performances congadeiras e atualização das tradições afro-brasileiras em Minas Gerais**. 2005. 244f. Tese de Doutorado - Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social. Universidade de São Paulo, São Paulo.
- DE BONI, Luis Alberto. **A Presença Italiana no Brasil**. São Leopoldo: EST, 1987. (Volume 1)
- DEFLEM, Mathieu. Ritual, Anti-Structure and Religion: a discussion of Victor Turner's processual symbolic analysis, **Journal for the Scientific Study of Religion**. Londres, n. 30, 199.
- DELLA CAVA, Ralph. Igreja e Estado no Brasil do Século XX: sete monografias recentes sobre o catolicismo brasileiro, 1916-1964. **Novos estudos - CEBRAP**, n. 12, 1975. p. 05-52.
- DERETTI, Edson Adolfo. Deus me chamou, coroinha sou. In: SOUZA Devanilson Álvares de. **Introdução à formação de coroinhas**. 3.ed. Diocese do Divino Espírito Santo e de Nossa Senhora da Evangelização. Luziânia/ Goiás: 2010.
- DIENSTBACH, Carlos. **A Maçonaria Gaúcha**: História da Maçonaria e das Lojas do Rio Grande do Sul. Londrina: A Trolha, 1993 (coleção A Maçonaria Gaúcha, Volume 2).

DURKHÉIM, Émile. **As Regras do Método Sociológico**. São Paulo: Martins Fontes, 2009.

ERIKSEN, Thomas; NIELSEN, Finn. **História da Antropologia**. Petrópolis: Vozes, 2007.

FRAGOSO, Hugo. A Igreja na formação do Estado Liberal (1840-1875). In: HAUCK, José Fagundes. **História da Igreja no Brasil: ensaio de interpretação a partir do povo: Segunda Época século XIX**. Petrópolis: Vozes, 2008. p. 141-254.

FILLIEULE, Olivier. Pour une analyse de l'engagement individuel. **Revue française de science politique**, v. 51, n.1-2, février-avril 2001, p. 199-217.

GASTALDO, Édson. Goffman e as relações de poder na vida cotidiana, **RBCS**. v. 23 n.o 68 outubro/2008.

GEERTZ, Clifford. **Negara: o Estado teatro no século XIX**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1991.

GOFFMAN, Erving. **Manicômios, prisões e conventos**. 8. ed. São Paulo: Perspectiva, 2008a.

\_\_\_\_\_. **A Representação do eu na vida cotidiana**. 15. ed. Rio de Janeiro: Vozes, 2008b.

HAUCK, José Fagundes. A Igreja na emancipação (1808-1840). In: HAUCK, José Fagundes. **História da Igreja no Brasil: ensaio de interpretação a partir do povo: Segunda Época século XIX**. Petrópolis: Vozes, 2008. p. 07-139.

ISAIA, Artur César. **Catolicismo e Autoritarismo no Rio Grande do Sul**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 1998.

LACROIX, Pe. Pascoal. **O mais urgente problema do Brasil: O Problema Sacerdotal e sua Solução**. Petrópolis: Vozes, 1936.

LAHIRE, Bernard. **Retratos Sociológicos: disposições e variações individuais**. Porto Alegre: Artmed, 2004.

LÉVI-STRAUSS, Claude. **Antropologia Estrutural**. São Paulo: Cosac naify, 2008.

KLOPPENBURG, Boaventura. **A Maçonaria no Brasil**. Petrópolis: Vozes, 1961.

KUPER, Adam. **Antropólogos e Antropologia**. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1978.

MAUSS, Marcel. **Sociologia e Antropologia**. São Paulo: Cosac naify, 2005.

MICELI, Sérgio. **Elite eclesiástica brasileira**. 2. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.

OLIVEIRA, Pedro A. Ribeiro. **Estrutura de Igreja e Conflitos Religiosos**. In: SANCHIS, Pierre. **Catolicismo: modernidade e tradição**. São Paulo: Loyola, 1992.

OLIVEIRA, Wilson José Ferreira. Posição de classe, redes sociais e carreiras militantes no estudo dos movimentos sociais, **Revista Brasileira de Ciência Política**, n. 3. Brasília, jan /jul 2010, p. 49-77.

PIERUCCI, Antonio Flávio. Secularização e declínio do catolicismo. In: DE SOUZA, Beatriz Muniz; MARTINO, Luís Mauro Sá. **Sociologia da Religião e Mudança Social**. São Paulo: Paulus, 2004.

RIBEIRO, Caio. Catolicismo. In: **Dicionário de História de Pelotas**. Pelotas: EDUFPEL, 2010.

\_\_\_\_\_. **Elite política e elite religiosa: continuidades e descontinuidades na República Velha em Pelotas (1910-1920)**. 2008. 40f. Monografia da Especialização – Programa de Pós-graduação em Sociologia e Política. Universidade Federal de Pelotas, Pelotas.

RUPERT, Arlindo. **História da Igreja no Rio Grande do Sul**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 1998 (Vol. 2).

\_\_\_\_\_. **História da Igreja no Rio Grande do Sul**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 1994 (Vol. 1).

SACCO DOS ANJOS, Flávio; CALDAS, Nádia. Pluriatividade e Ruralidade: Falsas Premissas e Falsos Dilemas. In: CAMPANHOLA, Clayton; SILVA, José Graziano da. (Orgs.). **O novo rural brasileiro: novas ruralidades e urbanização**. 1.ed. Brasília, DF: Embrapa Informação Tecnológica, 2004, v. 7, p. 71-105.

SCHECHNER, Richard. **Between theater and Anthropology**. Philadelphia: The University of Pennsylvania Press, 1985.

\_\_\_\_\_. **Performance theory**. New York: Routledge, 2008.

SEIDL, Ernesto. **A Elite eclesiástica do Rio Grande do Sul**. 2003. 462f. Tese de Doutorado - Programa de Pós-Graduação em Ciência Política. Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre.

SERBIN, Kenneth. Os seminários: crise, experiências e sínteses. In: SANCHIS, Pierre. **Catolicismo: modernidade e tradição**. São Paulo: Loyola, 1992.

\_\_\_\_\_. **Padres, celibatos e conflito social: uma História da Igreja Católica no Brasil**. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.

TURNER, Victor. **Dramas, Campos e Metáforas: Ação simbólica na sociedade humana**. Niterói: EDUFF, 2008.

\_\_\_\_\_. **From ritual to theatre: the human seriousness of play**. New York: PAJ, 1982.

\_\_\_\_\_. **O Processo ritual:** estrutura e antiestrutura. Petrópolis: Vozes, 1974.

\_\_\_\_\_. **The anthropology of performance.** New York: PAJ books, 1987.

WINKIN, Yves. Erving Goffman: retrato do sociólogo enquanto jovem. In: GOFFMAN, Erving. **Os momentos e seus homens.** Seleção e apresentação Yves Winkin. Trad. Isabel Narciso. Lisboa: Relógio D'Água, 1999, p. 12-96.